

PARTIDOS TOMAM POSIÇÃO SOBRE PACOTE DOIS

Impopularidade certa eficácia duvidosa

Como se esperava, as reacções às medidas de austeridade anunciadas pelo Primeiro-Ministro sucedem-se a um ritmo que fala da impopularidade das mesmas.

O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, afirmaria, ontem, à saída do Palácio de Belém onde se encontrou com o Presidente da República: «Estas novas medidas de carácter económico tomadas pelo Governo, como o PCP anteviu para as primeiras, entradas em vigor a partir de Fevereiro deste ano, continuarão a não resolver a crise económica e financeira nacional». O líder do PCP acrescentaria ainda: «Como se sabe, as medidas de Fevereiro, tendo em conta os números conhecidos, não alcançaram os objectivos que seriam de desejar, bem pelo contrário. O défice da balança comercial, que em 1976 foi de 28 milhões de contos, nos cinco primeiros meses de 77 su-

biu a 48 milhões, o que já traduz um aumento de 71 por cento em relação ao ano anterior». Álvaro Cunhal referiu ainda que no respeitante à balança de pagamentos, «tudo leva a crer que o défice seja muito superior ao de 76».

Interrogado sobre uma possível participação do seu partido no possível «Plano de Emergência», referido por Mário Soares, Álvaro Cunhal chamou a atenção para as conclusões difundidas após a reunião do Comité Central do PCP, em que se apontou «a necessidade de uma alternativa democrática», que não levasse à recuperação capitalista, mas a uma recuperação económica de Portugal, «afinal, a solução constitucional sobre a qual se especulou muito, mas que é uma solução prevista na Constituição», ou seja, a convocação de eleições gerais e dissolução do Parlamento.

Recorde-se ainda que numa

nota da SIP do PCP enviada aos órgãos de Comunicação Social, se diz: «As medidas anunciadas pelo Primeiro-Ministro só confirmam que o Governo, em vez de mudar de rumo, ainda mais se enrola na onda da sua política entreguista e dá novos passos na função que assumiu, de fiel gestor dos interesses do grande capital e do imperialismo». O MDP-CDE, a FSP, o MES e a Liga Comunista Internacionalista carregaram também o tom das críticas ao chamado «pacote dois» que afirmam lesivo dos interesses dos trabalhadores e, numa maneira geral, dos interesses nacionais.

AS POSIÇÕES DE OUTROS PARTIDOS

«O CDS tem críticas severas a fazer, relativamente às medidas governamentais anunciadas», — diria Sá Machado, ontem, quando em representação

do seu partido, com Emídio Pinheiro, acabava de sair dum reunião tida com o Presidente da República em Belém. Disse ainda Sá Machado que o seu partido é receptivo à ideia de um projecto de salvação nacional, desde que se trate dum coligação governamental à direita: PS - PSD - CDS.

Também o PSD, num longo comunicado emitido pelo seu Gabinete de Relações Públicas, faz críticas duras às medidas agora dadas a público e, indo mais longe, à própria actuação do Governo em matéria de política económica e financeira. Fala ainda da crise política e acentua que a desvalorização «não é fruto dum política económica coerente, mas sim fruto de circunstâncias de momento e de motivos externos». E pergunta-se no comunicado do PSD: «Até onde irá a desvalorização do escudo, sabendo-se que não há

Continua na pág. 16



Adelino Teixeira, o carpinteiro

Sousa Santos, o médico

EQUAÇÃO AO FECHAR DA "VOLTA"

**Carpinteiro ou médico:
por 50 contos
e uma coroa de louros**

(Págs. 12 e 13)

Fogo na Embaixada dos EUA em Moscovo

Um incêndio, de causas ainda não apuradas, destruiu três andares do edifício da Embaixada dos EUA em Moscovo. Ao que parece, o tecto do prédio ruíu. Só uma pessoa morreu. Os quarenta funcionários e suas famílias que residiam no prédio foram evacuados e nada sofreram

(Pág. 10)

SEGUNDA-FEIRA

CR vai apreciar resoluções do Governo

O Conselho da Revolução reúne-se na próxima segunda-feira no Palácio de Belém para apreciar os diplomas aprovados anteontem pelo Governo — as medidas de austeridade já largamente divulgadas desde a sua comunicação ao país pela televisão no mesmo dia à noite.

A reunião do CR da próxima segunda-feira começa de manhã às 9 e 30 e a informação que nos chega através da DGI diz que a reunião se faz nos termos do artigo 277 da Constituição da República Portuguesa.

Do artigo invocado consta que «todos os decretos remeti-

dos ao Presidente da República para serem promulgados como lei ou decreto-lei ou que consistam na aprovação de tratados internacionais serão simultaneamente enviados ao CR, não podendo ser promulgados antes de passarem cinco dias sobre a sua recepção no Conselho». Depois, no caso de

o Presidente da República reconhecer urgência na promulgação, deverá dar conhecimento ao CR, do propósito de promulgação imediata.

E se o CR tiver dúvidas sobre a inconstitucionalidade de um decreto e deliberar apreciá-lo, comunicará o facto no prazo referido (de cinco dias) ao PR, para que não efectue a promulgação.

Por último, «de liberada pelo Conselho ou requerida pelo PR a apreciação da constitucionalidade de um diploma, o CR terá de se pronunciar no prazo de vinte dias, que poderá ser encurtado pelo PR, no caso de urgência».

Dada a importância das matérias em questão, admite-se que o CR emita comunicado no final da reunião, excepcionalmente.



PARA ONDE NOS LEVA ESTA POLÍTICA DE DIREITA?

Quase um terço dos operários portugueses está já abaixo do nível de subsistência. Leia no «DL» de segunda-feira o artigo de Celso Ferreira

Como vai o campesinato no País que foi de Abril

(Centrais)

sete
PONTO
sete



Conforme anunciamos na nossa edição anterior, o «DL» de hoje inclui o «Sete-Ponto-Sete», que revela em primeira mão algumas das principais medidas contidas no «pacote-3». Dificuldades de vária ordem não permitiram a confirmação de alguns factos, que o «Sete» continuará a tentar obter, lembrando que o «Watergate» levou meses. No suplemento, iniciamos a publicação de uma série de artigos sobre o Cinema Português, que, como se verá, continua na clandestinidade.



TISSOT



RENAULT

INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT, S.A.R.L.

Black & Decker

Av. Liberdade 233
Tel. 536 121
Lisboa 2

Reportagem nas páginas de desporto

Pelo enviado especial Neves de Sousa

NEM ÓDIO, NEM SAUDADES

Do último trecho de uma narrativa amarga, a fazer fé no título, poderá depreender-se que a mensagem de Rodrigues Soares aos seus leitores se cifra no moralismo da sentença: **Da guerra não guardo ódio ou saudades.** Mas aqueles dois anos de juventude gastos num esforço vão, marcaram-no profundamente. Nos doze quadros em que o «Diário de Notícias» apresentou a narrativa, mais do que a descrição dos acontecimentos, conta e impressiona o traumatismo psicológico. Não se podem ler as páginas de Quem foi à guerra, de Rodrigues Soares, sem meditar nos grandes e pequenos responsáveis da desmoralizante perda de tempo, de ilusões e de vidas que se ofereceu à juventude portuguesa.

Rodrigues Soares é amargo no pensamento e nas palavras: «Aqueles três meses tinham bastado para me transformar. Perder muito da paz que me caracterizava. Tinha emburtecido. Não compreendia a razão porque lutava, até porque nunca tinham feito sentir. Não compreendia esta razão, como muitas outras. Tinha-me feito desembarcar numa terra que não conhecíamos e nela nos obrigavam a combater. Fizemos detectar minas por processos rudimentares e arcaicos. Prepararam bons condutores, bons clarins, bons cozinheiros ou até bons atiradores, para depois lhes pôr um ancinho ou uma «pica» nas mãos». E a conclusão surge com clareza: «Era verdade que os macondes nos faziam a vida negra, mas havia, por certo, outras coisas a contribuir para essa vida: a má organização, a má preparação, o mau equipamento e os maus chefes».

Esta acusação é séria. A experiência do narrador e a sequência da narrativa justificam-na. E a história deste combatente-narrador não é um caso singular. Ele di-lo com simpatia: «Aconteceu na minha vida, como na de muitos milhares de outros portugueses». Há quem o tenha esquecido. Há quem tenha já esquecido que o «25 de Abril» libertou Portugal e libertou os militares portugueses desta experiência extremamente negativa. Negativa no plano técnico; negativa no plano político; negativa no plano moral. Foram milhares de jovens portugueses que viveram essa experiência, que por ela ficaram marcados, que a não esquecem. Mas há responsáveis que já se esqueceram das suas pesadas responsabilidades. O texto de Rodrigues Soares aviva a memória, é memória viva.

SERVIÇO DE INFORMAÇÕES DA REPÚBLICA

Consta que até ao fim do ano será institucionalizado um «Serviço de informações da República» que será colocado na dependência directa do Presidente da República e que não será uma duplicação funcional de outro, ou de outros, serviços de informação existentes. A notícia correu imprensa e não foi desmentida. E parece que está assente a vinculação ao Presidente da República mas que não existe consenso quanto à instância que nomeará o responsável executivo do Serviço de Informações da República.

O facto do actual Presidente da República ser um militar não facilita a questão. Pelo contrário poderá contribuir para uma eventual militarização de um serviço de defesa da Constituição, das Instituições democráticas e da Independência Nacional que deverá estar imune de controlos sectoriais ou conexões que se podem estabelecer a partir de um tipo preferencial de recrutamento e de uma orientação estereotipada pela de serviços clássicos e específicos.

Acresce que se não existem proprietários exclusivos do interesse nacional, a Constituição indica linhas de orientação precisas nesta matéria. Daí pensar-se com preocupação, em meios políticos e militares, na metodologia de escolha e no processo oficial de designação de um alto funcionário que bem poderá vir a ter o título de Provedor do Serviço de Informações da República.

PREPOTENTE E FASCIZANTE

Anda um homem toda uma vida, segundo os diferentes momentos políticos e as fases de uma luta prolongada, a terçar armas contra o fascismo no plano da vida académica, no plano cultural, na barra dos tribunais, nas tribunas das campanhas eleitorais ou de congressos e reuniões democráticas; conheceu um homem a política de Salazar, as noites das cadeias e os dias da censura à imprensa; entregou-se um homem a uma vida de activista político, como aderente de um partido aceitou responsabilidades de governante, e o primeiro patrão ofendido da benemérita associação corporativa, na função e na alma, das lusitanas farmácias, permitte-se chamá-lo de «prepotente» e de «fascizante».

Do desrespeito pelo ministro, o Governo de direcção socialista que proteste. Nós registamos — e o registo é já um protesto — a ofensiva liberdade de expressão com que um qualquer patrão de farmácia se arroga a petulância de insultar o antifascista Armando Bacelar chamando-lhe «fascizante».

Não conhecemos o professor de Democracia que se aventurou ao ridículo de dar lições de democratismo a Armando Bacelar e de vir carpir, corporativamente, que um ministro filiado no Partido Socialista tenha reagido, em palavras e em acção governativa, contra a prepotência patronal.

Claro que estamos perante um problema grave: o dos medicamentos, do seu preço, das condições de importação e de produção, das condições de fornecimento, dos negócios que medram à custa da saúde pública. Pensamos que estes «empreendedores» beneficiam de uma espantosa indiferença do Estado. Contudo as disposições constitucionais são precisas e inequívocas. O Artigo 64 da Constituição, estipula: «Todos têm o direito à protecção da saúde e o dever de a defender e promover» e a alínea e) do mesmo artigo estabelece que ao Estado incumbe prioritariamente: «Disciplinar e controlar a produção, a comercialização e o uso dos produtos químicos, biológicos e farmacêuticos e outros meios de tratamento e de diagnóstico».

Esta ofensiva «chilena» dos patrões de farmácia, alerta-nos para a necessidade de concretizar o que a Constituição determina.

Regras "mais atraentes" para investimento estrangeiro

A publicação de um novo Código de Investimentos Estrangeiros mostra de «forma inequívoca» a determinação do Governo «em criar condições de atracção» ao investimento estrangeiro, afirmou à ANOP um porta-voz do Ministério do Plano e da Coordenação Económica, que acrescentou ser o novo código «coerente com a linha de selectividade e controlo indispensáveis à defesa do interesse nacional e, ao mesmo tempo, capaz de contribuir para a dinamização do investimento».

«Muito embora — prosseguiu — se mantenham os mecanismos de defesa dos interesses nacionais, nomeadamente em material cambial, as novas regras apresentam-se para o investimento estrangeiro como mais atraentes».

Para o Ministério do Plano as condições mais favoráveis referem-se à transferência, no caso de venda ou liquidação do investimento directo, bem como à transmissão de acções, participação ou direitos entre investidores estrangeiros, que deixam de carecer de autori-

zação prévia.

O Ministério considera igualmente importante o estabelecimento do princípio genérico da liberalização «sem se deixar de acautelar os possíveis agravamentos da balança de pagamentos exteriores», no tocante às transferências de lucros e dividendos.

Por outro lado, acrescentou o mesmo informador, são criados mecanismos que permitem que o investimento estrangeiro não seja afectado pelas variações de taxas de câmbio entre a data da solicitação das transferências e a data em que as mesmas se realizam.

«É ainda intenção do Governo — precisou — definir sectores prioritários para o investimento estrangeiro, para os quais vigorará o princípio da autorização sempre concedida».

Salientou também o mesmo porta-voz a inovação do registo dos controlos de transferência de tecnologia, «que terá o maior interesse na perspectiva da defesa do interesse nacional», e a actividade a desenvolver pelo Instituto do Investi-

mento Estrangeiro, «o único interlocutor do investidor».

Quanto aos contratos de transferência, previstos em diploma regulamentar, o informador ministerial disse à ANOP que se «seguiu um caminho de relativa prudência, dada a pouca experiência existente na matéria».

«Assim — afirmou — os contratos só terão eficácia legal e poderão originar pagamentos depois de avaliados e registados pelo «Instituto, estabelecendo-se, porém, um critério genérico de avaliação — ter em conta possíveis efeitos sobre a economia nacional e a capacidade científica e tecnológica disponível no País».

Em matéria de «contas especiais», foi salientada a facilidade de os investidores estrangeiros depositarem as importâncias não transferidas em contas especiais em moeda portuguesa ou numa das moedas estrangeiras cotadas pelo Banco de Portugal à opção do não residente, vencendo os seus saldos juros à taxa em vigor para os depósitos a prazo superior a um ano.

Noticiário breve

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

O presidente da República recebeu, ontem à tarde, no Palácio de Belém, o embaixador de Portugal em Lusaca, dr. Flores de Andrade, que lhe fez uma visita de cortesia.

FRATERNIDADE OPERÁRIA

A F.O. realiza hoje, pelas 10 horas, nas instalações do Círculo Cultural de Setúbal, uma reunião de trabalho para discussão e planeamento das suas próximas actividades no distrito de Setúbal.

EMBAIXADOR DE CABO VERDE

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Medeiros Ferreira, recebeu ontem, em audiência, o embaixador de Cabo Verde em Portugal, Corsino Fortes, com quem tratou de assuntos referentes às relações entre os dois Estados.

GASOLINA NAS FORÇAS ARMADAS

A gasolina para as Forças Armadas sofreu igualmente um agravamento de cinco escudos por litro, subiu a ANOP de fonte militar.

MINISTRO DA REPÚBLICA NOS AÇORES

Importaram em cerca de 22.600 contos as duas moradias adquiridas pelo Estado em Angra do Heroísmo, destinadas à instalação, na Ilha Terceira, do gabinete do Ministro da República para os Açores, general Galvão de Figueiredo — revela o «Diário Insular».

AMARO DA COSTA

O vice-presidente do CDS, Adelino Amaro da Costa, participará, em Londres, de 1 a 3 de Setembro próximo, nas «Jornadas sobre o Agravamento da Comunidade Europeia». Estas jornadas, que são organizadas pelo grupo democrata-cristão do Parlamento Europeu, destinam-se a estudar a integração na CEE de Portugal, Espanha, Grécia e Turquia.

MEDINA CARREIRA E SOUSA GOMES NA TV

Preços vão subir em Janeiro

Os ministros das Finanças e do Plano debateram ontem na Televisão as razões da adopção do conjunto de medidas que constituem o «pacote dois» e os seus objectivos.

Medina Carreira e Sousa Gomes, embora negando a inevitabilidade da subida geral de preços como resultado das medidas de política económica anunciadas anteontem pelo Primeiro-Ministro, Mário Soares, não deixaram de mencionar a possibilidade de uma subida no preço dos transportes públicos no início de 1978, admitindo também a necessidade

de um aumento de preços no «cabaz de compras» no próximo ano.

O «descongelamento» das rendas de casa esteve também em foco, adiantando o ministro do Plano que teria de se verificar uma alteração «rodeada de grande precaução», de forma a que «as camadas mais desfavorecidas» tenham acesso a rendas escalonadas proporcionalmente aos seus rendimentos familiares. Sousa Gomes, por outro lado, reafirmou a disposição do Governo em apoiar a iniciativa privada, que actualmente não corresponde às ca-

renças do sector, da habitação, por não sentir «garantias de rentabilidade na aplicação do seu capital».

Sobre o aumento do custo da gasolina e dos combustíveis líquidos, Medina Carreira, justificou-o pela necessidade de financiamento ao Fundo de Abastecimento, pois assim «o automobilista está a financiar o consumo de certos bens essenciais».

A partir de Outubro, sintetizou o ministro das Finanças, o País tem de entrar numa rega de vida cujo lema será «produzir e poupar», já que o «grande empréstimo» de 750 milhões de dólares cobrirá apenas um período de 18 meses, após o que mais empréstimos desse tipo não serão possíveis nem prováveis.

Governo dá carta branca a Fernanda Pires da Silva

Um despacho do Governo, assinado pelo subscritor de Estado do Tesouro, Consiglieri Pedroso, determinou o «descongelamento automático» do Grupo Empresarial Grão-Pará, liderado por D. Fernanda Pires da Silva.

Trata-se de uma decisão apoiada também no ofício 4662 da secretaria de Estado do Turismo, assinado por Luís Filipe Madeira, que dá parecer positivo à medida tomada.

O facto de ser agora dada

carta branca à referida empresa para voltar ao seu negócio assume, aspectos particularmente graves, não só pelo seu significado político como pela circunstância de correr na Polícia Judiciária um processo contra Fernanda Pires da Silva e restantes administradores da Grão-Pará. O processo em questão foi instaurado pelo Ministério das Finanças da altura, não tendo ainda chegado ao tribunal por razões que se desconhecem.

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E D P

ZONA DE DISTRIBUIÇÃO DE SETÚBAL

EX-UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo Domingo, 28 de Agosto, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE ALMADA: Quebra Joelhos, das 6 h às 13 h.

CONCELHO DO SEIXAL: Santarém, Gaia Torres, Corroios, Pinheiranda, Sousa e Guerreiro, das 6 h 30 m às 18 h 30 m.

CONCELHO DE SESIMBRA: Azóia e Serra da Azóia, das 7 h às 13 h.

Lisboa, 27 de Agosto de 1977.

Pela ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E. P.
ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL
O Director
Júlio de Barros

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS



A fim de assinalar a passagem dos 125 anos do Ministério das Obras Públicas, os CTT procedem à aposição de carimbo comemorativo no átrio do Ministério, na Praça do Comércio, no dia 30 de Agosto de 1977, às horas normais de expediente.

post-scriptum

O boicote das farmácias

O boicote das farmácias ditado pela ANF revela bem a desprotecção dos interesses dos utentes dos serviços da Previdência.

Há muito que eram públicas as ameaças da ANF, porém o senhor ministro dos Assuntos Sociais, quando de uma situação de facto, limitou-se a garantir que os «beneficiários» seriam reembolsados e a informar que o boicote era punível com dois anos de prisão. Esquece-se que grande parte dos utentes não têm capacidade económica para pagar o custo global dos medicamentos; esquece-se dos incómodos e gastos consequentes das diligências para receber aquilo que é regulamentarmente devido, pois não se fala em indemnizar os utentes pelos gastos adicionais motivados pela falta de previsão de medidas que evitassem esta situação. Como se indemnizariam aqueles cujo estado de saúde se agravasse por falta de medicamentos que, por carência económica, não pudessem adquirir?

Há muito que sabíamos que a própria ameaça de boicote da ANF era um acto político desestabilizador, destinado a criar a inquietação do Povo, a fomentar o saudosismo da «tranquilidade» (para alguns), da «paz podre» do passado. Só o senhor ministro o desconhecia, pois só depois do acto consumado o assunto foi analisado pelo Conselho de Ministros. Significará isto que o Governo não programa, prefere ser conduzido pelos acontecimentos?

Onde milita quem proclama o boicote e denuncia um pacto que assinou e quais as ideias de quem mantém as condições que o permitem?

Este é um exemplo do que será (e já é) a reacção contra o estabelecimento de um Serviço Nacional de Saúde.

As dificuldades financeiras da Previdência resultam de o Estado ainda não ter assumido a responsabilidade total dos encargos que foram transferidos para o Regime Geral de Previdência. Os técnicos do MAS e da SESS sabem bem dos encargos que, desde o fascismo, vêm sendo transferidos para aquele regime, cujo financiamento deveria ser feito através do imposto fiscal, como assistência pública, extensão da acção médico social a 90 por cento da população, pensões sociais, cobertura de défices de regimes mais débeis, etc. Até agora as consequências têm-se reflectido no montante das pensões, porém a ANF não é constituída por inválidos, nem por homens no último quartel da vida; a sua decisão reaccionária revela bem a convergência de atitudes com o patronato devedor de contribuições para o aprofundamento socioeconómico da Previdência, e não só.

O boicote é um crime punível, se não à face da lei, pelo menos face ao código moral. Os farmacêuticos, se alguma razão teriam ao reclamar sobre atrasos de pagamentos, perderam-na, pois agiram sobre aqueles que são vítimas da exploração capitalista que a sua decisão secunda. Porém, um vício do passado não justifica a sua manutenção no presente.

Impõe-se a criação de condições para que a Previdência cumpra integralmente a sua função de protecção dos trabalhadores, no tempo e na medida que as condições sociais o impõem. O boicote deve constituir o despoletar da consciência nacional para uma situação cuja solução é mais urgente do que as «indemnizações» ao capital, é a confirmação de que a saúde da população não pode depender daqueles que enriquecem à custa da doença, é a justificação de que o Estado tem de assumir a função social que a Constituição lhe atribui.

C. G. — LISBOA

DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 320272

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

AS PÍLULAS E O COPO DE ÁGUA

ALFREDO MIRANDA

No seu longo e cansado discurso o Primeiro-Ministro citou por várias vezes a situação italiana e referiu-se, com uma esperança e uma possibilidade para Portugal, ao acordo que em Itália foi possível entre os partidos do arco constitucional dizendo que se tal compromisso foi possível em Itália não se compreende porque o não possa ser em Portugal.

Não sabemos se o fez com aquela ligeireza que lhe é tão característica mas dada a gravidade do assunto e a mudança de orientação política que tal atitude implicará, vamos analisar e desenvolver o que nessa sugestão se pode conter.

Importa desde logo sublinhar que se estas palavras significam o abandono da política de isolamento e ataque às forças de esquerda (fora e dentro do seu próprio partido) e o reconhecimento de que não é possível governar sem o apoio da grande força social e política que é a CGTP-Intersindical temos aqui um elemento de progresso que só pode ser bem-vindo.

Embora devamos evitar qualquer comparação mecânica entre a situação italiana e a portuguesa convirá referir o significado e alcance do acordo que em Itália foi conseguido entre os partidos do arco constitucional. O acordo entre os partidos fiéis à Constituição pôs fim a uma época de divisão e discriminação em relação às forças de esquerda ou, melhor dizendo, em relação ao Partido Comunista Italiano. Do pacto celebrado entre o PCI, PSI, DC, PSDI, PRI, PLI, resultou o isolamento das forças fascistas que se agrupam à volta do MSI. Se quisermos estabelecer um paralelo com o caso português um acordo deste tipo implicaria o entendimento entre os partidos que votaram a Constituição isolando o partido que a recusou,

que se opõe à sua letra e ao seu espírito e onde se acolitam os fiéis discípulos do fascismo.

Tal acordo implicaria desde logo o abandono dos preconceitos anticomunistas com que se debate o actual Governo. Preconceitos que procura desfazer dizendo: «Ah! Se os nossos fossemos eurocomunistas! Se Cunhal fosse Berlinguer!». É o velho provérbio: «Galinha da minha vizinha é sempre mais gorda que a minha». Mas quem assim fala nunca se deu ao cuidado de comparar a prática política no plano interno do PCI e do PCP. No plano interno, e tendo em conta as diferenças resultantes da situação histórica e económica concreta, a prática do PCP não pode ser considerada como radicalmente diferente da do PCI.

Não defende com firmeza e insistência o PCP a necessidade de «unir as forças e sectores sociais e políticos interessados no processo democrático»? Não trabalha o PCP para que se promovam iniciativas abertas, reuniões e encontros informais com democratas de outros partidos e tendências, designadamente com os socialistas?

É certo que no plano internacional a posição do PCP e a do PCI apresentam diferenças importantes, mas engana-se ou pretende enganar os outros quem afirma que no plano interno a prática dos dois partidos são muito diferentes. Quem assim fala está apenas a procurar uma falsa justificação para isolar a força política que representa a maior parte do proletariado português.

A deslocação do PS para a direita tem-no levado a uma prática política que não se distingue muito da da democracia cristã italiana e que em certos aspectos negativos se identifica singularmente com ela: por exemplo, clientelismo político, utilização partidária abusiva do aparelho de Estado e dos

meios de comunicação, ineficácia, compadrio, empirismo e oportunismo.

O sr. Primeiro-Ministro não deve ignorar que é impossível chegar a um acordo que abranja todos os partidos representados na Assembleia da República. Encontra-se assim perante três hipóteses: Ou se apela ao PPD/PSD o que actualizaria ainda mais o seu desvio para a direita e o descaracterizaria como partido, com inevitáveis reflexos no seu eleitorado e nos seus militantes. Por outro lado, se procurar o acordo do PPD e do CDS, isso só poderá significar uma santa aliança antoperária e anticomunista, uma política de centro direita não muito diferente do marcelismo. A única hipótese realista e pela qual todas as forças constitucionais se devem esforçar é a de um acordo entre os partidos que votaram a Constituição. Existem no PSD correntes genuinamente democráticas com as quais um acordo é possível respeitando o espírito da Constituição. A grande linha divisória neste País passa pelos que apoiam a lei fundamental e pelos que a combatem.

É possível chegar a acordo entre os partidos do arco constitucional mas ele terá de abranger outras forças políticas e sociais, designadamente, Forças Armadas e sindicatos.

Se o Governo persistir na sua guerrilha contra os trabalhadores terá de enveredar pela política de repressão de que infelizmente já se vêem sinais.

O discurso do Primeiro-Ministro não é, infelizmente, muito claro. Aponta de forma vaga para diversas hipóteses. Pretende lançar várias deusas no ar para ver o que acontece ficando com as mãos livres para negociar com quem lhe apetecer. Tática política bem típica

do empirismo de Mário Soares. Este tipo de atitude levanta um problema grave: será o PS o interlocutor válido ou, como no caso das regiões autónomas terá de se recorrer a outros medianeiros políticos?

A própria formulação reticente, vaga e hesitante que se encontra no discurso aconselha que não seja. Para não se tratar de mero expediente partidário o acordo programático constitucional terá de ter a sanção expressa do Conselho da Revolução e do Presidente da República.

Tal entendimento entre as forças políticas pode ou não, levar à formação de um Governo de unidade a curto ou médio prazo, mas tem de significar para já um arrepião na tendência direita actual.

O Governo não pode no mesmo discurso, sob pena de incoerência grave, acusar e ameaçar trabalhadores e forças políticas e vir depois propor-lhes (invocando o seu patriotismo) sacrifícios, austeridade e entendimentos.

Se o discurso do Primeiro-Ministro não for mais do que o insípido copo de água para nos fazer engolir as píbulas amargas recitadas pelos especialistas do Fundo Monetário Internacional o descredito do PS não parará de crescer e cada vez será maior o divórcio entre o Governo e os trabalhadores.

Mas se deseja sincera e convictamente um acordo entre as forças sociais e políticas comprometidas no projecto constitucional terá de pôr em prática imediatamente iniciativas que demonstrem a sua boa fé. O crédito político do PS e do Primeiro-Ministro está a chegar ao fim. A sua prática política a não ser corrigida urgentemente porá em perigo a democracia e as liberdades.

EUA

SERÁ "REAL" A SUA CRISE ENERGÉTICA?

IPS — Enquanto o plano energético dos Estados Unidos sofreu alguns reveses no Parlamento e os conselheiros do presidente percorrem o país à procura de apoio para a iniciativa, adquirem nova dimensão as declarações formuladas por uma personagem que afirma que Carter fornece informações falsas ao mundo sobre este problema. Este homem é Ralph Nader, que se tem dedicado a defender os norte-americanos dos abusos das grandes empresas, ao combate à contaminação ambiental e aos indícios norte-americanos, vítimas de exploração.

Nas suas campanhas, Nader obteve grandes êxitos, como uma nova lei sobre segurança nas estradas, a seguir a denunciar as empresas de automóveis por venderem produtos mortais. Ganhou prestígio porque nunca tirou proveitos das suas actividades, pois o dinheiro que faz com as suas publicações é destinado ao financiamento do Centro Nader para o estudo de uma legislação responsável. É um homem que sempre se baseia em informações correctas.

Duas semanas antes do presidente Carter dizer ao mundo que o seu país vivia uma grave

crise energética, Nader foi entrevistado por Larry Russell, a quem salientou que, de todos os projectos em que estava empenhado, o mais importante era o destinado a «combater o síndrome de grandes mentiras perpetrado pela administração do presidente Carter».

Nader acrescentou que Carter se estava a preparar para se dirigir ao Congresso e ao mundo «com informações falsas» e potencialmente perigosas, pois «tencionava afirmar que os Estados Unidos estão no umbral de uma severa crise energética».

Duas semanas mais tarde, Carter fez uma declaração nos termos previstos por Nader, que defende que os objectivos de Carter são conseguir que a opinião pública norte-americana aceite o desenvolvimento contínuo e intensivo das indústrias nucleares. Em sua opinião, trata-se de uma «conspiração» em que participam as próprias empresas multinacionais que controlam o petróleo, como a Exxon, Texaco e Consolidated Coal, que abriram agora divisões nucleares nos seus vastos negócios.

As investigações levadas a cabo por Nader demonstram que, no Alasca, as reservas de petróleo ascendem a cem mil

milhões de barris de petróleo, a que há que acrescentar as reservas que possam existir em grandes regiões desse território que ainda estão por explorar. Isto deita por terra a afirmação do governo que afirma que, no Alasca, só há nove mil e quinhentos milhões de barris de reserva. Calcula-se que, em Wyoming, Colorado e Utah há mais de três biliões de barris de reserva e, ao considerarmos estas cifras, deve-se ter em conta que o consumo total de petróleo nos Estados Unidos durante 1976 foi de seis mil e quinhentos milhões de barris.

Com base nestas cifras, Nader afirma que os Estados Unidos têm suficientes reservas de petróleo para os próximos quinhentos anos, e carvão e gás para mil anos, pelo menos.

Em que consiste então o problema?

Na opinião de Nader, há duas circunstâncias que motivam a atitude do actual governo norte-americano. Uma delas é a influência das grandes companhias multinacionais que agora se dedicam à indústria nuclear, por ser rentável. Por essa mesma razão, estão paralisados os projectos de aproveitamento de energia solar, uma vez que não é possível aos grandes con-

FRIDA MODAK

sórcios monopolizar o sol. E, a esta pressão das grandes empresas, soma-se uma distribuição errónea dos recursos e da energia.

Estas afirmações, feitas por um homem que tem conseguido fazer-se escutar pelo Congresso e pelo governo dos Estados Unidos face a outros problemas, adquirem uma importância especial à luz, não só do plano energético que Carter oferece ao seu país, mas também em relação a outras políticas do presidente.

Entre as iniciativas lançadas por Carter, conta-se a da não proliferação nuclear, que abarca a utilização da tecnologia nuclear para fins pacíficos e propõe que se celebre um acordo internacional sobre esta matéria.

Mas, com os antecedentes já citados, cabe perguntar se as intenções são tão puras como se pretende ou se, no fundo, reside o propósito de proteger um bom negócio das empresas multinacionais, tão bem representadas no gabinete do actual presidente dos Estados Unidos. As declarações de Nader dão que pensar e merecem uma investigação.

Diário de Lisboa

PINHEIRO DE

FOR
I
QUA

QUALIDADE
DE
INFORMAÇÃO

O 2.º lugar

(em expressão nacional

e em vendas) entre os

quotidianos da tarde e o mais

lido (por exemplo) entre um

público, socialmente activo,

desde os 15 aos 43 anos



Octavio
Morgem Sal
pág. 1



ança tem
eu dia

N. 10112

de
de
de

**DOMINGO, DIA 28
NO VALE DO JAMOR
VÁ CONHECER O LOCAL
ONDE SE ESTÁ A ERGUER**

**A FESTA DO
Avante!**

**A PARTIR DAS 9 HORAS
JORNADA DE TRABALHO**

**AS 12.30 HORAS
CONVÍVIO COM A PARTICIPAÇÃO DE**

**CARLOS MONIZ
MARIA DO AMPARO**

GRUPO TROVANTE

JOSÉ BARATA MOURA

ENTRADA LIVRE

**SEGUNDO SORTEIO DE BRINDES
DAS EP**

(ENTRADAS PERMANENTES)

COMPRA A SUA EP

(ENTRADA PERMANENTE NA FESTA DO «AVANTE!»)

**A TEMPO DE PARTICIPAR
NO SEGUNDO SORTEIO**

BRINDES: Uma motorizada «Casal». Um frigorífico
de 230 litros. Um fogão de cozinha, com forno. Um
aquecedor de 10 litros. Uma biblioteca no valor de
1000 escudos e mais 20 brindes

**A EP
DÁ DIREITO
A 3 DIAS DE FESTA**

**FESTA DO
Avante!
9-10-11 • SETEMBRO**

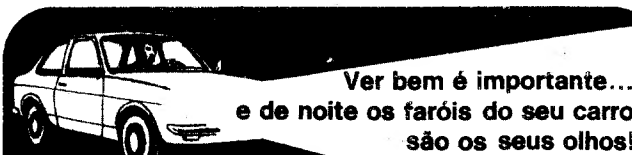
**Sindicato
dos Professores**

Rua das Gaivotas, 6 — Telef. 60 66 97
Rua do Conde Redondo, 22, 1.º — Telef. 55 65 30

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os professores que termina-
ram este ano o Curso Especial da Escola do
Magistério, para uma reunião que se realiza
pelas 14.30 horas do dia 29 de Agosto, na
sede do Sindicato na Rua das Gaivotas, 6.

ASSINA: O Secretariado do Sector



**Ver bem é importante...
e de noite os faróis do seu carro
são os seus olhos!**

circular e viver.

Ensino Primário no Porto: três professores para cada vaga

PORTO, 27 — Neste País onde a obrigatoriedade do Ensino Primário foi instituída há mais de um século, onde a percentagem de analfabetos é ainda elevada e onde muitas escolas das regiões do interior continuam a ter dificuldades para preencher anualmente as vagas de professores existentes, é ainda possível ver mais de 1700 candidatos a concorrerem em massa, num só distrito (Porto) para ocuparem menos de 500 lugares disponíveis. Esta situação diz respeito aos professores agregados do distrito do Porto que após a publicação,

feita ontem, das escolas a concurso, se apressaram a entregar a respectiva documentação nos serviços escolares do distrito. A escola da Rua da Torrinha foi ontem pequena para conter o grande número de candidatos concorrentes aos lugares vagos. Saliente-se ainda que este ano houve reduções em cerca de 600 escolas que, por isso, não figuram na lista das que poderão ser ocupadas pelos actuais candidatos. Os que não obtiverem colocação no Porto passarão a integrar as listas dos outros distritos com vista à sua distri-

buição de acordo com as vagas que houver. Para além da falta de escolas em várias regiões e do facto de outras se encontrarem praticamente em ruínas, já não falando no número de crianças que terá de caber a cada professor (com as consequentes implicações no nível do rendimento escolar) saliente-se ainda que no ano passado foi instituído o «número clausus» para as Escolas do Magistério e que, ainda assim, o número de novas salas de aula sobe a um ritmo muito inferior ao da formação de novos professores.

ISCSP: exames em Setembro

Com oito meses de atraso e com a escola encerrada desde 28 de Dezembro de 1974, os alunos do Instituto Superior de Ciências Sociais que deviam ter efectuado exames no mês de Janeiro do corrente ano, são agora avisados pelo MEIC de que tais exames terão lugar nos dias 5 a 10 de Setembro.

Viram a sua escola encerrada, com intervenção policial, viram o Instituto acusado de degradação pedagógica e administrativa, ouviram insultos e calúnias de toda a ordem (a venda de revistas, a comunicação de Sottomayor Cardia ao País), tiveram uma sindicância, e uma comissão para apurar da realidade do ISCSP. E nada foi provado. E a partir de Janeiro nunca mais tiveram aulas. Nem acesso à biblioteca. Nem garantias do que seria o seu futuro. Depois o Instituto foi desintegrado e os alunos enviados para escolas superiores como o ISE e o ISCTE. Hoje o MEIC marca-lhes exames para Setembro, como se nada tivesse acontecido.

PORTAGEM VILA FRANCA-CARREGADO

Preços em vigor a partir de terça-feira

Os preços de portagem do troço da Auto-Estrada do Norte entre Lisboa e o Carregado, agora ampliado pelo novo e importante «nó» estabelecido em 8,2 quilómetros desde Vila Franca de Xira à última localidade e vice-versa, entram em vigor ao princípio da madrugada (zero horas e um minuto) de terça-feira, 30.

Nos últimos dias, talvez por não estar ainda à cobrança o preço da portagem, o movimento de viaturas tem sido excessivo. O tráfego, segundo os responsáveis, está a desorganizar-se sem problemas e, pela amostra, sente-se que a fila de carros, por vezes interminável, roncadora e «engasgada» que se costumava formar no troço velho agora substituído, sobretudo nos fins-de-semana, dificilmente se repetirá com a nova ampliação.

Para além da poupança no material em resultado da suavidade do piso, das melhores condições do novo troço, um outro aspecto haverá que

realçar, decorrente daquele: o convite à velocidade, o que sempre aconteceu nos poucos quilómetros de auto-estrada que temos. Como há dias informámos, prevê-se que naquele troço, onde antes se gastava cerca de uma hora, não sejam precisos agora mais que oito/nove minutos.

Entretanto, e para que os automobilistas interessados façam os seus cálculos, adiantamos os preços das taxas de portagem Vila Franca de Xira-Carregado: classe A (motociclos), 75\$00; classe B, (veículos automóveis ligeiros de passageiros, com dois eixos separados por uma distância igual ou inferior a 202 centímetros), 75\$00; classe C (veículos automóveis ligeiros de passageiros, com dois eixos separados por uma distância superior a 202 centímetros), 125\$00; classe D (veículos automóveis ligeiros com reboque e veículos automóveis de carga e passageiros, com dois ou mais eixos

com roda simples), 125\$00; classe E (veículos automóveis pesados com dois eixos), 205\$00 e classe F (veículos automóveis com três ou mais eixos), 255\$00.

Traficantes de haxixe detidos em Custóias

PORTO, 27 — Os três indivíduos — duas mulheres e um homem — implicados no tráfico de cerca de 15 mil contos de haxixe, conforme o «DL» noticiou, encontram-se detidos na cadeia de Custóias. Segundo o processo, já remetido pela PJ ao tribunal, os presos, Ana Maria Nogueira Peres, de 22 anos, de Madrid, Maria Dolores Serra Caldentey, de 22 anos, filipina e estudante em Londres, e Juan Maria Cabello Sanz, de 31 anos, de Palma de Maiorca, estão altamente ligados à comercialização da

droga e integram uma quadrilha internacional que actua noutros países da Europa.

Recorde-se que no passado mês de Julho elementos da Brigada de Estupefacientes da PJ interceptaram, no porto de Leixões, um automóvel desaparecido de Casablanca e no qual se encontravam escondidas 550 tabletes de haxixe. Na altura, foram presas as duas mulheres após o que viria a ser detido o Juan Sanz, principal responsável neste caso de tráfico de haxixe.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

SUBSÍDIO ESCOLAR

A partir do dia 1 de Setembro, encontram-se nas Delegações e Sede deste Sindicato os impressos relativos à atribuição de subsídio escolar que deverão ser levantados conjuntamente com o respectivo regulamento.

Tais impressos poderão ser requisitados aos Delegados Sindicais.

A DIRECÇÃO

PUB.

A política e as palavras

de Álvaro Mateus

DAR O SENTIDO REAL DE ALGUMAS PALAVRAS, CONCEITOS E EXPRESSÕES CORRENTES NA LINGUAGEM POLÍTICA, DE FORMA SIMPLES E ACESSÍVEL, EIS POIS, O PROPÓSITO DESTES LIVROS. UM LIVRO NECESSÁRIO A TODOS OS QUE PRETENDAM MELHORAR A SUA FORMAÇÃO POLÍTICA. UM LIVRO DE INTRODUÇÃO À POLÍTICA.

Preço: 70\$00

CDL a distribuição

DEPARTAMENTO DE VENDA DIRECTA CDL

Rua Pedro Nunes — 9 A — Lisboa 1

Desejo receber exemplares do livro
para o respectivo pagamento envio esc. \$00
em cheque n.º vale do correio n.º
sobre banco/estação de correio

Nome
Morada
Localidade

Banco de Portugal comenta alterações na política cambial e nas taxas de juro

Na sequência das resoluções do Governo anteontem anunciadas ao País pelo Primeiro-Ministro Mário Soares, o Banco de Portugal emitiu ontem um comunicado pormenorizando alguns aspectos que vão caracterizar a situação cambial e das taxas de juro, designadamente, e a partir de agora, o comunicado refere-se à taxa de câmbio, explicita as razões que presidiram à alteração da política cambial; procede de igual modo em relação às taxas de juro apontando para os objectivos que os aumentos neste campo pretendem atingir; faz um confronto entre o sistema antes em vigor e o que doravante passa a vigorar; enuncia, finalmente, algumas conclusões a extrair do conjunto de medidas de carácter financeiro em questão.

TAXA DE CÂMBIO

«No que respeita à taxa de câmbio — diz o Banco — abandona-se a política de manter estável a taxa efectiva do escudo, que se vinha a praticar desde Fevereiro último, para se entrar, a partir de agora, numa política de flutuação controlada dos câmbios. «De acordo com as decisões do Governo, a partir de agora, a taxa de câmbio efectiva — que reflecte a evolução do escudo em relação a uma medida ponderada dos câmbios das moedas dos países com que mantemos transacções — passa a estar sujeita a permanentes ajustamentos, de acordo com a diferença entre a nossa taxa de inflação intrínseca e a taxa média verificada nos nossos principais parceiros comerciais».

Para o Banco de Portugal, a alteração da política cambial obedece a uma ordem de razões. O comunicado ordena as razões:

«A de que era necessário tentar combater com uma nova política acompanhada de significativa variação nas taxas de juro, a especulação que recentemente se tem vindo a manifestar contra o escudo. E, em segundo lugar, o reconhecimento de que, após a experiência da desvalorização realizada há alguns meses, se pode concluir que uma política de câmbios fixos com ajustamentos periódicos substanciais apresenta os inconvenientes de provocar traumatismos no funcionamento de economia,

causando um poderoso impulso na taxa de inflação e possibilitando movimentos especulativos apreciáveis nas vésperas desses ajustamentos».

«Para dar credibilidade e maior segurança aos agentes económicos com a nova política cambial, o Banco de Portugal passará a anunciar com antecipação os objectivos de depreciação para períodos de 6 meses, ao mesmo tempo que fixará as correspondentes cotizações a prazo e realizará operações cambiais a 3 e 6 meses de vista. Os agentes económicos poderão, assim, fazer o seu cálculo com maior segurança e cobrir os riscos de câmbio através da realização de operações a prazo».

TAXAS DE JURO

A elevação das taxas de juro diz o Banco de Portugal que se orienta para determinados objectivos. Os objectivos:

— «encorajar as poupanças, defendendo melhor os depositantes contra os efeitos da erosão monetária provocada pela inflação»;

— «desencorajar os movimentos de capitais para o exterior através do pagamento de juros superiores aos ganhos previsíveis que possam resultar da flutuação gradual do escudo segundo o esquema anunciado»;

— «desencorajar a formação de «Stocks» especulativos de mercadorias, estimulando por créditos, elevando a taxa de juro para níveis superiores ao aumento esperado dos preços»;

— «desencorajar o crédito ao consumo de bens duradouros, que são em grande parte importados»;

— «contribuir para a racionalização das decisões de investimento, por forma a desencorajar as combinações produtivas em que apareça com grande relevo o factor capital, que é escasso e a privilegiar as tecnologias que mais possam contribuir para a absorção de mão-de-obra desempregada e para a aquisição de bens e serviços de investimento produzidos em Portugal, em condições aceitáveis»;

«Procurou-se, todavia, — diz o Banco — atenuar os efeitos negativos que o aumento das taxas de juro podem ter sobre o funcionamento das actividades produtivas de maior interesse para o equilíbrio económico nacional, sobre a reali-

zação dos investimentos mais necessários para estimular a produção nacional e a absorção do desemprego e sobre os orçamentos das famílias sujeitas a encargos com a aquisição de casa própria.

«Deste modo — conclui — os aumentos das taxas de juro agora decididos são graduados em função dos diversos tipos de operações bancárias consideradas».

CONCLUSÕES

O Banco de Portugal enuncia a seguir as conclusões a extrair duma análise do quadro anexo:

a) Nos depósitos a prazo a mais de 180 dias, até 1 ano e a mais de 1 ano, que são os mais procurados pelo público, o aumento da taxa de juro é de 4 por cento».

b) Mantém-se condições comparativamente favoráveis para a mobilização antecipada de depósitos a prazo. Há, todavia, uma pequena correcção para levantamentos feitos antes de 90 dias após a constituição dos depósitos, justificada pela necessidade de não encorajar a colocação a prazo de fundos que os respectivos detentores efectivamente desejam conservar à vista».

c) «O Banco de Portugal continuará a conceder os subsídios necessários para manter taxas bonificadas para o crédito à exportação, o crédito à agricultura, o crédito ao investimento e o crédito de saneamento financeiro. Além, disso, introduzem-se subsídios aos juros do crédito à habitação».

Deste modo: «O aumento da taxa de juro, é apenas de 2 por cento nos créditos de campanha, à agricultura, incluindo o crédito agrícola de emergência».

«Os juros do crédito para investimentos com maior impacto proporcional sobre a absorção do desemprego e com menor peso relativo sobre a balança de pagamentos não aumentam durante o primeiro ano e aumentam apenas de 2 e 3 por cento no segundo e terceiro anos respectivamente. Nos créditos para investimentos que, embora possam não contribuir de forma importante para a balança de pagamentos, são fornecidos em mais de metade pela produção nacional, há também subsídios que, grosso modo, permitem não au-

1. Taxas praticadas pelo Banco de Portugal em operações realizadas com as restantes instituições de crédito	ANTES	AGORA
1.1 Taxa básica de desconto	8%	13%
1.2 Taxa de desconto e de empréstimos caucionados		
1.º escalão	8%	13%
2.º escalão	9,5%	15,5%
3.º escalão	12%	18%
1.3 Taxa em conta corrente com garantia de títulos do Estado português	9,5%	15,5%
1.4 Taxa de desconto de livranças	12%	18%
2. DEPÓSITOS		
2.1 À vista e até 30 dias	11	
a) de empresas		
b) de particulares		
— em instituições especiais de crédito até 70 contos	4%	4%
— superior a 70 contos	2%	2%
— em bancos comerciais	1%	1%
2.2 Com pré-aviso e a prazo igual ou superior a 30 dias mas superior a 90 dias	5%	6%
2.3 A prazo superior a 90 dias mas não a 180 dias	7,5%	9%
2.4 A prazo superior a 180 dias não a um ano	11%	15%
2.5 A prazo superior a um ano	12%	16%
2.6 A prazo superior a dois anos	13%	17%
2.7 Juros a atribuir aos depósitos a prazo levantados antes do vencimento data da constituição ou mais recente renovação do depósito		
a) até 30 dias		
b) superior a 30 dias e até 90 dias	3,5%	6,5%
c) superior a 90 e até 1º 1/2	6,5%	10,5%
d) mais de 180 dias e até um ano	10,5%	
3. CRÉDITO POR PRAZO		
3.1 Não superior a 90 dias	10,25%	14,75%
3.2 Não superior a 180 dias mas não de 90 dias	10,75%	15,25%
3.3 Superior a 180 dias mas não a um ano	12%	16,5%
3.4 Superior a um ano e até dois anos	12,75%	17%
3.5 Superior a dois anos e até 5 anos	13,75%	17,75%
3.6 Superior a 5 anos e até 7 anos	14,25%	18,75%
3.7 Superior a 7 anos	14,75%	18,75%
4. SUBSÍDIOS		
4.1 Crédito à exportação		
4.1.1 prefinanciamento de execução de encomendas	3%	5%
4.1.2 financiamento à exportação		
a) até 90 dias	3%	5%
b) superior a 90 dias	3%	
(as vendas de bens de equipamento a médio prazo beneficiarão de regime especial)		
4.2 Crédito de campanha à agricultura — incluindo o Crédito Agrícola de Emergência — pecuária e pescas	3%	5%
4.3 Crédito ao investimento		
1.º ano	5%	9%
2.º ano	5%	7%
3.º ano	4%	5%
4.º ano	3%	3%
Os investimentos de tipo I caracterizar-se-ão pela aplicação de não mais de 750 contos por posto de trabalho criado e cuja composição em valor acrescentado nacional seja superior a 69%		
Os investimentos de tipo II serão os não abrangidos no tipo I mas caracterizados por uma composição em valor acrescentado nacional superior a 50%		
4.4 Crédito de saneamento financeiro	9% a 4%, em função do grau de viabilidade do respectivo beneficiário	
4.5 Financiamento à aquisição de habitação		
O subsídio corresponderá ao necessário para que as taxas de juro aumentem apenas 2,5% a 3,5% conforme as características da habitação		
5. ALTERAÇÃO DO REGIME DE SOBRETAXAS A ACRESCENTAR ÀS TAXAS DE JURO		
crédito ao consumo	2%	
até um ano	8%	
superior a um ano	10%	

mentar a taxa de juro cobrado durante os primeiros dois anos e sub-la de, apenas, 1 e 2 por cento no 3.º e 4.º anos».

«Os juros dos créditos de saneamento financeiro, concedidos nos âmbito dos contratos de viabilização, receberão subsídios de 4 a 9 por cento, em função do grau de viabilidade das empresas beneficiárias, o que implica que os aumentos

das respectivas taxas de juro serão insensíveis para as empresas economicamente mais débeis, mas viáveis».

«Os juros dos créditos à habitação são subsidiados por forma a que os encargos com amortização e juros dos devedores pela aquisição de habitação própria não aumentem, em regra, mais de 15 por cento».

«O crédito ao consumo é so-

brecarregado com aumentos das taxas de 10 a 12 por cento. Pretende-se com estes aumentos tornar menos atractivas as despesas dos consumidores realizadas com recurso ao crédito desencorajando, em especial a aquisição, muitas vezes especulativa, de bens de consumo duradouros, principalmente os importados, que têm vindo a verificar-se e estimular a poupança das famílias».

CONTINUAM OS
SALDOS

MONUMENTAIS

NAS 15 LOJAS DOS
armazéns do

CONDE BARÃO

TEM SIDO O
FIM DO MUNDO!

**OS PREÇOS
SÃO DE LOUCURA**

CHIFON ESTAMPADO
É LINDO É MESMO LINDO
1,15 DE LARGO
PADRÕES DE SONHO
VALE 110\$00 **29\$50**

CAMISAS
DA MAIS FAMOSA MARCA
CAMISAS DO MELHOR
AS MAIS MODERNAS
VALEM 350\$00 **125\$00**

TOALHAS DE MESA
COM 1,50 DE LARGO
PREÇO DE GRANDE BRONCA
AO PREÇO INCRÍVEL
DE **50\$00**

PANOS DE COZINHA
SÃO BONS
SÃO GRANDES **7\$50**

CAMISOLAS UNISEXO
EXTERIORES, SÃO MODERNAS SÃO BOAS
É MILAGRE
MESMO MILAGRE **19\$50**

VOIL BRANCO
PARA CORTINADOS
COM 2,50 LARGO
É MESMO BOM
VALE 90\$00 **29\$50**

CASEMIRAS DE TERYLENE
MODERNAS SÃO MESMO MODERNAS
MILAGRE
MILAGRE
MILAGRE
VALEM 250\$00 **50\$00**

PRONTO A VESTIR
DESCONTOS ATÉ **50%**
CONFECÇÕES — MAS DE NÍVEL
CONFECÇÕES DE QUALIDADE

**POUPE MUITO
POUPE MESMO
MUITO**

DINHEIRO

COMPRE

AGORA NOS

SALDOS

BOS

**armazéns do
CONDE BARÃO**

CARVISUL Greve dura há 15 dias

Er. traram hoje no 15º dia de greve os motoristas da Cervisul, sucursal da Sociedade Central de Cervejas, que distribui esta bebida no Algarve.

A greve destina-se a obrigar a administração da empresa a cumprir o contrato colectivo de trabalho dos rodoviários.

Um dirigente do Sindicato dos Rodoviários de Faro informou à Anop que «a situação se mantém num impasse devido à recusa ao diálogo por parte da gerência».

Innãos Silva preparam regresso à Torralta?

Beneficiando de «privilegios» QUE TÊM SIDO vedados aos trabalhadores da Torralta, Agostinho da Silva, um dos antigos administradores da empresa, tem estado a participar nos trabalhos com vista à desintervenção estatal, tendo-se deslocado há poucos dias a Tróia, para conferir um inventário.

O estudo preparatório da desintervenção tem estado a decorrer com a participação da comissão administrativa da Torralta, da Enatur, e de técnicos da confiança dos irmãos Agostinho e José da Silva, os antigos «donos». Os trabalhadores não estão representados nessas tarefas, sendo-lhes dessemado vedada a possibilidade de contribuírem com propostas e sugestões do seu interesse.

As dívidas da Torralta à banca, ao fisco e aos fornecedores ultrapassam presentemente se-

SINDICATO DE PORTALEGRE

Carta Aberta veio como agente do capital

Em alerta aos «trabalhadores das UCP's, Cooperativas, Fábricas e Serviços», o Sindicato de Agricultura do distrito de Portalegre denuncia os «contactos partidários» que os elementos da chamada Carta Aberta têm vindo a realizar no Alentejo, prossequindo uma acção que o sindicato identifica com a «dos agentes do capital e da política de recuperação capitalista do Governo», classificando-a de «traição aos

interesses dos trabalhadores».

Como recorda o comunicado sindical, a «Carta Aberta já perdeu desde Janeiro, 13 sindicatos, e das 55 eleições realizadas no mesmo período de tempo, 41 foram ganhas por listas unitárias de esquerda. Isto mostra o seu isolamento crescente e reduz aquele «movimento» divisionista à insignificante dimensão que realmente tem».

Em concreto, é referido um tal «manifesto aos trabalhadores do distrito de Portalegre». Nele, segundo ainda o documento sindical, «os senhores da «Carta Aberta» falam como se fosse um grande movimento e, desesperados, despejam um semi-número de provocações e calúnias contra os trabalhadores agrícolas, contra os operários das fábricas, os trabalhadores em geral, e suas organizações sindicais, que não se deixaram vender ao capital, como os traidores da «Carta Aberta».

O comunicado do Sindicato Agrícola evoca depois a capacidade de resposta evidenciada «por muito que custe aos divisionistas», à política de recuperação capitalista e latifun-

diária, fazendo notar que, nessa resposta, participam muitos trabalhadores das Cooperativas designadas por «democráticas», embora os caciques que as dirigem tudo tenham feito para o evitar».

AGORA A VEZ DO BAIXO ALENTEJO

Precisamente na sua última reunião, normal, eis que a Carta Aberta ultimou seus preparativos para nova deslocação a terras do Sul. Desta vez, a região escolhida foi o Baixo Alentejo, onde a «Carta» estará nos últimos três dias do mês corrente. Por outro lado, de acordo com o breve documento distribuído naquele «movimento de intervenção» está a analisar a inoperância das Comissões de Conciliação e Julgamento, «matéria a discutir oportunamente com os Ministérios do Trabalho e da Justiça». Outro problema, a reestruturação da Imprensa ocupa as atenções «cartistas». Ainda ontem, ao fim da tarde, elementos da Comissão de Redacção estiveram, na Secretaria de Estado da População e Emprego, para entrega de propostas.

CCTV farmacêutico em fase de conciliação

O Ministério do Trabalho manifestou o desejo de que seja proveitosa a fase de conciliação do CCTV dos trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos, na primeira reunião que ontem decorreu naquele Ministério, entre as Comissões Negociadoras Sindical e Patronal e representantes do MT, do MIT e do Ministério do Comércio.

Ontem apenas foi marcado o calendário das reuniões que deveriam ter começado no passado dia 22 mas que o MT adiou para ontem. Os trabalhos prosseguirão na próxima terça-feira, tendo-se fixado as tarefas, quintas e sextas-feiras para as reuniões de conciliação.

O processo negocial deste CCTV iniciou-se há cerca de oito meses, acabando os repre-

sentantes das Associações Patronais, no passado dia 21, por recusar a continuação das negociações directas, e requerendo nesse mesmo dia, ao Ministério do Trabalho, a conciliação. Esta atitude dos representantes do patronato contrariou acordos entre as partes, registados em acta, além de não respeitar o prazo previsto na lei, para executar tal recurso.

Como manifestação de repúdio, os trabalhadores paralisaram durante meia hora — das 11 às 11 e 30, no passado dia 28, mostrando-se dispostos a usar formas de luta progressivas se também nesta nova fase, o patronato continuava a boicotar sistematicamente os trabalhos, como o fez nas negociações directas.

Movimento Sindical pela Constituição

Num público alerta a todos os trabalhadores para que defendam a lei fundamental do País, o secretariado da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical Nacional divulgou um documento em que faz contrastar a actuação do Governo perante as grandes conquistas do nosso Povo consagradas na Constituição.

O texto aborda, fundamentalmente, as nacionalizações, a Reforma Agrária, o controlo operário, direitos dos trabalhadores, contratação colectiva e nível de vida, realidades que a Constituição define como irreversíveis mas que, na pers-

pectiva do Movimento Sindical, o Governo da direcção do PS está a pôr progressivamente em causa.

Basicamente — lê-se no documento — o Governo «prefere defender os grandes capitalistas e agrários, atacar a melhoria das condições de vida dos trabalhadores conseguida após o 25 de Abril e preparar o terreno para a volta ao poder dos grandes exploradores do Povo e do País». No entanto, «a Constituição determina que o objectivo do Estado democrático é assegurar a transição para o Socialismo, e que lhe incumbe promover o aumento de bem-estar social e económico do País».

O DISCURSO DE SOARES

Operários de Sines

descontentes e apreensivos

Operários das mais variadas profissões em serviço no Complexo de Sines fizeram chegar até nós um abaixo-assinado em que rebatem afirmações do Primeiro-Ministro, na sua última comunicação ao País, pela TV, designadamente as que, na opinião dos subscritores do documento, são «mais fortemente antitrabalhadores». Trata-se da primeira resposta operária ao discurso chegada até nós.

De forma irónica, é referido o comportamento do Governo PS em casos como a ARB, a Copam, J. Pimenta, Metalúrgica Duarte Ferreira, Têxtil Manuel Gonçalves, Mondorel, Sannimar, vários supermercados, etc. para desmentir que o Governo tenha conseguido certa acalmia «sem utilizar a repressão». A propósito, são ainda evocados acontecimentos recentes em várias localidades do Alentejo, a violência das autoridades policiais contra os estudantes no Porto e a morte dum operário, por altura do julgamento de Rui Gomes. «Somos de facto o País mais calmo da Europa» — volta a ironizar o documento, no qual se referem ainda «os ataques à Intersindical e ao Partido Comunista Português que nos fazem lembrar o dito velho nas actual: «Onde é que nós já ouvimos isto?»

Quanto às razões da «crise», os operários de Sines lamentam que entre elas se apontem

os aumentos salariais alcançados pelos trabalhadores nos anos de 1974 e 75, quando o Governo se preparava para indemnizar com milhões de contos aqueles que sabotaram a economia nacional durante o desenrolar do processo revolucionário.

Sobre as medidas anunciadas com vista a debelar a tal «crise» e ainda sobre aquelas que se desenham no horizonte, o abaixo-assinado considera, em resumo, que elas continuam a ser do inteiro agrado dos senhores do grande capital, enquanto os trabalhadores não vislumbram qualquer regalia para eles. Por isso manifestam o seu descontentamento e apreensão.

Também a situação no Alentejo mereceu reparo. Voltamos a transcrever: «Os trabalhadores alentejanos, em vez de quererem a terra egoisticamente para eles, resolveram colectivamente um problema que é de todos. É este o crime? É isto que vos desagrada? É a isto que o Governo quer pôr fim? Certamente que ireis usar a razão da força, mas é bom não esquecer que, ao invés, os trabalhadores podem constitucionalmente utilizar a força da razão, e é bom também não esquecer que os trabalhadores da indústria estão com os seus camaradas rurais nesta luta que é afinal de todos nós».

Marinheiros rejeitam

proposta de ACT

Os marinheiros mercantes de Portugal repudiam a proposta de acordo colectivo de trabalho (ACT) dos armadores — informou à Anop o presidente do Sindicato dos Marinheiros Mercantes de Portugal.

Esta atitude foi tomada por unanimidade em reunião geral de sócios do respectivo sindicato.

Aquele dirigente sindical revelou, ainda, que 203 associados manifestaram também o seu repúdio por aquela proposta em cartas enviadas ao sindicato.

O actual ACT está em vigor desde 1975. A proposta apresentada pela entidade patronal é — na perspectiva do presidente do sindicato — «comparável ao contrato de 1952» e «retira

regalias adquiridas depois do 25 de Abril».

Entretanto encontra-se hoje reunido o plenário da Federação de Sindicatos do Mar para fazer o ponto da situação relativa à revisão do ACT da marinha mercante.

Um dirigente da federação disse à Anop que esta reunião se efectua depois de se terem realizado reuniões em vários sindicatos e em navios, acrescentando que, em todas essas reuniões, foi rejeitada a proposta patronal de ACT.

O mesmo informado revelou que têm estado a chegar à Federação por telegramas endereçados por tripulações de navios repudiando aquela proposta.

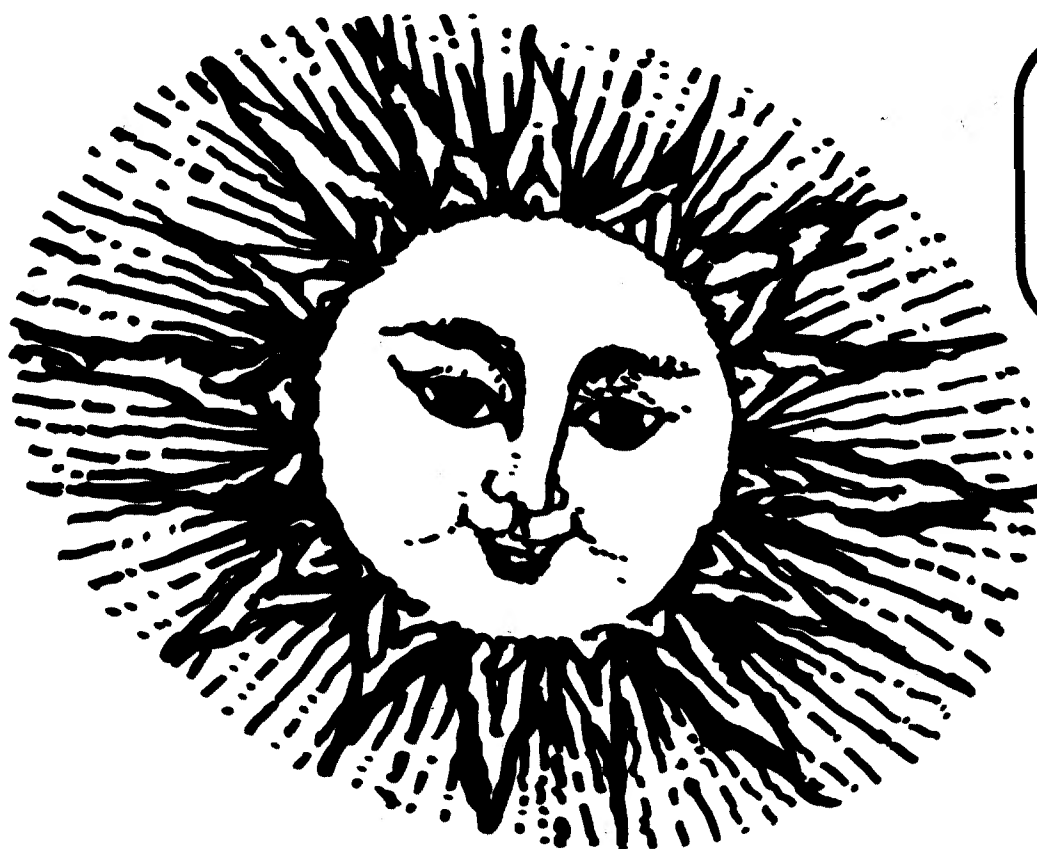
Naia Primaz

Rua do Carmo, 45
Av. Roma, 17-A
Rua Almeida e Sousa, 20-A
Rua Frederico Arouca, 45 Cascais

Rossio, 115
Av. de Roma, 17-A
R. Almeida e Sousa, 20-A
R. Frederico Arouca, 45 Cascais

SALDAM A PARTIR DE 2.ª-FEIRA

ACEITAMOS CARTÕES
SOTTO MAYOR E UNIBANCO



TURISMO, HOJE

É mais uma iniciativa do «DIÁRIO DE LISBOA», de apoio a uma actividade considerada de utilidade social. Durante algumas semanas serão aqui tratados assuntos relacionados com Turismo colaborando nesta iniciativa empresas e organismos ligados a essa actividade. A página de hoje é da responsabilidade da

Capristanos
Viagens e Turismo, S.A.R.L.

IMAGENS E VIAGENS

A Agência de viagens é vulgarmente imaginada como um espaço profusamente ilustrado por horários, folhetos e pendurantes, falando sobre os paraísos que aguardam visitas de todas as latitudes e, ainda, os esperados sorrisos "sexytravel" das hospedeiras de eficiência tradicionalmente "Airlines". Além delas, a costumada floresta de telefones e o Senhor-super que resolve os mais bichudos problemas do contínuo vai-e-vem e que quase sempre afligem a excelência das excursões. Mas esta imagem, não significa, de facto, o que deveria ser uma agência de viagens. Máquinas de escrever, telexes, telefones com os fios encolhidos ou cheios de nós, sorrisos e folhetos, nada são, se porventura os profissionais estiverem frios ou ausentes!

Os profissionais não são os que só sabem tecnicamente da profissão mas sim os que sabem tudo isto e mais alguma coisa. Essa "alguma coisa" que por o ser, parece insignificante, é afinal o toque que determina a preferência por uma certa "agência de viagens" entre tantas.

Trata-se da agilidade na maneira de combinar a técnica, com o que se tem em venda e mais a experiência.

Capristanos
Viagens e Turismo, S.A.R.L.

TÃO IGUAIS COMO SIAMESAS

Nós somos uma dessas agências! Uma certa "agência" operando há 15 anos no mercado, que vende viagens e serviços, que tem folhetos, pendurantes, e horários mas que é super-igual em Portimão em Lisboa e no Porto. Tal como o nosso serviço exclusivo CAPRITUR que diariamente une Faro a Lisboa e Lisboa ao Porto em pullmans suaves como uma pena e em tempo record, operamos no país ao sul, centro e a norte com a precisão de uma bússola em que só você dita o rumo. É tão fácil ir para a China através do balcão de Faro como viajar para qualquer parte do mundo por intermédio da sede lisboeta ou da R. de Sta. Catarina no Porto. A eficiência não é um costume exclusivo da capital! É algo que se vive onde os CAPRISTANOS o recebem. Tudo se resolve porque há sempre uma solução na manga da experiência e um serviço que encurta o tempo das dificuldades.

VOU ALI JÁ VENHO!

Ser comodista no dia de hoje é gostar de um bom lugar sentado, fofo, anatômico, aveludado, propício a voltar a cabeça para a paisagem ou a deixar o corpo em relax total. Falamos de viagem claro! E no nosso caso nada nos dá maior prazer do que servir um requintado comodista... sobretudo quando ele marca lugar no CAPRITUR!

Se ele nos escolhe lá sabe as razões! CAPRITUR, é Sua Excelência o "serviço de pullmans" que liga Porto Lisboa e Faro, com a tal suavidade da pena, serviço de bordo e a possibilidade de cruzar aristocraticamente as pernas, por muito altas que sejam, sem fracturar um joelho ou furar o banco da frente.

CapriTur

Onde você vir este símbolo, estamos nós a servi-lo numa rápida e segura viagem de 4 horas... profissionalíssima!

OS BICHOS DE SETE CABEÇAS QUE NÓS CONHECEMOS DE GINJEIRA!

Os mais conhecidos aparecem quando o Sr. Cliente não possui passaporte. Começamos sempre por acalmar o interessado dizendo-lhe com ar seguro e simpático:

— Deixe isso conosco... a equação papelada igual a urgência, é a nossa especialidade. Depois deste prólogo, é só assinar... esperar muito pouco! Esse pouco dá para resolver o resto! O resto, é preparar a viagem, fazer as marcações e pouco mais. Para nós, o essencial "pouco mais" resume-se a tarefas muito precisas que o Sr. Cliente presume mas não as assume!

AINDA ESTÁ A TEMPO! FAÇA UMAS FÉRIAS A SEU GOSTO

ALGARVE — Aldeamento Turístico "TAU" —
Praia do Carvoeiro — ESC. 270\$00/DIA/PESSOA

1 SEMANA NO FUNCHAL — Desde 2.900\$00
c/ transporte e alojamento



Se você escolheu uma destas viagens, apresente no acto de compra este cupon e beneficia de uma "ida e volta" gratuita à sua escolha Lisboa, Porto ou Faro, como partida, a utilizar até 31 de Dezembro!

**VALE UMA
IDA E VOLTA
CAPRITUR**

Lisboa
Porto
Faro

Dizem que vendem as sementes muito baratas. Dizem que produzem o azeite e não têm quem lho compre. «Em Lisboa, sente-se por vezes, a falta dos produtores e os agricultores com eles em casa a estragarem-se», constata João Diogo. Dizem que as terras dão laranjas e tangerinas mas não arranjam maneira de as levar ao mercado. Guardava em casa uma remessa de cebolas e não encontrou comprador para elas. «Assim se hei-de semear não semeio», frisa José Cabaço. Dizem que queriam criar uma cooperativa de comercialização mas não têm quem os apoie. Dizem que os intermediários compram por cinquenta e vendem por setenta. «Pedem-nos o preço já depois do azeite medido e como não possuímos vasilhame somos obrigados a vender de qualquer maneira», conta António Correia. Dizem que o 25 de Abril não trouxe benefícios aos camponeses. «Semeei vinte sacos de batata, deu-lhe a moléstia e perdi tudo...», lamenta-se António Maria.

(Cada um trabalha para si. São pequenos agricultores de Monforte da Beira, povoação do distrito de Castelo Branco).

Dizem que os médios agricultores não empregam assalariados. Dizem que podem pagar a quem lhes apanha a azeitona. Dizem que os grandes agricultores não exploram directamente a terra. «A rendam tudo aos pobres». Dizem que o Governo aumentou o preço da gasolina, da roupa, dos transportes, do pão, da vida — e não levantou os ordenados aos trabalhadores. Dizem que não apreciam ouvir o dr. Mário Soares na televisão. Dizem que o fascismo nunca acabou; que ficou tudo na mesma. Dizem que os homens da GNR por trazerem uma espingarda ao ombro recebem uma reforma de cinco ou seis contos. Dizem que os camponeses, que toda a vida tomaram o peso à enxada, recebem uma pensão de novecentos escudos. Dizem,

concluindo, que se o Governo paga bem à GNR «é para esta lhe guardar as costas».

E disseram muito mais coisas verdadeiras, os camponeses de Monforte...

SOAJO

Há quem tenha um bocadinho de terra. Há quem não tenha terra nenhuma. Há quem trabalhe para si. Há quem trabalhe por conta alheia. Há muita casa de pedra. Há espigueiros no alto dos montes que ficam bem nos projectos turísticos do «SNI». Há gente que partiu carregada de esperanças para os Estados Unidos, Canadá, França, e Alemanha. Há mulheres e crianças tratando das terras...

«Nunca fui ao Porto e ganho trinta escudos por dia», diz, rosto sério, Maria da Luz Velloso, de 20 anos. Manuel Araújo guarda três ovelhas, duas vacas e sete cabras: as pertenças de seu pai. Tem 17 anos

e uma vontade grande de ir trabalhar para Lisboa. Gostava de ser pedreiro — uma mania! Ve televisão, lê jornais e simpatiza com a esquerda. Joaquim Sequeira Gomes vive da reforma, coisa pequena, dois mil escudos. Possui uma casa e uns quintais. Quando era novo partiu para Lisboa, de saco às costas. Conseguiu arranjar trabalho. «Eu faço parte do CDS, um partido que convém a toda a gente». Entregou o bilhete de identidade, deu o nome ao sr. Alves, comerciante, o homem que tem a caixa do correio à porta. «Oh Alves já sabes como eu sou, cá o Gomes vai para onde tu fores». Diz que é socialista e também do CDS... O Gomes aos treze anos estava no Alentejo onde «lidou só com gente de galões». Diz que teve conhecimento, na altura, do julgamento do comandante Cabeçadas. Diz que tem «um bocadinho de escola».

(Falou, abusivamente, em nome dos habitantes do Soajo, aldeia típica encaçada na serra do Gerês).

«Nós aqui não queremos o comunismo, entendemos que não seja uma vida boa». Opinião contrária manifestou a miudagem, o António Fernando, de dez anos, e o José Carlos Amorim, de doze. Embrenharam-se numa acesa discussão com o velho Gomes. «Olhe que eu sei ler melhor que você, ouviu?» diz o António. E para nós com determinação: «Quando a gente, os novos tivermos

idade para votar, quem ganha no Soajo é a esquerda...» Quem duvida?

PARTIR JÁ!

Em Março de 1976, mais concretamente no dia 15, ouvia-se em Ferrel lugar do concelho de Peniche, uma curiosa palavra de ordem: «Força, força a partir essa merda já». Eram os camponeses que assim falavam, tão zangados... E referiam-se à Central Nuclear projectada para o Norte daquela localidade. Nesse dia o sino tocou durante um bom bocadinho. O povo juntou-se no adro da igreja. Encheu tractores e pôs-se a caminho do Moinho Velho, onde se iniciavam as obras de uma coisa que eles sabiam que «não prestava». Que lhe ia afectar as actividades de onde retiram o sustento: agricultura e pesca.

Alguém consultou o povo de Ferrel para a instalação da Central Nuclear?

BALDIOS

Os baldios foram sempre terrenos usados comunitariamente e onde os povos serranenses iam buscar o apoio à sua fraca economia. Al pastavam os seus rebanhos. Al colhiam lenha para se aquecer e cozer os alimentos. Al apanhavam o mato para as camas do gado. Al cultivavam, por vezes, o pão.

Em 1936 surgiu uma lei que determinava a arborização desses terrenos evocando um melhor aproveitamento e garantindo às populações a conciliação dos seus interesses com a florestação. No entanto o Governo fascista não ouviu as populações passando, assim, por cima dos seus direitos. O povo perdeu uma riqueza fundamental para a sua sobrevivência.

Os protestos e as lutas que então se levantaram foram violentamente reprimidas lançando no desespero e na miséria muitas famílias das regiões serranas. E os Serviços Florestais começaram a ser encarados como o intruso que veio contribuir para o empobrecimento das populações...

Com o 25 de Abril apareceu uma lei que decretava a devolução dos baldios ao povo. No fundamental a lei dizia que os terrenos baldios são indivisíveis, devendo os seus utentes impedir a sua divisão em parcelas. Dizia ainda que todos têm direitos iguais tanto no seu uso como no poder de decisão sobre a sua administração tendo sido estabelecido a criação de Assembleias de Utentes. Aqui seriam aprovadas todas as decisões respeitantes aos baldios.

A lei concede ao povo o direito de opção: podendo o povo gerir sozinho os baldios ou em colaboração com o Estado.

No ano de 76 Vítor Louro, na qualidade de secretário de Estado da Estruturação Agrária participou numa sessão de esclarecimento em Telhadas do Vouga, povoação onde sempre se manifestou uma resistência activa às medidas do Governo fascista que não respeitou os limites das propriedades, que se assenhoreou da água que ocupou terra indiscriminadamente.

«A lei dos baldios é entre as muitas que foram publicadas, desde o 25 de Abril de 1974, uma das mais democráticas, pois devolve ao povo toda a capacidade de decisão e toda a responsabilidade pelas

decisões tomadas. Parto, portanto, do princípio absolutamente certo de que o povo é adulto, não precisa de paizinhos. O povo não precisa que o Estado mande nele. Pelo contrário; o povo é que deve mandar no Estado...» (Extracto do discurso proferido por Vítor Louro em Telhadas do Vouga).

Foi na verdade a força organizada do povo que fez com que o Governo publicasse a Lei dos Baldios. De início esteve emperrada nos gabinetes, com rapidez o V Governo Provisório mandou a lei cá para fora.

Agora pouco se fala na lei. Será que o Governo socialista também a quer revogar?

NADA SE FEZ

Gerações de rendeiros da Herdade de Almada e Toiças, no concelho de Benavente, desbravaram com o seu suor a terra. Em 1926 metade da herdade de Almada foi dividida em lotes e arrendada a numerosas famílias, vindas de diversos pontos do País. Fizeram-se contratos que estabeleciam a obrigatoriedade do arroteamento. Embora se autorizassem as benfeitorias previa-se, no entanto, que estas ficassem na posse do proprietário. A necessidade obrigou os rendeiros a aceitarem a última cláusula.

Mais tarde em 1945 pretendam os rendeiros alterar tão injusta cláusula — que depunha nas mãos do senhorio o fruto dos investimentos que ao longo do tempo, à custa de muito trabalho, foram fazendo. A partir daí começou a perseguição. Alguns rendeiros acabaram por ser expulsos das terras que tornaram produtivas mediante acções judiciais postas pelo actual senhorio. A justiça fascista estava do lado da D. Silvina Romana Brito de Almeida Vieira da Cruz, senhora bem nascida, de nome comprido, amiga pessoal do almirante Américo Tomás.

«As sentenças dos tribunais eram sempre favoráveis à senhoria. Expulavam-nos das terras com misérrimas indemnizações que não correspondiam ao valor deixado por nós na herdade» — queixaram-se os rendeiros já depois do 25 de Abril.

Uns calaram-se já que outro remédio não tinham. E de lágrimas nos olhos abandonavam as casas que construíam pedra a pedra. Casas onde lhes nasceram os filhos, onde lhes morreram os pais...

Houve, porém outros que resistiram «não aceitando as esmolas das indemnizações». Ainda hoje se ressentem das marcas gravadas nos seus corpos pelas torturas que sofreram nas prisões da PIDE e no posto da GNR.

Em 1965 a senhoria vendeu à ex-Junta de Colonização Interna cerca de 430 hectares de terra divididos em parcelas exploradas por 65 rendeiros. Estes pensaram que o referido organismo estatal iria proceder de outra maneira. Enganaram-se. Tudo continuou na mesma. Ainda hoje...

Uma exposição contendo to-



Camponesa, viúva, sem pen

dos estes pormenores foi enviada ao ministro Lopes Cardoso. No documento pedia-se a expropriação da latifundiária Silvina Romana Vieira da Cruz e que lhes fosse entregue aos rendeiros a terra a que têm direito.

Nada se fez...

O ministro Lopes Cardoso não expropriou coisa nenhuma. E António Barreto muito menos.

FOROS

O V Governo decidiu extinguir os foros. Saiu uma lei tal como o Movimento para a Extinção dos Foros, radicado no Mondego, há muito pretendida. Mas o sistema obsoleto dos foros permanece quase intacto.

Ainda hoje no Campo do Conde, freguesia da Vinha da Rainha, no concelho de Soure os lavradores pagam pelo foro meio alqueire de milho por agulhada (540 metros quadrados) e uma galinha. No Campo do Conde há 513 proprietários com uma área média de meio hectare, por cada.

Em 1854 o senhorio directo Veríssimo José da Costa Araújo fez escritura de transacção com cerca de 250 agricultores das povoações circunvizinhas do Campo do Conde. Este senhor arrematou em juízo o domínio útil de que era senhoria a Mitra de Coimbra.

Conseguiram no entanto os lavradores, em 1854 a sua primeira vitória ao fazerem com que o foro baixasse. E como não pagavam o foro desde 1834 viram no novo contrato a dívida perdoadada. O senhorio mudou, há cerca de 25 anos. Mas o foro continua. Será que o Governo socialista

FERNANDO CARDOSO HABITAÇÃO!

Se veio de férias ou vive em Portugal não perca tempo! Adquirir um andar a Fernando Cardoso! Nos melhores locais do

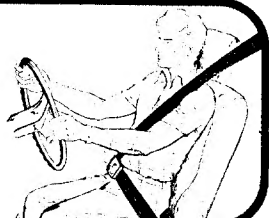
concelho do Seixal e Barreiro, casas para valorizar o seu dinheiro! Visite-nos ou telefone!

F. Cardoso

Rua Miguel Bombarda, n.º 16, 1.º Esq.º, 2.º Dt.º e 4.º Dt.º — Barreiro
Tel. 207 47 49

Proteja a sua vida!
Use sempre o cinto de segurança

 circula e vive.



IMPESINATO I DE ABRIL



ponês de Condeixa).
O camponês fala no pretérito; em. E nós falamos no presente. Por isso dizemos: é.
É dos camponeses que sai a carne para canhão. Camponeses que lutam de sol a sol, sem compensação material digna. Que morrem com uma pensão irrisória. Muitos nem sequer chegaram a conhecer as «regalias» da Previdência porque habitam em lugares onde não existem Casas do Povo. O Decreto-Lei 174-B/75 que ainda hoje vigora determina pensões mensais de invalidez e de velhice de 500, 600 e 900 escudos respectivamente para beneficiários do regime transitório, para mulheres e para homens. Tanta discriminação é de uma injustiça flagrante.

Houve críticas a esta situação. Muitas críticas. Pensionistas de vários pontos do País exigem «direitos iguais». Nasceu o MAPRU, Movimento de Agricultores para uma Melhor Previdência Rural que tem desenvolvido uma luta consequente e que está a alastrar por todo o Norte.

Numa reunião de agricultores, em Alenquer, ouvimos cada coisa... Dizia um elemento da Casa do Povo da Arruda: «Temos lutado para que todos recebam igualmente. Consideramos que há muitas injustiças. Não se percebe por que é que uns recebem 500 e outros 900 escudos. A nossa ideia era os dois mil escudos para todos que é quanto recebem as criadas de servir».

Disseram os agricultores que a pensão «é uma esmola». Disseram que se sentem humilhados. E que em alguns sítios, os menos esclarecidos, ainda vão buscar «essa esmola» de boné na mão. Isto acontece porque os funcionários de algumas Casas do Povo são os mesmos de antigamente. Ainda outro dia, conta o agricultor de Arruda, numa reunião em Caniças ouvi o tesoureiro das Casas do Povo do Distrito de Lisboa comentar que um homem ao receber 500 escudos devia ficar satisfeito por ter a sensação de já não andar às sopes

dos filhos. «Que raio de gente nos governa?»

Embora as tabelas estabelecidas pelo Decreto-Lei 174/B sejam sensivelmente superiores às que vigoravam anteriormente estão muito longe de serem justas. O decreto previa a sua actualização e revisão no prazo de seus meses. Nada disso sucedeu. O Governo parece ainda não ter arranjado tempo para se debruçar sobre o assunto. Entretanto os agricultores velhos vivem de pensões completamente desactualizadas com o nível de vida.

«Como se pode viver com 500 escudos mensais se um quilo de carne custa 180 escudos e um quilo de chouriço 150?», pergunta o presidente da Câmara de uma vila do Alentejo.

É assim que vivem (que morrem) os pequenos agricultores: com uma reforma de miséria aos 70 anos, um subsídio de doença dos mais baixos do escalão, sem abono de família...

E ainda há quem não tenha pudor de falar em seu nome para justificar «o analfabetismo político que grassa, sobretudo, do Tejo para cima».

RENDEIROS

Dizem que os senhorios lhes rebentaram as culturas, com um tractor. Dizem que a GNR não actua porque «ou não quer ou porque não tem ordens para o fazer». Dizem que enviaram um pedido ao director do CRRA de Faro no sentido de lhes serem entregues as terras abandonadas, na zona de Vila do Bispo. Dizem que precisam de trabalhar. Dizem que escreveram «à Reforma Agrária e à democracia» para tomar medidas contra os senhorios. «Se não tivesse 68 anos tinha-lhe atirado com uma pedra ao lombo. Não me importo que ele seja guarda republicano», — relata uma mulher de 68 anos. Dizem que os senhorios lhes roubaram a fruta. «Então isso é caso de cadeia», responde Vítor Louro. Dizem que o senhorio quer feijão, azeite, vinho, amêndoas, figos — tudo.



Camponeses reformados no asilo de Santiago de Cacém

Dizem que os senhorios são como os vampiros, do Zeca Afonso: comem tudo. Dizem que os senhorios não ligam nenhuma à lei.

(Pudera! Tinham outra na manga...)

Dizem que as Comissões Arbitrais não funcionam. Dizem que não metem no mesmo saco os senhorios ricos e pobres. «O meu senhorio recusa-se a cumprir a lei com argumento de que ela foi feita pelos comunistas», salienta um rendeiro de Aljezur. «O senhorio só tem

direito à terra quando demonstrar que precisa dela para comer», explica Vítor Louro. Dizem que escreveram montanhas de postais e cartas aos senhorios. Dizem que não tiveram resposta. Dizem que guardaram os avisos de recepção. Dizem que os senhorios lhes estragaram uma plantação de cebolas. «E como o meu marido não estava, ainda me ofereceu porrada», afirma uma mulher de Monchique. Dizem que apertaram com os senhorios «para eles passarem o contrato

a escrito». «Respondeu que não havia impressos...», informa um rendeiro de Bensafim.

(Vítor Louro prometeu fazer tudo por eles...)

Aconteceu em Lagos, numa reunião do ARBA (Associação de Rendeiros do Barlavento algarvio) — com muitos rostos onde havia sinais de apelo. Ainda não tinha sido aprovada a lei do Arrendamento Rural proposta pelo PSD que vai prejudicar milhares de rendeiros.

E agora? Dizem os rendeiros.

Lurdes Féria

TROQUE
o seu televisor
VELHO
(mesmo avariado)

POR UM

últimos modelos
écrans de 51cm e 61cm

Não demore!

Dirija-se já a qualquer agente Grundig,
porque esta campanha é temporária
— faltam só 15 dias para acabar!

GRUNDIG

e pague
apenas
7.500\$00



CIMEIRA EM LUSAKA

"Linha da Frente" discute plano anglo-americano para a paz na Rodésia

Aos presidentes Julius Nyerere (Tanzânia), Kenneth Kaunda (Zâmbia), Samora Machel (Moçambique), Qweta Masire (Botswana), e ao vice-primeiro-ministro José Eduardo dos Santos (Angola), juntaram-se, logo a seguir à abertura da Cimeira dos Países Africanos da «Linha da Frente», em Lusaca, os dois líderes da Frente Patriótica, Joshua Nkomo e Robert Mugabe, vindos

de Lagos, onde assistiram à Conferência Contra o «Apartheid», ontem encerrada.

Em Lusaca, também, o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, David Owen, e o representante americano nas Nações Unidas, Andrew Young. Objectivo: expor aos presidentes da «Linha da Frente» o plano anglo-americano para solução do conflito rodésiano. Esse plano propõe, entre ou-

tras iniciativas, a substituição de Smith por um administrador britânico até à realização de eleições («um homem, um voto») e o desarmamento do Exército rodésiano, o qual seria substituído por uma força internacional de paz.

Entretanto, Ian Smith, na véspera de importantes conversações com o primeiro-ministro sul-africano, John Vorster, rejeitou as propostas an-

glo-americanas. «Há uma única solução», disse, «o entendimento com os nacionalistas negros moderados».

BÍBLIA E SOWETO

Aguardando a chegada de Ian Smith, John Vorster revelou que nunca se deitava antes de ler um capítulo da Bíblia. O primeiro-ministro sul-africano fez essa revelação ao inaugurar a sede, em Joanesburgo, da Sociedade Bíblica da África do Sul.

A leitura da Bíblia, no entanto, não impede que os incidentes se sucedam no Soweto. Assim, ontem, um jovem negro foi morto a tiro pelas forças policiais. O jovem, juntamente com outros, protestava contra o ensino discriminatório que é ministrado aos negros. O grupo de manifestantes apelava para a greve.

Medidas governamentais: a Universidade Negra do Norte, nos arredores de Pretória, foi encerrada a noite passada por tempo indefinido após dois dias de boicote às aulas pelos estudantes em protesto contra a expulsão da Universidade de um membro do Conselho Representativo dos Estudantes e contra a má comida daquele estabelecimento de ensino. Mais: o ministro da Educação Banto, Michel Bohe, declarou que ia encerrar todas as escolas secundárias excepto duas, e substituí-las por escolas do Governo numa tentativa para fazer os alunos regressarem às aulas.



O fim duma carreira

A carreira política do velho «mayor» de Nova Iorque, Abraham Beame (que vemos na foto acompanhado da mulher) parece ter chegado ao fim. A 12 dias das disputadíssimas eleições primárias para o cargo que Beame ocupa, surgiu um relatório da Comissão Federal de Acções da Bolsa de Nova Iorque, no qual se acusa Beame de ter enganado premeditadamente os habitantes da cidade sobre a situação financeira do município. O «mayor» desmentiu as acusações, considerando-as torpes e destinadas a pôr em ponto final à sua carreira. Segundo os observadores, este golpe é demasiado forte para que Beame, mau grado todos os desmentidos possa, efectivamente, sobreviver-lhe.

"Não se reprimem os inimigos do "Apartheid"

Os participantes na Conferência das Nações Unidas sobre o «Apartheid», que ontem terminou em Lagos, aprovaram uma Declaração em 34 pontos que pede o fim de toda a colaboração, no domínio nuclear, com a África do Sul.

Na declaração pede-se aos governos a adopção de energias medidas económicas contra o regime do primeiro-ministro John Vorster e a concessão de ajuda militar e material aos movimentos de libertação.

A declaração final manifesta o acordo de todos os participantes quanto às medidas urgentes que a África do Sul deve tomar no sentido da eliminação da política e da prática do «Apartheid», garantindo a todos os habitantes os mesmos direitos, independentes da cor da pele.

O documento exige que o Governo sul-africano ponha termo à repressão contra os inimigos do «Apartheid», liberte os presos políticos, acabe com a ocupação ilegal da Namíbia (Sudoeste Africano) e aceite a resolução do Conselho de Segurança sobre o regime ilegal

da Rodésia. As medidas que a comunidade internacional se propõe tomar no caso da África do Sul não aceitar essas condições são igualmente anunciadas na Declaração.

Trata-se de apelos aos governos para exercerem pressões sobre a África do Sul para que renuncie à política de «Apartheid», bem como medidas de bloqueio económico, de proibição de exportações de armamento, petróleo e matérias-primas, de obstáculos às relações diplomáticas, económicas, culturais e desportivas com Pretória, estando igualmente previsto o apoio militar e material aos movimentos de Libertação.

«A libertação de toda a África Austral do poder colonial e racista será o passo final do processo de emancipação do continente após a secular dominação e opressão, bem como o maior contributo para a eliminação do racismo e da discriminação racial no mundo e para o reforço da segurança internacional e da paz em geral», conclui a Declaração final da Conferência de Lagos.

EUA

Definida uma nova estratégia de segurança a nível mundial

O presidente Carter ordenou aos seus especialistas militares uma reorganização das directrizes que fixam a segurança estratégica nacional dos Estados Unidos.

De acordo com um documento secreto publicado ontem pelo «New York Times», o presidente Carter pensa aumentar os gastos de defesa, revitalizar a estrutura e a mobilidade das tropas norte-americanas, na Europa e melhorar a capacidade de defesa e acção rápida das forças dos Estados Unidos no Médio Oriente, no Golfo Pérsico e na Ásia Oriental. Fontes oficiais, cita-

das pela AFP, confirmavam esta informação.

Em relação às armas táticas nucleares, a Casa Branca fará uma revisão do seu número e da sua disposição contra objectivos da União Soviética.

Segundo o jornal, as novas directrizes de Carter pedem ao Pentágono que se mantenha a estratégia, de «infligir prejuízos irreparáveis» à União Soviética, se este país atacar primeiro com armas nucleares de pouca intensidade.

As forças da NATO deverão estar preparadas para defender a Europa Ocidental e recuperar imediatamente qualquer território que se perca numa quebra súbita do Pacto de Varsóvia, acrescenta o documento, que contém ainda uma série de recomendações revelando como o presidente Carter e os seus especialistas em defesa querem reordenar a estratégia e a segurança nacional.

No terreno do desarmamen-

to e controlo nuclear, com a URSS, Jimmy Carter aconselha aos seus diplomatas que tenham sempre em conta que as negociações sobre limitação de armas nucleares não devem pôr em perigo a segurança nacional, e que se deve conseguir ampliar a colaboração da União Soviética, com os Estados Unidos em todos os campos.

No seu memorandum, Carter não rejeita o uso de armas nucleares táticas na defesa da Europa, e, em caso de mais gravidade, mesmo das estratégias ou de maior alcance e potência.

A aplicação das novas directrizes aumentará em cerca de três por cento as despesas militares dos Estados Unidos no âmbito da NATO, aumento esse que se encontra em conformidade com o compromisso tomado pelo presidente Carter quando da cimeira da Aliança Atlântica de Maio passado em Londres.

Fogo destrói três andares da Embaixada dos EUA em Moscovo

Bombeiros soviéticos lutaram durante toda a noite para dominar um incêndio na embaixada dos EUA em pleno centro de Moscovo mas esta manhã continua a ainda a sair fumo do edifício. Ao que parece, o telhado (de madeira e metal) ruíu.

Ficaram destruídos três andares da Embaixada. Cerca de 40 funcionários e respectivas famílias, que vivem no edifício, foram evacuados a salvo. Só se registou uma vítima — uma das sentinelas — que desmaiou, devido ao fumo, e não pôde salvar-se.

Uma fonte afecta à embaixada revelou que o embaixador deu instruções no sentido de deixar arder os arquivos mais secretos da embaixada, para evitar que os bombeiros soviéticos ali entrassem. Nos andares superiores do edifício estão instalados os gabinetes dos adidos de defesa, cujo trabalho é rodeado do máximo segredo. Supõe-se que os equipamentos electrónicos de comunicações se encontram nos andares inferiores. Um funcionário da embaixada declarou que o centro de comunicações fora hermeticamente fechado logo que se declarou o in-

cêndio, mas que a fechadura de segredo se havia derretido.

Os andares superiores do edifício estão sob guarda permanente. Nem sequer os cidadãos norte-americanos ali podem entrar sem serem acompanhados. De início, as sentinelas procuraram dominar o incêndio sem recorrer aos bombeiros soviéticos, mas não o conseguiram.

Um informador da embaixada sugeriu timidamente que o incêndio pode ter sido «provocado por qualquer coisa», mas reconheceu imediatamente que toda a instalação eléctrica do prédio andava a ser substituída.

Por diversas vezes durante a noite o fogo pareceu estar dominado, mas daí a minutos voltava a intensificar-se. A certa altura as chamas atingiram vários metros, subindo muito além das balaustradas que rodeiam o telhado.

Segundo a Reuter, os bombeiros soviéticos (alguns deles adolescentes ainda) comportaram-se com grande coragem. Alguns que estavam no telhado quando as labaredas surgiram no último andar tiveram de lançar no espaço e agarrar-se às balaustradas.

Conselheiro de Allende morre em Bruxelas

André Van Lancker, antigo conselheiro económico do falecido presidente Salvador Allende do Chile, faleceu num hospital de Bruxelas em consequência dos ferimentos sofridos numa queda da janela do seu gabinete, no princípio deste mês, revelaram hoje fontes hospitalares.

Van Lancker, de 33 anos, aconselhou o Governo de Allende na sua política de nacionalização e foi preso, estando detido várias semanas, após o golpe de estado que derrubou o presidente chileno, em Setembro de 1973, antes de regressar à Bélgica, a sua pátria.

Ocupou depois um cargo no ministério belga dos Assuntos Económicos. Em 8 de Agosto caiu da janela do seu gabinete, no sexto andar, e faleceu ontem à noite, num hospital devido a deficiência cardíaca, acrescentaram as mesmas fontes.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

IRENE ISIDRO
7 MESES EM CENA NO TEATRO
LAURA ALVES
NA RUA DA PALMA
TEL. 864756

TODAS AS NOITES ÀS 21,30
MATINEES: DOMINGOS ÀS 16 h.
AS 2. FEIRAS NÃO HÁ ESPECTÁCULO

UMA COMÉDIA DE
José Vilhena

CALCINHAS AMARELAS
com
IRENE ISIDRO
BARROSO LOPES
MANUELA MARIA
LUIZ HORTA
CARLOS MIGUEL
TEREZA ZILCO
MARIA JOÃO
PAULA LIMÃO

80.000
ESPECTADORES
JÁ VIRAM ESTA
CALCINHA!

Canal da Crítica

MEDINA SUGERE UMA VACA CORNÉLIA PARA SAIR DA CRISE

Costuma-se dizer que uma desgraça nunca vem só. Uma desgraça arrasta sempre outras desgraças. Depois da desgraça do Presidente do Conselho, antes de ontem, nada menos que três lhe seguiram exactamente 24 horas depois.

De repente, sem nos darmos um período mínimo de preparação psicológica, zás!, desabam sobre as nossas cabeças os ministros Sousa Gomes e Medina Carreira, entrevistados por Sarsfield Cabral, o economista de faxina, género nem carne, nem peixe, da televisão portuguesa.

Vejam lá isso. Doses tão elevadas prejudicam a saúde pública. Por que será que os ministros não preferiram ficar a fazer companhia aos corneéis seus amigos no atacian?

O FÁCIL O DIFÍCIL

Sarsfield Cabral ainda foi atacado, ao princípio, pela varicela do realismo. Um mal benigno que sempre favorece a imagem. Pretendia que os seus entrevistados se exprimissem de maneira que todo o mundo compreendesse.

Falar de maneira que todos

entendam: a coisa mais fácil, a coisa mais difícil deste mundo. Mais fácil, quando temos verdadeiro interesse em que todos entendam; a mais difícil quando o que se pretende é que as pessoas não entendam népia.

Medina Carreira e Sousa Gomes nunca poderiam provar que desejam uma recuperação económica porque aquilo em que o Governo está empenhado é na recuperação capitalista. Daqui a impossibilidade de fugir às ambiguidades, às indicições, às «complicações» — e também aos parâmetros, aos «plafonds», ao know-how, à decalagem e a um linguajar tão pernóstico que por vezes se tornou ridículo.

Não podem falar com clareza às pessoas, aqueles que defendem interesses contrários aos dessas mesmas pessoas. Só isso.

Ó MINISTRO: E O MELLO?

Infelizmente, o próprio Sousa Gomes não fez o que mais simples poderia haver.

Fala-se muito da presença de um representante da família Mello como conselheiro ou coisa parecida junto da delegação do Fundo Monetário Internacional.

Toda e gente, ontem, estaria convencida de que o ministro esclareceria essa questão, aproveitando a máxima audiência do País.

Pois nem desta simplicidade o ministro foi capaz. Talvez porque fosse coisa muito complicada, não?

A CARIDADE BEM COMPREENDIDA

A certa altura, Medina Carreira falava da necessidade ex-

pressa na palavra de ordem «Produzir e poupar». E contava que, já na televisão, encontrou várias salas sem ninguém, mas iluminadas. Aí está um gasto abusivo a suprimir.

Acho que são de eliminar todos os gastos inúteis. Seria portanto de eliminar a entrevista dos ministros, já que completamente inútil foi ela.

Pelas minhas contas, a presença dos ministros na televisão, ao preço do tempo de antena para publicidade, orçará os quatro mil contos...

Poupemos, meus senhores, poupemos!

NO REINO DA BAGUNÇA

O resultado desta entrevista foi uma enorme confusão, o reino da barafunda. As medidas de austeridade influencia-

ou não a alta generalizada do custo de vida? As rendas das casas, como vai ser isso ao certo? Porquê se privilegiavam os carburantes líquidos quando se trata de lançar derramas? Por que razão se diz que hoje o problema fundamental é o problema financeiro?

E assim por diante. Os dois ministros limitaram-se a deambular por vários caminhos, alguns deles surpreendentes pela ingenuidade que revelam, indisculpável em gente de tanta sabedoria e patuá.

Por exemplo: acreditam eles que o aumento da taxa de juro

Continua na pag. 14

Hoje



«Os Waltons»

I PROGRAMA

- 14.00 Abertura
- 14.02 Telejornal
- 14.15 Ida e Volta
- 14.45 O Povo e a Música
- 15.25 Os Melchiores
- 15.50 Animação
- 16.00 Os Waltons
- 17.10 Telejornal
- 17.50 Entre Barreiras
- 17.45 Jogos sem Fronteiras
- 18.35 Magazine
- 19.35 Espaço 1999
- 20.30 Telejornal
- 21.00 Boletim Meteorológico
- 21.05 A Feira
- 22.25 Volta a Portugal em Bicicleta
- 22.35 Telejornal
- 22.50 Cinema - «A Casa das Cabras»
- 00.50 Fecho.

II PROGRAMA

- 21.00 Abertura
- 21.02 Gabriela
- 21.35 Telejornal
- 22.05 Teatro - «O Moinho Eterno»
- 23.15 Fecho.

PHILIPS 30

DESTAQUES

I PROGRAMA

«Os Waltons»
(16.00)

Philips - faz parte da sua vida

PHILIPS

Amanhã

I PROGRAMA

- 12.30 Abertura; 12.32 Missa de Domingo; 13.15 Os Rapazes do 47-A; 13.40 Desenhos Animados; 14.00 Automobilição; 14.15 Telejornal; 14.30 Automobilição; 16.00 O Treino de um Golfinho; 17.30 Telejornal; 17.35 Programa Infantil; 18.10 Marco; 18.35 Grande Encontro; 19.35 Concerto Promenade; 20.30 Telejornal; 21.05 Os Marretas; 21.30 A Família Adms 1.º episódio; 22.40 Telejornal; 22.55 Fecho

II PROGRAMA

- 21.00 Abertura; 21.02 Gabriela; 21.30 Telejornal; 22.05 A Feira; 23.10 Fecho

PARA REPARAÇÃO DO SEU **TV**

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIENCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 88 27 86 - 89 98 26

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 9

o melhor filme de
INGMAR BERGMAN

CONSIDERADO POR 90 CRÍTICOS DE TODO MUNDO
NO ESCRUTÍNIO DA REVISTA "SIGHT AND SOUND"
COM UM DOS 10 MELHORES FILMES DE SEMPRE!



A MÁSCARA
Persona

BIBI ANDERSSON / LIV ULLMANN

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

DOPEFILME

quarteto 5.ª SEMANA

ADÓQUE
grupo de teatro

APRESENTA

HOJE

As 20.30 e 22.45

AS PIADAS MAIS FRESCAS
DESTE VERÃO MUITO MORNO



Ó CALINAS CALA A BOCA!

UMA REVISTA
DE RISO ABERTO

MAIS UM ÉXITO ESPECTACULAR
DO GRUPO ADÓQUE

MATINÉE no DOMINGO (16 horas). Não ac. m/18 anos
SEGUNDA-FEIRA: FOLGA

TEATRO ABERTO

P. de ESPANHA Metro PALHAVA

telefone 77 09 69

teatro da Cornucópia

para crianças: **As Músicas Mágicas**

de Catherine Daste

2.º MÊS

Amanhã às 11 e 30

Subsídio de S.E.C

teatro do bairro alto

teatro da Cornucópia

Carimiro e Carolima

de Odón von Horváth

«Não Perca» (Opão)
8.ª SEMANA
Hoje às 18 e 21 e 30
Amanhã só às 18
Subsídio da SEC

TEATRO DA COMUNA

Pç. Espanha (Metro Palhava)

A BARRACA

Com: Fernanda Lapa, Jorge Gonçalves, José M. Osório, Luís Lello, Manuel Marcelino, Maria Céu Guerra, Mário Viegas, Paula Guedes, Júlio Pereira, Sheila Charlesworth

BARRACA CONTA TIRADENTES

encenador: A. Boal

SABADO: 21H15
DOMINGO: 21H15

Academia Almadense

Telefone 2752127



ANTÓNIO ANJOS no compère

na divertida mini-Revista de **JOSÉ VIANA**

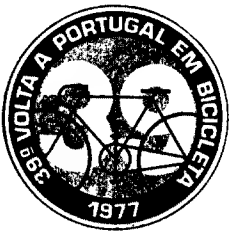
Atira o Barrete ao Ar!

com **VIANA — DULCE — DORA** e pela 1.ª vez neste género **ROGÉRIO PAULO**

Sensacional ÉXITO da Cooperativa Teatro Popular de **ALMADA**

Às 21.30 Aos domingos também às 16 horas

BILHETES NA ABEP



39.ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Democracia: carpinteiro e médico em pé de igualdade

Reportagem do nosso enviado especial NEVES DE SOUSA

Nasceu um campeão.

O modo extraordinariamente categórico como Adelino Teixeira mostrou classe e valor para dominar por completo toda a concorrência, na subida do Montejunto, fica entre as coisas mais belas de uma excelente Volta ciclista.

O jovem «herói» setubalense, que defende para 20 valores a camisola de um clube que é sinónimo de povo, Sacrifício, Abnegação, Entusiasmo e Dedicação, entra (definitivamente) na história do ciclismo português.

Treinado por Honório Francisco, que é um columbófilo apaixonado, Adelino Teixeira deu milho aos pombos na arrancada para o topo da serra. Enquanto, aos 30 anos, Joaquim Andrade (novo «rei da montanha») mostrava ainda morar na estirpe de Agostinho, Mendes e Martins, o carpinteiro Adelino Teixeira, humilde, mas orgulhosamente, bate à porta do pequeno casebre do desporto cá da casa e pede licença para se sentar à mesa.

Ótimo trepador, bom roldador, senhor de ritmo cadenciado e firme em provas contra o cronómetro, Adelino apresenta-se, à partida para Lisboa, com o senhoril toque de classe que distingue as vedetas dos mortais comuns. Não se deseja endeusar um homem: isso é, sempre, sinónimo de desvario ou loucura momentânea. Mas, aplaudindo o perfil atlético, a estampa de raça, o recorte de um novo senhor da bicicleta, prestamos, em Adelino Teixeira, homenagem, da mais pura sinceridade, aos 46 que esta tarde vão chegar a Lisboa.

Falta pouco mais de meia hora para entregar uma coroa de louros: e, pequenas ou grandes incógnitas, ainda estão no horizonte. Contudo, um campeão nasceu: chama-se Adelino Teixeira e representa, como figura do povo, a escolha entre o próprio povo de um desporto altamente selectivo e tremendamente esmagador.

Ah! Já agora, um telegrama para Setúbal. Maria Isabel: pode encomendar o enxoval. A menos que surja um cataclismo, o noivo mete hoje na carteira o dinheiro para a festa.

Paz podre em todo o pelotão à largada da romagem a Fátima. Montejunto (135 kms, mais além) metia respeito e era uma seria advertência às veleidades. Mesmo assim, cinco rapazes resolveram experimentar forças: José Luis Carvalho, António Marçalo, Abel Coelho, Raul Carvalho, e João Duarte, o marido saudoso. Sol de pouca dura: umas metazitas e pouco mais, embora um «furo» na máquina de Firmino pudesse constituir acicate. Porém, o andamento de gata mansa, e pachorra, estavam implantados no comboio às cores.

Ao km 101, José de Sá e Manuel da Costa largam a confusão. Embolsam uns cobres (coisa como 5 contos) e, para o «Coelima», vai uma bicicleta que era prémio de fábrica. Em Boiça a dupla tem 150 metros de dianteira e a fita longa está a cheirar-lhe os calcanhais. A multidão não deixa mais de dois metros de corredor. Há bidons com água fresquinha, uvas, e melão, cervejas e pessegos. E há, também, quem queira dar o seu empurrãozinho no favorito no coladinho que bem precisa. E a escalada: 6000 metros

de curvas e empanços. Metro e meio para ciclistas e batedores. Subitamente, vê-se Andrade a contos com as mudanças e, num golpe de água, Adelino Teixeira arrancar a torto e a direito cortando as vassas aos

paz! Depois do Agostinho que não via ninguém subir assim um monte destes...

Joaquim Andrade, recebia o título de rei montanhês. Dentro da sua linha, não se escusava: — Calma, muita calma, que

a ser muito vaga, embora não impossível, as este golpe no Montejunto foi muito chato. Nada a fazer: se o Adelino vencer a Volta é uma justiça bem feita. Ele mostrou que é um verdadeiro estradista: traz para o ciclismo uma força física enorme e uma inteligência táctica que sou o primeiro a valorizar e aplaudir.

O «mau da fita» seria Luis Teixeira, inconformado com o andamento das coisas:

— Sabem que mais? Isto é tudo uma palhaçada. A prova foi extremamente dura, o Adelino mereceu o triunfo, eu perdi muitas forças com a queda e em que parti um dedo, não conhecia este terreno, tudo isso é verdade. Mas, não posso deixar de censurar o modo como

o Andrade e o Firmino se agarraram sempre um ao outro, cheios de medo. Pareciam lapas. Eles é que impediram que a gente lutasse mais. Agora, mesmo que o Marco Chagas ganhe o contra-relógio, isto está arrumado. E é bem feito: os grandalhões ficam a chupar no dedo...

E conclui, veemente:

— A Volta, para «amadores», está ultrapassada. Como é que querem que a gente suba isto, só a treinar meio dia por semana?

Esta tarde, o último golpe. Adelino Teixeira ou Joaquim Sousa Santos? Lousa ou Bombarral? Um carpinteiro ou um médico? Quem disse que a democracia não chegou ao ciclismo?



Luis Teixeira: uma pedrada no charco do conformismo

parceiros. Até ao topo, fulgurante, lembrando as cavalgadas célebres de Agostinho (Costa da Caparica, Penhas da Saúde, Figueira da Foz) o ex-Torralt, o ex-Casa Pia, o actual Lousa, o carpinteiro de Setúbal, que está de braço dado com a Maria Isabel, despeja chispas das rodas. É uma avalanche. Um pequeno furacão,

ainda não perdi a «Volta». Até porque sou bom no contra-relógio...

O treinador chega-se perto e é mais comedido:

— Oh Joaquim: ele foi superior a ti. Dá-lhe os parabéns, pá!

O chefe de fila do Coimbrões, prefere outro caminho:

— O meu azar foi quando quis meter a «talega» e ela não entrou. Quase ia parar ao chão. O Adelino aproveitou...

Mordido no lábio superior por uma abelha, Joaquim Andrade iria descer a serra novamente de bicicleta, enquanto os ciclistas de todas as demais equipas se aninhavam em carros de apoio. Para quem o queira ouvir, em jactância, ele bradava:

— É só para verem que tenho força para hoje e para amanhã...

Sentado, toalha a embrulhar-lhe a cabeça, o dr. Sousa Santos parecia conformado:

— A minha hipótese passou

Esta tarde: o final

Disputa-se esta tarde a última etapa da «Volta»: o contra-relógio individual, entre Sintra e Lisboa (chegada ao estádio do Restelo), na distância de 24 quilómetros.

Os ciclistas partem do Ramalhão, pela ordem inversa da classificação geral, com intervalos de três minutos, para cumprir o seguinte percurso: Ranholas, Terceira, Queluz, Cabos Avila, Avenida das Descobertas, Rua de Alcolena e Restelo, onde os tempos serão tirados à segunda passagem pela meta.

A partida do primeiro corredor está prevista para as 16 horas. Adelino Teixeira será o último a largar para o estádio.

A equipa de reportagem do «DL» que acompanha a Volta a Portugal em Bicicleta viaja num automóvel



INDUSTRIAS LUSITANAS RENAULT S.A. L.

PALAVRA DOS CAMARADAS



José Goulão ("O Diário")



Nuno Mota ("Mundo Desportivo")

Sou apenas o porta-voz de uma equipa de reportagem de «o diário» que acompanhou a Volta a Portugal numa perspectiva de apoio a princípios desportivos que estão presentes na prova e poderão orientá-la, no futuro, para a extinção dos males de um passado recente dos quais a exploração do homem, enquanto «profissional» de ciclismo, não era o menor.

Na sua grande maioria, os principais intérpretes da Volta, os ciclistas, comportaram-se de acordo com os princípios que defendemos. Entregaram-se à prova porque gostam do ciclismo e provaram a compatibilidade da alta competição com o amor ao ciclismo. A modalidade ainda artesanal, é certo, à mistura com alguns exemplos de profissionalismo encaixado. Mas que não podem servir de ponto de partida para defesa da ressurreição da grande mentira.

Tal como a sua antecessora, a Volta nº 39 porveu que existe já a grande base humana do verdadeiro ciclismo português disposta a bater-se pelas condições necessárias para a prática amadora da sua modalidade favorita. E é tempo de enterrar a perspectiva classista do «amador puro» sem subsídios de alimentação e material. Os operários, empregados, estudantes que pedalaram na Volta 77 sujeitaram-se a perder dinheiro e o descanso anual apenas para participarem na prova. Quantos poderão retirar da soma anual dos vencimentos mensais as por vezes três dezenas de contos que gastaram em material ciclistico para palmilharem os 1600 quilómetros que hoje terminam no Estádio do Restelo?

Um apontamento sobre a «Volta» para o jornal onde, praticamente iniciámos a nossa actividade profissional. Pois ele aqui vai, com a sinceridade que sempre foi apanágio dos homens de Desporto daquela casa, a principiar pelo nosso ídolo e mentor, dr. José Joaquim Tavares da Silva.

Esta «Volta», que muita gente diz de transição, é demasiado dura para «amadores» e própria, muito própria mesmo, para corredores que, embora «amadores», vencem mais que os antigos profissionais.

Impõe-se, pois, uma redefinição das diversas categorias que a «Regulamentação Geral e Técnico das Corridas», onde se chegou até ao cúmulo de se não considerar a categoria de profissionais não fora a atitude firme do delegado da Associação do Porto, que impôs uma certa abertura para a categoria.

«Regressando» à «Volta-77», poderemos, em síntese, acrescentar que ela, pelo percurso, condições climáticas e combatividade da maioria dos participantes, excedeu, em muito, a expectativa criada em seu redor. E têm-se revelado extremamente dura, digna de qualquer «Volta» onde pontifiquem verdadeiros profissionais.

Com os nossos 18 anos de «volistas», aceitamos, perfeitamente que Adelino Teixeira, o homem do Lousa/Trinarianj venha a sagrar-se vencedor. Não ficaremos nada surpreendidos.

USE Black & Decker NOS SEUS TEMPOS LIVRES...



Este relógio "Tissot" funciona 1000 dias sem parar só em 1980 tem de mudar a pilha

Acerto da hora por segundos, por acção electrónica

Mudança da data

e do fuso horário sem influenciar a precisão

TISSOT

o gosto da performance

com epicentro centrado no objectivo-meta, que rasga imponente e soberano, sem ninguém como estorvo. Um espectáculo de força e capacidade atética, a cortar o vento gelado do tecto da serra.

DESABAFOS

Quando o Marçalo e os outros se escapuliram, os meus colegas de equipa queriam ir buscá-los. Disse-lhes que não, que não valia a pena. Depois, analisei o Firmino: quando ele fala e ri muito é sinal de que está «afanado». Decidi seguir o jogo do Quim Sousa Santos, mas este também tinha a cabeça mesmo em cima do guiador: não estava nos seus dias. Então, meti-me na roda do Andrade.

Adelino Teixeira nem sequer parecia ofegante. Conversa como quem acaba de sair do banho:

— Passei o Andrade a 300 metros da meta, para dar o salto. Agora, com a vantagem aumentada, sinto que posso perfeitamente ganhar a «Volta». Tenho avanço suficiente para qualquer pequeno percaço no contra-relógio.

Manuel Graça passa perto: — Estou doido com este ra-

A Black & Decker oferece 1 berbequim eléctrico aos vencedores das etapas, por intermédio do «Diário de Lisboa».



LISBOA RECEBE 46 SOBREVIVENTES

Nomes e números antes da última pedalada

MONTEJUNTO

1.º, Adelino Teixeira (Lousa), 3h 43m 55s; 2.º, Joaquim Andrade (Coimbr.), 3.44,00; 3.º, António Marçal (Águia), 3.44,05; 4.º, Firmino Bernardino (Benf.), 3.44,09; 5.º, Joaquim Carvalho (Águia), 3.44,12; 6.º, Marco Chagas (Águia), m.t.; 7.º, Joaquim S. Santos (Bomb.), m.t.; 8.º, Armindo Lúcio (Águia), 3.44,25; 9.º, José S. Santos (Bomb.), 3.44,31; 10.º, José Madeira (Camp.), m.t.; 11.º, João Sampaio (Coelima), m.t.; 12.º, Luís Teixeira (Coelima), m.t.; 13.º, Alexandre Rua (Águia), 3.44,37; 14.º, Venc. Fernandes (Porto), 3.44,56; 15.º, Abel Coelho (Lousa), 3.45,00; 16.º, Alfredo Gouveia (Águia), m.t.; 17.º, Celestino Severino (Lousa), 3.45,08; 18.º, João Costa (Bomb.), m.t.; 19.º, João Marta (Bomb.), 3.45,20; 20.º, Raul Carvalho (S. Jorge), 3.45,23; 21.º, José Amaro (Benfica), 3.45,27; 22.º, Armindo Pereira (Benfica), 3.45,30; 23.º, Luís Gregório (Sangalhos), 3.45,34; 24.º, Manuel Silva (Trofa), 3.45,40; 25.º, João Duarte (Bomb.), m.t.; 26.º, Manuel Oliveira (Lousa), 3.45,42; 27.º, Manuel Martins (Coelima), m.t.; 28.º, Carlos Santos (Benfica), 3.45,49; 29.º, Manuel Gonçalves (Camp.), 3.45,57; 30.º, A. Fernandes (FC Porto), 3.46,01; 31.º, António Faia (S. Jorge), 3.46,32; 32.º, G. Rocha (FC Porto), 3.46,39; 33.º, Manuel Costa (S. Jorge), 3.46,45; 34.º, Rui Azevedo (Benfica), 3.46,49; 35.º, D. Barbosa (S. Jorge), m.t.; 36.º, F. Mendes (FC Porto), 3.46,59; 37.º, Manuel Gomes (FC Porto), 3.47,07; 38.º, José L. Carvalho (Sang.), 3.47,25; 39.º, F. Fernandes (Bomb.), 3.47,35; 40.º, A. Nascimento (Almodovar), 3.47,38; 41.º, Flávio Henriques (Sang.), 3.47,55; 42.º, Álvaro Cofago (Coimbrões), m.t.; 43.º, Joaquim Pinto (Coimbrões), 3.48,34; 44.º, José Sá (Coelima), 3.48,42; 45.º, Luís Silva (Trofa), m.t.; 46.º, A. Cardoso (S. Jorge), 3.49,00.

1.º, Águia/Clock, 11h 12m 29s; 2.º, Bombarralense/Sossilvas, 11.13,51; 3.º, Lousa/Trinarianus, 11.14,03; 4.º, Coelima, 11.14,44; 5.º, Benfica, 11.15,06; 6.º, FC Porto/Viauto, 11.17,36; 7.º, S. Jorge/Fafe, 11.18,40; 8.º, Coimbrões/Arbo, 11.20,29; 9.º, Sangalhos/Órbita, 11.20,54.

INDIVIDUAL (GERAL)

1.º, Adelino Teixeira (Lousa), 43h 53m 39s; 2.º, Joaq. Sousa Santos (Bomb.), 43.54,30; 3.º, Luís Teixeira (Coelima), 43.55,49; 4.º, J. Andrade (Coimbrões), 43.56,35; 5.º, Marco Chagas (Águia), 43.56,51; 6.º, Firmino Bernardino (Benf.), 43.58,06; 7.º, V. Fernandes (FC Porto), 43.58,09; 8.º, Joaquim Carvalho (Águia), 43.58,31; 9.º, José Sousa Santos (Bomb.), 44.00,03; 10.º, José Madeira (Camp.), 44.02,54; 11.º, João Sampaio (Coelima), 44.03,08; 12.º, A. Marçal (Águia), 44.04,44; 13.º, Alfredo Gouveia (Águia), 44.08,10; 14.º, Carlos Santos (Benfica), 44.08,31; 15.º, F. Mendes (FC Porto), 44.10,47; 16.º, C. Severino (Lousa), 44.13,12; 17.º, F. Fernandes (Bomb.), 44.13,24; 18.º, Alexandre Rua (Águia), 44.16,02; 19.º, Manuel Costa (S. Jorge), 44.16,36; 20.º, Armindo Lúcio (Águia), 44.16,55; 21.º, Raul Carvalho (S. Jorge), 44.17,30; 22.º, Manuel Silva (Trofa), 44.17,35; 23.º, A. Fernandes (FC Porto), 44.18,13;

24.º, Alvaro Cofago (Coimbr.), 44.19,04; 25.º, Manuel Oliveira (Lousa), 44.20,35; 26.º, Abel Coelho (Lousa), 44.22,38; 27.º, G. Rocha (FC Porto), 44.22,57; 28.º, José Sá (Coelima), 44.23,27; 29.º, João Costa (Bomb.), 44.25,07; 30.º, José Amaro (Benfica), 44.26,06; 31.º, Luís Gregório (Sangalhos), 44.30,05; 32.º, Armindo Pereira (Benfica), 44.30,15; 33.º, Manuel Martins (Coelima), 44.31,30; 34.º, Rui Azevedo (Benfica), 44.31,30; 35.º, João Marta (Bomb.), 44.32,38; 36.º, F. Henriques (Sangalhos), 44.32,44; 37.º, M. Gonçalves (Camp.), 44.35,07; 38.º, M. Gomes (FC Porto), 44.38,11; 39.º, J. Luís Carvalho (Sang.), 44.40,07; 40.º, António Faia (S. Jorge), 44.45,08; 41.º, J. Pinto (Coimbrões), 44.48,42; 42.º, A. Nascimento (Almodovar), 44.49,09; 43.º, D. Barbosa (S. Jorge), 44.52,23; 44.º, A. Cardoso (S. Jorge), 44.56,24; 45.º, João Duarte (Bomb.), 44.59,56; 46.º, Luís Silva (Trofa), 45.12,19.

EQUIPAS (GERAL)

1.º, Águia/Clock, 131h 52m 55s; 2.º, Bombarralense/Sossilvas, 132.00,43; 3.º, Coelima, 132.11,14; 4.º, FC Porto/Viauto, 132.11,27; 5.º, Benfica, 132.16,25; 6.º, Lousa/Trinarianus, 132.21,20; 7.º, Coimbrões/Arbo, 132.58,27; 8.º, S. Jorge/Fafe, 133.02,58; 9.º, Sangalhos/Órbita, 133.40,47.

GERAL «PONTOS» («Turismo») — 1.º, Alexandre Rua, 43 pontos; 2.º, Flávio Henriques, 37; 3.º, Joaquim Carvalho, 32; 4.º, Firmino Bernardino, 24; 5.º, Adelino Teixeira, 23.

GERAL «MONTANHA» («Tênis») — 1.º, Joaquim Andrade, 43 pontos; 2.º, Luís Teixeira, 34; 3.º, Adelino Teixeira, 28; 4.º, Manuel Silva, 19; 5.º, Joaquim Sousa Santos, 19.

Média do «camisola amarela»: 36,282 km/h.

Média geral da Volta: 36,608 km/h.

TORPEDO BENFICA

sensacionais viagens incluindo:

- ★ transporte em avião a jacto.
- ★ transporte aerop./hotel/aerop.
- ★ alojamento em hotéis de 1.ª classe.
- ★ meia pensão (pensão completa na URSS).
- ★ visitas diárias nas diversas cidades.
- ★ bilhete para o jogo
- ★ guia português permanente.

visitando:

PRAGA ★ VARSÓVIA ★ LENINGRADO ★ MOSCOVO ★

20 de Setembro

a

2 de Outubro

ou

COPENHAGA ★ LENINGRADO ★ MOSCOVO

23 de Setembro

a

1 de Outubro

informações e reservas:

4, Liberdade, 230
Tel. 525 121
Lisboa 2

ABERTOS À HORA DO ALMOÇO

“SPRINTS”

Em Viseu, um quase ultimo colocado pelo bombarralense João Duarte aos seus dirigentes: ou a mulher (Anabela) ia já ter com ele, ou não havia mais ciclista para a Volta. As saudades do rapaz ficaram minoradas nesse mesmo dia: o casal passou a dormir junto.

O bom do Manuel Tiago anda pesaroso: algures, alguém lhe surripou um bonito casaco de cabedal que era todo o seu enlevo. Quem tem um rebate de consciência?

Florianos Mendes (uma das revelações da época transacta) foi abordado para regressar a Sangalhos, deixando a representação do F. C. do Porto, onde não tem confirmado possibilidades.

Anabela e João: amor sem barreiras

Até à etapa concluída nas Penhas da Saúde, todos os exames dos controlos anti-«doping» resultaram negativos.

clube e não se escusaram a declarar: «Para prosseguir, o ciclismo dentro do Benfica terá

de ser totalmente repensado e emendado. Assim, não vale a pena.»

Bombarralense e Águia/Clock estão interessados em participar na Volta a Málaga.

Tristeza para José Madeira, o homem da Campinense/Marina que mantém o centro do ciclismo algarvio: uma noite destas, roubaram-lhe uma das suas bicicletas (30 contos) que estava no carro de apoio do clube.

A tirada entre Fátima e a serra do Montejunto foi acompanhada por José Ferreira Queimado (presidente) e Rui Guedes (dirigente) do Benfica. Enthusiasmados pelo acolhimento do público, observaram o comportamento dos atletas do seu

Trânsito alterado

Por imperativos resultantes do traçado da última etapa da Volta a Portugal em bicicleta, a realizar hoje, a Câmara Municipal de Lisboa estabeleceu, ao abrigo das disposições regulamentares e no período compreendido entre as 15 e 30 e as 19 horas as seguintes restrições várias:

O trânsito será vedado entre Ranholas, cruzamento de Rio de Mouro, Mercês, Cacém, cruzamento de Terceira, Queluz, cruzamento da Amadora, cruzamento da Buraca e Rua de Alcolena.

O condicionamento refere-se a tempos e movimentos considerados convenientes e relativos ao cruzamento do Ramalhão, troço Auto-Estrada do

Estoril e cruzamento da Buraca Carnaxide (rampa de Cabos Avila), sendo este apenas permitido aos automobilistas que se desloquem no sentido Lisboa-Buraca.

Na Avenida das Descobertas serão mantidos os 2 sentidos de trânsito, mas reservada uma faixa para os ciclistas.

Para as zonas de Sul e Oeste do eixo Lisboa — Sintra deve utilizar-se a Estrada Marginal Lisboa-Estoril e a Estrada de Cascais Linho Ramalhão ou Cascais, Malveira da Serra, Colares.

Para a zona Norte do eixo Lisboa-Sintra deve ser utilizada a Estrada Lisboa, Buraca, Amadora, Queluz, Belas, e Venda Seca com Aigueirão ou Granja do Marquês.

agarre a sorte... totobolando!



17.ª época

TOTOBOLA

1.º CONCURSO DE SETEMBRO

Costa Brás na Roménia

O ministro da Administração Interna, tenente-coronel Costa Brás, acompanhado pelo general Hugo dos Santos, comandante da Região Militar do Centro, visitou hoje instalações dos ministérios romenos do Interior e da Defesa em Bucareste e nas províncias de Tulcea, Constantza e Brashov.

No âmbito da sua visita à Roménia, iniciada no passado dia 22, o ministro Costa Brás e o general Hugo dos Santos deslocaram-se a centros industriais, agrícolas e culturais, bem como a estâncias de turismo e a monumentos nacionais romenos.



Canal da Crítica

Continuação da pág. 11

vai desencorajar os especuladores. Não é assim. Quando muito, desencorajará os vampiros mais pequenos (o que ainda é duvidoso) provocando assim uma espécie de relação natural. Os especuladores mais fortes, mais dinâmicos, continuarão a actividade, com redobrado prejuízo para a economia, já que, aumentando a despesa, aumentam a ganância. Capitalismo sem especulação seria a negação do próprio capitalismo. Sim ou não? Então?

UMA VACA COM BOAS TETAS

Medina Carreira, em vez de finanças, devia ter escolhido a indústria do romance policial. Aquela capecinna tem ideias, não é lá qualquer coisa.

Eis aqui um dos seus alvitre: que a televisão organize um concurso género *Ornêlia*, onde toda a gente que o desejasse fosse apresentar soluções para a saída de crise. Mas soluções concretas, sugestões práticas.

Na sua opinião, muitos falam, falam — mas alternativas, está quieto ó mau! De maneira que um concursozinho...

Boa ideia, Medina. O senhor merecia uma estátua. Tanto quanto possível equestre.

CORNÉLIA, ASSIM:

Imaginem um júri composto por mister Frank Carlucci, Herr Willy Brandt, o Casqueiro da CAP, o Eduino Hsiao Pinga e o Barreto. O animador do concurso seria a figura gentil e alegre de Jaime Gama.

O concorrente A, proporia a entrega imediata de toda a terra aos agrários. Classificação, num máximo de 15 pontos:

Carlucci, 15 pontos; Brandt, 15; Casqueiro, 18; Equino (para mostrar que é da «esquerda»), 14; Barreto, 25.

O concorrente B alvitava a subida do custo de vida, para combater as consequências do aumento gonçalvista dos salários.

Carlucci, 15; Brandt (é preciso salvar as aparências...) 14; Casqueiro, 22 (com a ameaça de fazer uma barragem na estrada em Rio Maior se o obrigarem a baixar de pontuação); Esulno (com um sorriso amarelo), 16; Barreto, 25.

O concorrente A proporia a desejar apenas fazer um alvitre: que a RTP autorize a publicação do livro «A saída da crise».

Carlucci (apoplético) 0; Brandt («em todas as circunstâncias, sou pela liberdade de expressão») 2; Beduíno (depois de se aconselhar com Feng) faz a classificação de Brandt; Barreto (em recordação dos meus tempos na Suíça) 15 negativos.

Para o concorrente B, 92 pontos.

Jaime Gama: *Tem mousica?*

Convergência: TEM

Para evitar susceptibilidades nacionais, a orquestra ataca os primeiros acordes de «Ó Rosa arredonda a saia» em honra e louvor da grande figura da democracia ocidental que é o Thomaz Rosa.

A CRISE PODE SER VENCIDA

Pois é. É muito difícil acreditar na boa-fé de certas pessoas;

quando assumem uma atitude tão... estranha.

Na conversa, como no alvitre do dr. Medina, tudo se passou como se não tivesse havido a conferência nacional de um partido cujas conclusões apontavam uma saída para a crise, uma saída com o povo, uma solução com os trabalhadores, a única saída possível.

As participações e as conclusões foram publicadas num livro precisamente chamado «A saída da crise».

Quer Medina, quer Sousa Gomes, quer Sarsfield Cabral, ignoraram por completo, ignoraram acintosamente, essa conferência, esse livro. O menos que se pode dizer desta atitude é que não é uma atitude honesta.

Há uma alternativa, ao contrário do que foi afirmado. A solução não é a submissão ao imperialismo ou a miséria mais negra: a solução consiste na mobilização dos trabalhadores portugueses através da sua concordância num projecto colectivo.

Não pode separar-se o problema financeiro da questão económica geral. Salazar, provinciano e inculto, privilegiava paranoicamente as finanças. Viram-se os resultados na economia do País.

Abolir as despesas provocantes; cortar as importações de produtos que podemos produzir; organizar o trabalho de todos e não o desemprego de muitos; apelar para o aumento da produção com a participação consciente dos trabalhadores (de que o dr. Mário Soares e sus muchachos foram os principais sabotadores) — estas são as bases para sair da crise.

Estará o actual Governo em condições de promover a tarefa? Claro que não está. As últimas leis, a aliança do PS com o PPD provam que para o Governo não há saída.

Para o Governo. Porque para o Povo Português, ela existe.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

O céu estava muito nublado nas regiões do Norte e pouco nublado nas do Sul. O vento era fraco ou moderado do norte.

TEMPERATURAS EXTREMAS

BEJA Máxima.....29°
BRAGANÇA Mínima.....6

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 H. DE AMANHÃ

Nas regiões do norte e centro céu temporariamente muito nublado aguaceiros dispersos e pouco frequentes. Neblinas matinais no litoral. Nas restantes regiões céu geralmente pouco nublado e vento fraco ou moderado de norte em todo o território

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.
PORTO 17°
PENHAS DOURADAS 8°
COIMBRA 16°
PORTALEGRE 14°
LISBOA 19°
SAGRES 17°
FARO 19°
PONTA DELGADA 20°
FUNCHAL 22°
V. CASTELO 18°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
1.42	3.9 m
14.00	4.1 m
DIA 28	
2.29	4.0 m
14.46	4.3 m
DIA 29	
3.11	4.1 m
15.28	4.3 m

AMANHÃ
NASCER AS 7.01
OCASO AS 20.15



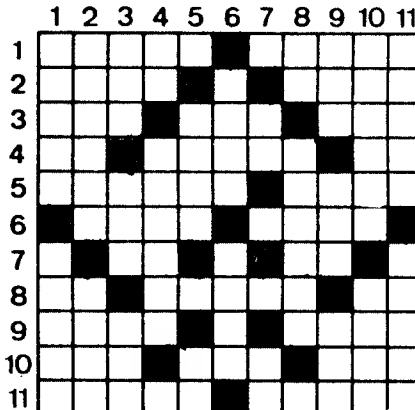
palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11.825

HORIZONTAIS:

- Serra de Portugal. Dá masagens a (Ex-India Port).
- Cantiga. Escavar
- Punhal. Bondosa. Agora
- Preposição Brutalidade Lago.
- Dás marradas. Lígues
- Monarcas. Agradáveis.
- Quarto. Gálio (s.q.)
- Preposição latina que designa movimento. Estive unido por aderência. Note bem.
- Lugar. Rio da Polónia.
- Animal doméstico. Esteiro Arara.
- Cidade de Itália. Gavotas juvenis. (Mad).



VERTICAIS:

- Sugem o leite materno. Pi-sa.
- Guarnecer de arames Apellido.
- Curso de água natural e abundante. Monarca Preposição e artigo definido.
- Autores. Salpicar.
- Bondosas. Reis.
- Tempo do verbo ser Reque-rir.
- Antes de Cristo. Prata (s.q.)
- Moderato. Aplauso.
- Ferro temperado. Ilhado estado da Baía. Oferecei.
- Consanguinidades. Imperador romano célebre pela sua crueldade.
- Tribu indígena brasileira Açpões.

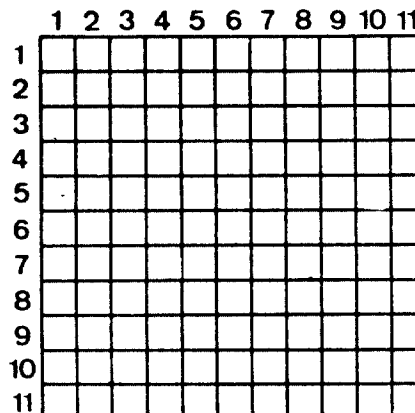
Resolheu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7.885

HORIZONTAIS:

- Recua. Cura.
- Brincalhão.
- Era cristã. Papas de mandioca. Brisa
- Cidade da Colúmbia Borrifafa.
- Organização das Nações Unidas. Utensílios domésticos. Pêlos de certos animais.
- Estimei Vila e concelho do distrito de Aveiro
- Estudante.
- Em partes iguais. Marcar o peso da tara em. Item.
- Equipar. Tremor de terra
- Turno nobre que, nas cidades da Palestina, desempenhava as funções de juiz. Planta ananás da ilha de São Tomé
- Erbio (s.q.) Isolado. Expressar por palavras



VERTICAIS:

- Bronco. (fig.) Nome de vários rios da Alemanha
- Cidade da Galileia onde Deus transformou a água em vinho. Lavar
- Compare. Fogueira Milimetro.
- Espécie de verbo indígena Tempo do verbo estar.
- Ave da família dos lãridas. Bicar
- Dá urros. Sufixo que designa estado.
- Sua Senhoria Plantas dos pés.
- Serra de Portugal Vareira
- Letra grega Prender com elos. Nome de astro.
- Mãe de Ismael. Soluça.
- Tempo do verbo ir. Levam à sirga.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11.824

HORIZONTAIS

- HOJE. Sela.
- Ara. Mel. Sal.
- Ne SOMOS. VA.
- Gabara. Agag.
- Orates. Lara
- Bis. Ag.
- Asar. AMANHÃ
- Bera. Tara.
- Ag. Saudas.
- NÃO. Mão. NS
- Orão. Isara.

VERTICAIS

- Hango. Abano.
- Orsar. Secar.
- Já. Babar. Ao.
- Sátiras.
- Mores. Am.
- Remas. Atuai.
- Lo. Amados.
- Salgara.
- Es. Ga. Nas.
- Lavar. Na.
- Alagaram.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7.885

HORIZONTAIS

- Aristides
- NNE. Mas.
- Ua. Apupo. Ia.
- Imã. Are. CCC.
- Notar. Dó. Ahl
- Traga. Icaro.
- Mar. Rio.
- Ir. Razão. Ni.
- Rev. Mim. Cor.
- Ar. Bata.
- Saloiias. Sós.

VERTICAIS

- Quinteiros.
- Amor. Re.
- Rn. Atam. Val
- Ina. Agar. Oá
- Separaram.
- Ur. Zita.
- Impediram.
- Dão. Ócio.
- Es. Ao. Cás.
- Icar. Noto
- Cachoeiras.

PROVERBIO: HOJE SOMOS AMANHÃ NÃO.



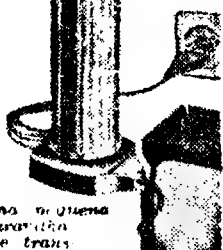
José Manuel Martins Norberto

Missa do 30.º dia e agradecimento

Maria Rita Peres Martins Norberto, Sofia Peres Martins Norberto, Luís Norberto e sua mulher, Piedade Martins Norberto, Maria de Lurdes Norberto e Maria Luísa Norberto participam o falecimento de seu querido marido, pai, filho e irmão, e que se realiza missa pelo seu eterno descanso na 2.ª feira, dia 29, pelas 18 horas, na Capela das Flamengas (ao Calvário), agradecendo a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto, bem como àquelas que lhe manifestaram o seu pesar e a quem não o fizeram directamente por desconhecimento de moradas.

SUPER STARK

ANTENA TV
ELECTRÓNICA
Só
250\$00



Uma pequena maravilha que transforma a sua instalação eléctrica numa antena parabólica que amplia o campo de recepção da TV e rádio com AM-FM. PREÇOS A COBRANÇA + 25\$00 (portos)

SEX-SHOP
Apartado 392 — PORTO

INSCRIÇÕES

Firma inglesa em fase de expansão, admite para entrada imediata 5 pessoas. Habilitações mínimas: 5.º ano ou equivalente e mais de 18 anos. Preferência quem possuir conhecimentos de Inglês. Inscrições abertas somente 2.ª feira das 9.30 às 12.30 e das 14 às 17 horas na Av. Miguel Bombarda, n.º 133 7.ª, Porta D.

famílias de serviço

LISBOA

Até às 22 horas

ARNALI — Rua Escolas Gerais, 88-A. Tel. 863940

ASCENSO — Pr. Norte, 11-A (B.º da Encarnação); Telef. 311216-310172

AVENIDA (das) — Av. da República, 27-A. Tel. 533688

CELTA — Rua Moura Girão, 3-B. Tel. 890621

CENTRAL DO LUMIAR — Rua do Lumiar, 77. Tel. 790480

COMBRO (do) — Calçada do Combro, 78. Tel. 326059

DIMAR — Rua Conde Monsaraz, 17-B. Tel. 84533

G. SILVA — Rua Francisco Tomás da Costa, 3-C. Tel. 771873

GUERRA — Rua Andrade, 32-36. Tel. 845513

J. RIBEIRO — Estrada da Luz, 199-A. Telef. 780969

JOÃO XXI — Av. João XXI, 16-A. Tel. 726462

MARLUZ — C.ª da Picheleira, 140-B. C. Telef. 720703-728395

MENDES GOMES — C.ª Ajuda, 222. Tel. 638256

NACIONAL — Rua do Salitre, 7. Tel. 46858

NOBEL — Rua Actor Vale, 53. Tel. 842152

NOGUEIRA — Rua de Alcântara, 5-A. B. Tel. 637563

OLIVEIRA — Rua de Campolide, 54-A. Tel. 684424

OLIVEIRA VIEGAS — Rua Viriato, 29-A. Telef. 548966

ORIENTAL DE LISBOA — Rua Alves Torgo, 2-B. Tel. 45079

PORFÍRIO — Rua Francisco Metrass, 59-B. Tel. 663349

RAINHA SANTA — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B. Tel. 765262

S. A. E. SILVA F.ª — Rua S. João da Mata, 72-74. Tel. 661010

SALTER — Rua de Xabregas, 63-65. Tel. 381185

SANEX — Av. da Igreja, 31-C. Tel. 897505

SIMÃO — R. Cidade de Cabinda, 16-A. Tel. 310581

UNIÃO — Estr. de Benfica, 592-594. Tel. 700092

VALADAS. SUCR — Rua da Madalena, 235. Tel. 872060

(Permanente)

ARNALI — Rua Escolas Gerais, 88-A. Tel. 863940

CENTRAL DO LUMIAR — Rua do Lumiar, 77. Tel. 790480

MARLUZ — C.ª da Picheleira, 140-B. C. Telef. 720703-728395

MENDES GOMES — C.ª da Ajuda, 222. Tel. 638256

NACIONAL — Rua do Salitre, 7. Tel. 46858

OLIVEIRA — R. de Campolide, 54-A. Tel. 684424

OLIVEIRA VIEGAS — Rua Viriato, 29-A. Telef. 548966-553601

ORIENTAL DE LISBOA — Rua Alves Torgo, 2-B. Tel. 45079

UNIÃO — Estr. de Benfica, 592-594. Tel. 700092

SANEX — Av. da Igreja, 31-C. Tel. 897505

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — Miramar, R. Ernesto Silva, 81. Tel. 2112048

ALCABIDECHÉ — Carvalho

PORTO SALVO — Ferreira Bastos

CAXIAS — Nova, R. Bernardino Ribeiro, 1-A. Tel. 242839

CARCAVELOS — Central

S. DOMINGOS DE RANA — Godinho da Silveira, Av. Sa-boa, 29-B. Tel. 260085

PAÇO DE ARCOS — Godinho, Av. Patrão Lopes, 4. Tel. 2432039

OEIRAS — Central, R. Conde Ferreira, 29. Tel. 243058

NOVA OEIRAS — Leal

PARADE — Artur Brandão, Av. de Re-pública, 77-C. Tel. 2471054

AMOREIRA — Junqueiro-Mendes

AMOREIRA — Tel. 262313-267314

CASCAIS — Misericórdia, R. Regimento, 19-41. Tel. 280141

LINHA DE SINTRA

AMADORA — Carmelo, R. Elias Garcia, lo-te 28. Tel. 933303

MERCES — Dias, Av. Marquês de Pom-bal, lote 9. Tel. 934589

DAMAIA — Lemos, R. Goa, 21-A. Tel. 971121

QUELUZ — Gil, Av. Miguel Bombarda, 28. Tel. 950117

CACÉM — Araújo e Sá, Est. Paço de Arcos, lote 1-B. Tel. 2940781

MERCES — Claro Russo

RIO DE MOURA — Riomouro, Av. OsCarMontei-ro Torres, 8. Tel. 2980194

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, Tel. 980456

COLARES — Abreja, Tel. 299088

ALGUEIRÃO — Rodrigues Rado, Tel. 2912038

OUTRA BANDA

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10. Tel. 234137

ALHOS VEDROS — Guimarães, R. Cândido dos Reis, 30. Tel. 204020

ALMADA — Cristo-Rei, Av. do Cristo-Rei, 31-A. Tel. 2766498

BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estada Nacio-nal, 244-A. Tel. 2040141

BARREIRO — Santa Marta, R. dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B. Tel. 2072141

Normal — Av. Alfredo da Sil-va, 116. Tel. 2073035

COVA DA PIEDADE — Carqueja, P. 5 de Outubro, 18. Tel. 2750254

MONTA — União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga, Tel. 239025

MONTIJO — Diogo, R. Almirante C. Reis, 50. Tel. 2310032

SESIMBRA — Leão, Av. da Liberdade, 13. Tel. 2233471

SETÚBAL — Nova, R. General Gomes Freire, 125. Tel. 22052

Rosa Pinto — P. do Bocage, 98. Tel. 22484

SEXAL — Soromenho, R. Paiva Coe-lho, 38. Tel. 2218560

COSTA DA CAPARICA — Higienica, Av. da República, 23. Tel. 2400020

PORTO

(De dia e só até às 22 horas)

GONDARÉM — Rua de Gondarém, 360. — Foz, CORREIA DE ARAÚJO — Rua de Santa Catarina, 259. Tel. 25644

SILVA PEREIRA — Rua Costa Cabral, 293. Tel. 480761

ALVES — Praça do Exército Libertador, 62. Tel. 60002

BARROS — Rua do Loureiro, 104. Tel. 315075

BOA HORA — Rua da Boa Hora, 80. Tel. 287783

CAMEI-RA — Rua do Heroísmo, 90. Tel. 52583

(De dia e toda a noite)

TERREIRO — Rua da Reboleira, 21. Tel. 23576

PINHEIRO MANSO — Rua S. João de Brito, 25-29. Tel. 60692

SANTA TERESA — Praça Guilherme G. Fernandes, 100. Tel. 315713

NOVA AVENIDA — Avenida Fernão de Noga-lhões, 692. Tel. 52250

COIMBRA

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

VILAÇA — Rua Ferreira Borges, 132. Tel. 22043

LISBOA/Teatros

TEATRO A COMUNA
21.15 (13 anos)
«Barraca conta tiradentes»

QUARTETO
23.45 (18 anos)
«A Verdadeira História da Jack o Estripador»

ADÓQUE
20.30 22.45 (18 anos)
«O Calinas Cala a Boca»

LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«Calcinhas Amarelas»

TEATRO B.º ALTO
21.30 (13 anos)
«Casimiro e Carolina»

VARIEDADES
21.30 (13 anos)
«Desculpa é Caetano»

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«... Aqui quem manda sou eu»

TEATRO DA GRAÇA
21.30 (18 anos)
«A Estalajadeira»

LISBOA/Cinemas

LUMIAR
21.30 (18 anos)
«Viking Siciliano»

OLÍMPIA
(18 anos)
«No calor de Júlia»

MONUMENTAL
21.30 (18 anos)
«Por um punhado de dólares»

CINEARTE
21.30 (13 anos)
«Viagem ao Centro do Mundo»

RESTELO
21.15 (13 anos)
«Barry Lyndon»

PARIS
21.30 (13 anos)
«O Lutador da Rua»

CALEIDOSCÓPIO
21.30 (6 anos)
«A Culpa foi do Macaco»

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Exibição»

PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«Paulo o Frio»

PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Elic Story»

JARDIM
21.15 (13 anos)
«O Leão e o Vento»

CAPITOLIO
21.00, 23.00 (18 anos)
«China Girl»

VOX
21.15 (18 anos)
«O Mecânico»

QUARTETO
Sala-1
21.15 (18 anos)
«O Caso Matei»

Sala-2
21.30 (14 anos)
«A Grande Ilusão»

Sala-3
21 e 23 (18 anos)
«A Máscara»

Sala-4
21.00, 23.00 (18 anos)
«Verão-72»

LINHA DE CASCAIS

PAÇO DE ARCOS
Chaplin
21.15 (18 anos)
«Emanuelle Branca»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.15 (13 anos)
«Os 12 Indomáveis Patifes»

PARADE
Royal Cine
21.15 (18 anos)
«Delícias Turcas»

Casino
17.00 e 21.15 (13 anos)
«Voltar a Viver»

Palácio
21.15 (13 anos)
«Escândalo na TV»

CASCAIS
S. José
21.15 (18 anos)
«Pânico no Estádio»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.15 (13 anos)
«Africa Expresso»

AMADORA
Cineestúdio
21.30 (18 anos)
«Os Dias Impuros de um Marinheiro»

ecrelos Desportivos
21.15 (13 anos)
«A Corrida dos Malucos»

Lido
21.30 (18 anos)
«Carrie»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (13 anos)
«O Filho de Zorro»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Aquela Vermelha Manhã de Junho»

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia Almadaense
21.15 (13 anos)
«Zameer»

Academia 21.30 (Teatro)
«Atira o Barrete ao Ar!»

ALMADA
Incrível Almadaense
21.15 (18 anos)
«Gina, a Strip-teaser»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (13 anos)
«Com jeito vai na Farra»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO
21.30 (6 anos)
«Amar-se um só Verão»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Cabaret»

RIVOLI
21.15 (6 anos)
«A Grande Paródia»

SALA BEBÉ
21.30 (13 anos)
«Sementes da Violência»

JÚLIO DINIS
21.15 (6 anos)
«O Corsário Negro»

THINIDADE
21.30 (10 anos)
«O Ouro de MacKenna»

CHARLOT
21.30 (13 anos)
«O Feroz»

COLISFU
21.15 (18 anos)
«O Esquadrão do Dragão»

S. JOÃO
21.30 (4 anos)
«No Fantástico Reino da Fantasia»

VALE FORMOSO
21.15 (10 anos)
«Os Dez Mandamentos»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Por um Punhado de Dólares»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Na Ponta do Sexo»

CHAPLIN
21.30 (13 anos)
«Balbúrdia no Oeste»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Triângulo erótico»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«A semente do Diabo»

SA DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«O Mais Quente Espetáculo do Mundo»

ESTÚDIO 400
21.30 (18 anos)
«O Cordeiro Enfurecido»

AGUIA DE OURO
21.30 (4 anos)
«Zorro e os 3 Mosqueteiros»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (todas)
«O Barbeiro de Sicília»

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Jovem Nora»

cinemas

ab CINE

13, 15, 17, 19, 21 15 e 23 15

SALA A
não acons. m/18 anos

PRESIDIÁRIO

SALA B
5.ª Semana
12, 30, 14, 30 16, 30, 18, 30, 21, 30, 23 30

CARRIE
Int. a m. 18 anos

INTILADE

T. 897480 14.15, 16, 30, 18.45 e 22 30

Milos Kopecky/Stella Zazvorkova em

A GUERRA DOS VIZINHOS
de Petr Schulhoff
Maiores de 6 anos

APOLLO 70

Tel. 763319 14.00, 16, 30, 19.00, 21, 30

O filme musical do ano!

CAR WASH
Não acons. a men. de 13 anos

3.ª semana
Hoje às 24.00h. — Grupo D (18 anos)
TODAS AS NOITES ÀS NOVE
Amanhã às 11.00 — para todos
TINTIN E O TEMPLO DO SOL
Amanhã às 24.00 — Grupo D (18 anos)

A CASA MALDITA

AVIS

Tel. 4 163 15, 18.15 e 21.30

Não acons. a menores de 13 anos

O SOFRIMENTO DE AMOR
11.ª semana
o filme começa a projectar-se logo após o início da sessão

BERLIA

Tel. 776098

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

A CIDADE DOS ANJOS
de Robert Aldrich
Não acons. m/18 anos
c/Burt Reynolds Catherine Deneuve e Ben Johnson

ATLANTIC

Tel. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

Festival Jerry Lewis

A CULPA FOI DO MACACO
Para todos
2 dias para cada filme

CASTIL

Tel. 530194 15, 17, 19, 21.30

2.ª Semana
N. ac. a men. 13 anos

A RAPARIGA DA PELE QUENTE
é tudo o que o homem deseja
c/Zendi Araya/Beba Loucar/Ugo Pagliai de Luigi Scattini

Hoje às 24 h. — interd. m/18 anos

A LEIDO SEXO

NIMAS

Tel. 574362 14.30, 16.45, 19 e 21.30

Não acons. men. 13 anos

DAISY MILLER
um filme de Peter Bogdanovich
c/Cybill Shepherd-Barry Brown

Hoje

DECAMERON III
Amanhã
SEXO LOUCO

CONDES

Tel. 322523 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30

Interdito a menores de 18 anos

4.ª semana
Colorido

A LEIDO ÓDIO
um filme de Larry Pearce
Com Charlton Heston, James Coburn

ODEON

Tel. 326283 15.15, 18.15, 21.15

6.ª Semana

Int. men. 18 anos
Colorido

EMANUELLE NEGRA N.º 2

PATHE

Tel. 821933 14.15, 17.45 e 21.30

Não acons. men. 18 anos

Em 5.ª semana

JURAMENTO DE AMOR
c/Hema Malini, Ferroz Khan

POLITEAMA

Tel. 326305 14 15, 16.30, 19, 21.30

Não ac. m/13 anos

DOIS INDOMÁVEIS PALERMAS

RESTELO

Tel. 610275 21.30

N. acons. m/13 anos

BARRY LYNDON
às 0.30 — interd. m/18 anos

OS PRAZERES DISCRETOS DA ALTA RODA

ROMA

Tel. 887778 Às 15.30, 18.30 21.30 h

OS VENCIDOS
c/Bernie Hamilton Adam Roarke

N/acons. m/18 anos

ROXY

Tel. 48560 14.00-16.30-19.00-21.30

O filme indiano de maior êxito

2.ª semana

AMOR E JUSTIÇA
n. acons. men. 18 anos

S. JORGE

Tel. 579144 15.15, 18.15, 21.30

Não acons. m/13 anos

Richard Harris em

A VINGANÇA DO HOMEM CHAMADO CAVALO

TIVOLI

Tel. 570595 15.15, 18.30, 21.30

Elvis Presley em

«ELVIS SHOW»
de Denis Sanders
Para todos

UNIVERSAL

Tel. 774402

Aceitam semarcacões pelo telefone

Às 15.00, 23.00

M/18 anos

O RELOJOEIRO

UM BEATO NO PARAISO
17.00 Não acons. m/13 anos

19.00

Maiores 18 anos

TIRO DE ESCAPE
21.00

O IMPORTANTE É AMAR

D. JOÃO V DAMAIA

Tel. 21 714 21.15

AFRICA EXPRESSO
Não acons. men. 13 anos

OSFORD

As 16.00 e 21.30h

BELO COMO UM ANJO

Amanhã

OS ASSALTANTES DO AR
Não acons. men. 18 anos

3.ª Programa Local (187.5)

16.00 «Variante» 18.15, Sal e pimenta; 18.30 Bric-a-brac 19.03 Implicável, por Carvalho Ramos; 20.10 Turismo: temas e problemas, por Júlio Padessa; 20.40, Programa de agenda; 21.00, Fecho

4.ª Programa EMISSÃO Total em Este- reofonia

16.00 «Gong» Realização de João David Nunes; 19.00 «Em órbita»; 20.00 «Forum» realização de Jorge Lopes; 22.00, «Auditório»; 00.00, «Prima»; Realização de Fernando Quinas; 02.00 Fecho.

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A. R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Polícia Judiciária ocupa-se do "caso dos sete mil contos"

«O caso dos sete mil contos»: o «Expresso», na sua edição de hoje, adianta unicamente o nome do funcionário bancário que atendeu o indivíduo que tinha no passaporte e designação de «membro do Governo».

Nome do funcionário: H. Laimgruber. Transcrevendo do «Expresso»: «trata-se de um indivíduo de farto bigode alourado e cabelo da mesma cor, com uma idade variante entre os 25 e 30 anos, originário de Zurique».

Este funcionário, e ainda segundo o «Expresso», negou-se terminantemente a fornecer mais pormenores sobre o suposto membro do Governo.

O jornal de Pinto Balsemão, promete continuar com as suas investigações «até esgotar as últimas possibilidades».

Entretanto, o caso está a ser investigado pela Polícia Judiciária.

Supõe-se que a partir do resultado das investigações da PJ e caso se verifique que não houve, da parte de qualquer membro do Governo, a tentativa de cambiar escudos num banco da Suíça, será oficialmente apresentada queixa contra o referido semanário.

Embora saibamos que a Judiciária se ocupa, efectivamente do «caso dos sete mil contos», não nos foi possível obter a confirmação oficial das diligências em curso.

COOPERAÇÃO LUSO-VENEZUELANA

Ministro Marturet chega amanhã a Lisboa

A convite do ministro do Plano e Coordenação Económica, chega a Lisboa amanhã, para uma visita oficial de uma semana a Portugal, o ministro de Estado para a Coordenação e Planificação Económica da Venezuela, Lorenzo Azpurua Marturet.

Esta visita, organizada no âmbito da cooperação estabelecida entre os dois Governos, tem por objectivo analisar as possibilidades concretas de materializar essa cooperação, no domínio de projectos a realizar na Venezuela com participação portuguesa, e de projectos venezuelanos a desenvolver na nossa área de actividade económica.

Durante a sua estada no nosso país, o ministro venezuelano será recebido pelo Presidente da República, pelo Primeiro-Ministro e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, e terá

reuniões de trabalho com o ministro do Plano e Coordenação Económica e secretário de Estado da Coordenação Económica, com quem debaterá aspectos da actual situação económica portuguesa e do acordo de cooperação assinado em Novembro de 1976 entre os dois países. Nestas reuniões serão também analisados problemas relativos à emigração, estando igualmente presente o secretário de Estado da Emigração.

Por outro lado, o ministro Marturet visitará diversos complexos industriais, nomeadamente a Mague e a Sorefame. Também se deslocará ao Norte do País, onde visitará a barragem do Carrapateiro e o porto de Leixões, e a Sines, onde tomará contacto com o plano geral do projecto e estruturas em desenvolvimento.

Abriu ontem a Feira de S. Mateus

VISEU, 27 — A feira anual de S. Mateus, tradicionalmente conhecida por «Freira Franca» de Viseu, abriu ontem ao público, com inauguração oficial a cargo das autoridades do concelho. A Feira abriu este ano cerca de dez dias mais cedo do que é habitual, já que, ao que as pessoas aqui se lembram, ela sempre decorreu a

partidos primeiros dias de Setembro. A abertura mais cedo permite no entanto que os visitantes e os próprios viseenses

com térias em Agosto possam ainda beneficiar de alguns dias de contacto com um certame secular que todos os anos trás a esta cidade muitos milhares de pessoas.



Viaduto vai fechar cancela na Damaia

Com o acabamento das obras de um viaduto sobre a via férrea na Damaia, cujas obras orçaram em cerca de 12 mil contos, encontra-se em vias de encerrar mais uma passagem de nível, a qual, para além de ter provocado grandes engarrafamentos no trânsito rodoviário e atrasos nos comboios da Linha de Sintra, foi a causadora de um número considerável de acidentes mortais.

A concretização deste plano, segundo nos foi revelado por um porta-voz das Relações Públicas da CP, apenas se encontra dependente da aprovação em Conselho de Ministros da Lei de Classificação de Passagens de Nível, sob proposta da Direcção-Geral de Transportes Terrestres.

TERRENOS MUNICIPAIS DO PORTO

Aprovado regulamento para cedência de direito de superfície

PORTO, 26 — Na sessão pública de ontem, na Câmara do Porto, foi aprovado na especialidade o regulamento que permitirá a cedência do direito de superfície para a habitação em terrenos municipais visando, conforme se declara no diploma «a necessidade de criação de condições indispensáveis para que os municípios se sintam interessados na

construção de habitação social». Os terrenos «serão cedidos por preços que, no conjunto não sejam lucrativos para a Câmara, atendendo aos custos de aquisição, acrescidos dos custos dos estudos e da realização dos trabalhos de urbanização e dos inerentes encargos, calculados em relação a toda a zona, quando a carga do município», acrescenta ainda o regulamento.

Por outro lado, estabelecem-se também condições de prioridade para a cedência daquele direito, contemplando-se em 1.º lugar as cooperativas de habitação de propriedade colectiva ou associações de

moradores legalmente constituídas, seguindo-se as cooperativas de inquilinato cooperador quando detenham a propriedade dos fogos, as cooperativas de proprietários, as particulares associadas para a construção de edifícios destinados a habitação própria e os particulares para construção de habitação própria. O regulamento dá ainda, preferência aos domiciliados na cidade do Porto bem como às cooperativas ou associações que tenham aí a sua sede. A Câmara vai proceder à maior divulgação deste regulamento com vista ao seu conhecimento pelos interessados.

Proposta do SIR

A proposta da lei respeitante à criação do Serviço de Informações da República, SIR, será enviada à Assembleia da República em Outubro — anuncia o «Expresso» na sua edição de hoje. O mesmo semanário adianta que os Serviços em questão ficarão instalados na cidade de Cascais, a antiga residência de Verão dos Presidentes da República.

Partidos comentam Pacote Dois

Continuação da pág. 1

divisas que permitam ao Banco de Portugal aumentar o valor do escudo nos mercados cambiais externos? A nova política cambial do Governo agrava, pois, as incertezas e mantém a nossa moeda sujeita a toda a sorte de pressões.

ESCUDO BAIXA NO ESTRANGEIRO

Após ter sido divulgada a notícia de que o Governo português decidira colocar o escudo em flutuação, as reacções da banca suíça não se fizeram esperar. A queda de cotação vai para os 4,25 francos suíços

por cada 100 escudos comprados por um franco. No que se refere às divisas, os círculos bancários previam uma queda do escudo em 1,0 por cento, seguindo-se diariamente uma queda de 5,0 por cento, até um total de 10 por cento de desvalorização.

Em Londres e segundo os cambistas do mercado londrino, o escudo que, a partir de agora passou a flutuar, abriu ontem com cotações um pouco mais baixas. Uma vez que ainda se desconhece o nível dos ajustamentos periódicos, a reacção tem sido lenta.

As transacções sobre a divisa portuguesa limitaram-se, na capital britânica, a alguns casos comerciais urgentes, visto os operadores terem adoptado, na sua esmagadora maioria, pela conhecida posição do «wait and see» ou seja, esperar para ver.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA
EM JULHO: 46 100 exs.
Hoje 24 páginas

tome
o

GABINETE DE ESTUDOS NUM HOTEL

Os jornais de 18 de Agosto noticiaram que o «Gabinete de Estudos de Opinião», instalado no décimo sétimo andar do Hotel Penta, tinha sido assaltado. Os assaltantes teriam utilizado chave falsa. Não sabemos o que a Polícia Judiciária descobriu ou concluiu, quem foi o assaltante (ou assaltantes), qual o móvel do assalto. A primeira informação faltava, ao «Gabinete de Estudos de Opinião», umas três máquinas de calcular.

O picante do caso vem da instalação do «Gabinete de Estudos de Opinião» no décimo sétimo andar do Hotel Penta.

Não falta quem tenha a opinião de que o orçamento da Secretaria de Estado da Comunicação Social permite uma certa fantasia hoteleira. Será verdade? Ou tratar-se-á de fantasias em matéria de «estudos de opinião»?

Lamine Ba na "onda socialista"

Para estar presente na «On-da Socialista» este fim-de-semana na Figueira da Foz, chegou ontem a Lisboa o secretário permanente da União Progressista Senegalesa, Lamine Ba.

Falando aos jornalistas, o dirigente senegalês disse que Leopold Senghor não pôde vir por ter, nesta altura, um programa de trabalhos «extremamente carregado». De facto — acrescentou — a UPS — encontra-se neste momento a preparar o seu IX Congresso Ordinário, e bem assim as eleições gerais que vão realizar-se no princípio do ano que vem.

Enquanto em Portugal, Lamine Ba terá contactos a nível partidário (o dirigente senegalês não é membro do Governo).

A UPS é o único representante da Internacional Socialista no continente africano.

AGORA AS 4.ª FEIRAS



pagina um
DIA 31 NAS BANCAS!

SALDOS

Resto de Coleções
PRIMAVERA/VERÃO
a partir de 29 de AGOSTO

RUA ALMIR. BARROSO 52A
LISBOA



RUA GARRETT 98
LISBOA

MODA FRANCESA E ITALIANA

QUALIDADE SOLA DE COURO



em aqui
pacote - 3

27 DE AGOSTO
DE 1977

sete
PONTO
sete

AGENDA SEMANAL  DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

sete
PONTO
setesuplemento
semanal

21

cinema
rogério
rodrigues

CINE/PONTO

3

livros
luís de miranda
rocha

LIVRO/PONTO

7

teatro
carlos porto

CAIXA DO PONTO

7



televisão

TV/PONTO

8

coordenação de
mário lindolfoLisboa, 27-8 a 2
de Setembro de 1977"PEREIRA E FREITAS,
LIMITADA"

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 19 de Março corrente, lavrada de fls. 29 a 30 do livro de notas para escrituras diversas nº D-111, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Lic. Lidia Rodrigues Maria Devesa, foi constituída uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, que ficou a reger-se pelo pacto social constante dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «PEREIRA & FREITAS, LIMITADA», fica com sede e domicílio em Lisboa, na Avenida Infante Santo, número setenta e dois, sétimo andar, letra B, e durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

SEGUNDO — O seu objectivo é a comercialização de artigos de vestuário, podendo dedicar-se a qualquer outro ramo comercial ou industrial que seja deliberado em assembleia geral.

TERCEIRO — O capital social é de cinquenta mil escudos, dividido em duas quotas iguais de vinte e cinco mil escudos cada, subscritas e já realizadas em numerário, uma por cada um dos sócios Francisco José Correia de Freitas Barradas e Maria Joana Pereira Barradas.

QUARTO — É livremente permitida a cessão total ou parcial de quotas entre sócios, mas, para estranhos, carece do prévio consentimento da sociedade, à qual fica reservado, em primeiro lugar e seguidamente a quem então mais for sócio, o direito de preferência.

QUINTO — A gerência da sociedade e a sua representação, activa e passivamente, em juízo e fora dele, ficam a cargo do sócio Francisco José Correia de Freitas Barradas, que fica desde já nomeado gerente.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Para obrigar a sociedade é suficiente a assinatura ou intervenção de um só sócio gerente, seu delegado ou procurador da sociedade.

PARÁGRAFO SEGUNDO — A sociedade poderá constituir mandatários com poderes de gerência, e os sócios gerentes poderão delegar total ou parcialmente os seus poderes de gerência.

SEXTO — Em caso de falecimento ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará a sua existência com os capazes e os herdeiros ou representantes do falecido ou incapaz, aqueles representados por um só de entre eles.

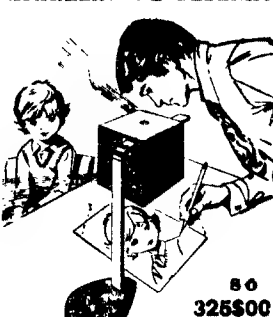
SÉTIMO — As assembleias gerais, salvo outras existências legais, serão convocadas por avisos registados, dirigidos aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

Está conforme. — Lisboa, vinte e três de Março de mil novecentos e setenta e seis.

O 2.º AJUDANTE
José Fernando Pereira Pires

AMORTECEDORES

Reparo e Reconstrução
todas as marcas,
com garantia
MENDES Tel. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE
dos amortecedores «J. M.»
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B
(A Benfica)

MAGIC ART
APARELHO DE DESENHO

Agora **TODO O MUNDO** pode
desenhar o que quiser e no
tamanho desejado com um bom
artista

PEDIDOS A COBRANÇA
+ 2500 (portos)
A SEX-SHOP
Apartado 292 — PORTO

NOVO
SERVIÇO

Você e o seu carro
no mesmo comboio
Diariamente Lisboa-Porto-Lisboa

Caminhos de Ferro
PortuguesesSERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
DA

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

CONCURSO PÚBLICO
PARA FORNECIMENTO E MONTAGEM
DO EQUIPAMENTO ELECTROMECÂNICO
DESTINADO AO ABASTECIMENTO
DE ÁGUA AO CONCELHO DO BARREIRO
— SECTOR NORTE —

Faz-se público que está aberto concurso pelo prazo de 45 dias contados a partir da publicação deste anúncio no «Diário da República», para arrematação da empreitada em epígrafe.

O acto público do concurso terá lugar nos Paços do Concelho da Câmara Municipal do Barreiro pelas 10 horas e 30 minutos do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Para ser admitido ao concurso é necessário:

Possuir o alvará de empreiteiro de obras públicas da 3.ª subcategoria da V categoria (ou da 8.ª subcategoria da VI categoria), da classe correspondente ao valor da proposta (quando esse valor for igual ou superior a 500 000\$00).

Fazer na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, o depósito provisório de Esc. 26 000\$00 (vinte e seis mil escudos) mediante guia passada pelo próprio concorrente segundo minuta anexa ao programa de concurso, e à ordem dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro, em qualquer dia útil durante as horas de expediente.

O depósito definitivo será de 5 % (cinco por cento) da importância da adjudicação.

O programa de concurso, caderno de encargos e projecto, estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Secretaria Técnica dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro, no Núcleo Regional do Saneamento Básico de Lisboa (Sub-Núcleo de Setúbal) e na Direcção-Geral do Saneamento Básico na Rua Antero de Quental, 44 em Lisboa.

O Chefe do Departamento de Obras Municipais
Álvaro José Patrício Costa

palavras
cruzadas

Horizontais

1/4/17. É primeiro ministro, canadense e misturou-se democraticamente com os 4000 turistas que visitaram a Disneylândia; 7 Césio (sq); 9. Observar secretamente; 11 Preposição e artigo; 12 Carta de jogar; 13 Mililitro; 14 Heroína francesa que foi queimada viva; 16 Em partes iguais; 21/47 É filho do ex-primeiro-ministro da Índia e foi o pivô da briga com os Comunistas; 25 Manchas; 26 Pronome reflexo; 28 Rei de Judá, de 944 a 904 ac; 29 Sustentar com estacas ou varas (a videira); 30/61 É a vedeta do filme «Vamo-nos Amar» de George Cukor; 33 Capa sem mangas; 35 Extremidades dos braços; 36 Ilha chilena da Polinésia; 39 Senhores; 40 Artigo definido; 41 Campeão; 43 Cidade da Alemanha na margem do Saale; 46 Prefixo de privação; 52, Despidos; 53 Apelido da actriz cinematográfica que foi lançada em 1955 para ser a Marilyn Monroe inglesa; 54 Assaltos; 56 Duna na Suécia; 58 Tomas oco; 63/76/83 Encontra-se às portas da falência a organização fascista NPD de que este neonazi é líder. (Alemanha); 66 Nome de fruto; 68 O mesmo que ion; 69 O mesmo que três; 70 Pronome pessoal; 72 Pago (abrev); 73 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho; 74 Pertences; 75 Interjeição que exprime admiração; 79 Concede; 81 Isolado; 82 Cavalcadura ordinária e escanzelada.

Verticais

1 Qualquer alimento (Inf.); 2 Aquele que rema; 3 Tempo do verbo ser; 4 Aqui está; 5 Nota musical; 6 Manas; 7 Sepulturas; 8 Nome de astro; 10 Árvore da ex-Índia Portuguesa; 15 Rente; 17 Espécie de prensa de penteiro (pl); 18 Sarrafos; 19 Nome de fruto; 20 Emprega; 22 Salas em que se recebem lições; 23 Físico e astrónomo francês a quem se deve a invenção do compasso aeronáutico; 24 Físico chinês que recebeu o Prémio Nobel da Física em 1957; 25/60 Este presidente africano não participará na «onda socialista» da Figueira da Foz ao contrário do que foi anunciado; 27 Érbio (s.q.); 31 Prefixo de negação; 32 Primeira parte do nome do ilustre xógum japonês que inaugurou a primeira dinastia xogunal (1186) e organizou o feudalismo militar; 34 Centiara; 37 Entastar; 38 Ósmio (s.q.); 42 Insignificância monetária; 44 Parte posterior do pescoço, correspondente à vértebra cervical atlas; 45 Alteza Sereníssima; 46 Vale espanhóis nos Pireneus; 47 Gálio (s.q.); 48 Preposição; 49 Sódio (s.q.); 50 Seiscentos em romano; 51 Segundo; 55 Medroso (Bras. Gir); 57 Arremessa; 59 Embarcação da Cochinchina; 61 Dádiva; 62 Porção de cereais, que se debulham por uma vez na eira; 63 Em partes iguais; 64 Antigo reino da região dos Belos, na Ilha de Timor; 65 Tratamento dado na China a certas pessoas; 67 Bebedeira (Bras); 71 Pronome demonstrativo; 72 Abreviatura de paraminossalicílico (ácido); 76 Vi; 77 O lado do vento (inv); 78 Neon (s.q.); 80 Item;

DÚZIA 24\$90

Ovos de galinha de campo, gema muito amarela, da letra D (e, maiores).

FRANGOS de campo, prontos a cozinhar, com inspecção sanitária da Câmara Municipal de Lisboa, Kg 47\$90

PATOS prontos a cozinhar da raça Pequim, carnudos e sem gorduras, kg. 85\$00

MEL puro de abelhas, das melhores pastagens serranas do Alto Minho, recebido directamente de produtores, kg. 79\$00

PERUS da raça Mamouth, prontos a cozinhar, kg. 95\$00

CINZANO garrafa 1 litro 48\$90

WHISKY «GREGSON'S» escocês, 100% puro, preço especial 175\$00

BRANDY ALTOVISO, reserva velha, garrafa tipo litro 47\$50

VINHO velho de Dão, e/ 10 anos, garrafa 0,75 l 25\$00

VINHO de Porto «Delaflores», garrafa 0,75 l 47\$50

MIOLO DE AMENDOIA grade e doce, kg. 110\$00

AGORA PREÇOS SENSACIONAIS

no MIMO DAS AVENIDAS

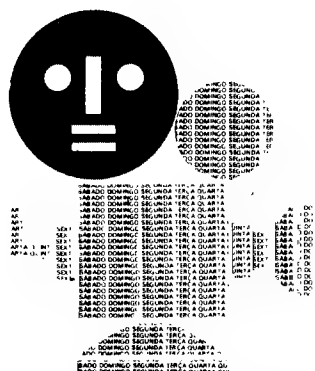
Avenida Elias Garcia, 140 — LISBOA — Telef. 77 24 60

AULAS PARA
EXAMES DE SETEMBRO

A PARTIR DAS 18.30

COOPERATIVA DE ENSINO
ALMADEIRA NEGREIROS

AV. DUQUE DE LOULÉ, 71, 2.º — TELEF. 4 03 45



CINE/PONTO



O Cinema português continua na clandestinidade

I - Antes do 25 de Abril

O problema mais grave do cinema português tem sido a incapacidade de vencer as barreiras da distribuição e exibição dos filmes, na mão de monopólios antes do 25 de Abril e que nas mesmas mãos continua depois. A exibição de filmes portugueses em casas de espectáculos de Lisboa e Porto e província representa um número irrisório, dos mais baixos se não o mais baixo de toda a Europa, em relação à avalanche da má fita comercial, erótica, porno e de artes marciais. O cinema português apresenta-se como se apresentava como manifestação marginal, sem qualquer penetração, condenado a viver de subsídios. Registe-se que até 1974 a produção anual dos filmes portugueses cifrava-se em 1 por cento dos filmes estrangeiros importados no mesmo período e houve mesmo anos em que nem essa percentagem foi atingida.

Nos últimos anos (referimo-nos ao espaço que vai de 1964 a 1974) a actividade cinematográfica em Portugal foi dominada por dois grupos, a Lusomundo/Castello Lopes e a Angola Filmes/Doper Filmes. A guerra travava-se entre estes dois grupos que tinham atrás de si apoios financeiros poderosos e diferentes. A situação viria a tornar-se mais clara (a luta mais violenta) com o desenvolvimento das guerras coloniais e um novo mercado que de súbito se abria. No primeiro grupo incluem-se a Lusomundo/Castello Lopes e os filmes Lusomundo SARL. Esta firma era suportada por um grande nome da alta finança. Num curto espaço de tempo compra a firma distribuidora Sonoro Filmes, cujo proprietário era sócio de um bom número de cinemas do Porto e província, os quais são envolvidos nesse negócio da anexação do Sonoro. Adquire, por outro lado, o exclusivo da marca internacional CIC que motivou o desaparecimento dos escritórios, em Lisboa, da firma distribuidora americana Paramount, pois os filmes desta marca e da Universal, também americana, passaram a ser distribuídos pela CIC, logo pela Lusomundo. Compra, em sociedade, o cinema Tivoli e, por envolvimento, uma parte de um laboratório de legendagem. Também em sociedade abre o complexo Apolo 70 que inclui um cinema. Aluga outras salas de cinema em Lisboa, Porto e província. Adquire o exclusivo da marca Walt Disney e anexa a firma distribuidora de filmes Exclusivos Triunfo. No início da década de 70 faz uma aliança tácita com Filmes Castello Lopes mas por razões específicas, concretamente para romper o bloqueio (principalmente sobretudo em cinemas de estreia em Lisboa) que lhe foi feito pelas congéneres que não tinham filmes de marca americana.

O DOMÍNIO DA LUSOMUNDO

Ainda hoje a Lusomundo é um império dentro das actividades cinematográficas em Portugal. Tem o exclusivo da distribuição da Lusomundo, Sonoro. Sif. Exclusivos Triunfos e representa a CIC (que compreende a Universal, Paramount e Metro) e Walt Disney. Além destas marcas domina parte do mercado produtor independente da Europa. No que respeita a exibição, domina em Lisboa as casas de espectáculos Apolo 70, Berna, Caleidoscópio, Eden Teatro, Tivoli; no Porto, Água d'Ouro, Estúdio Foco, S. João Cine e Vale Formoso; na província, Amarante, Alcanena, Alcobaca, Alhandra, Almeirim, Alverca, Arganil, Arraiolos, Aveiras de Cima, Aveiro (Aveirense), Barreiro (Barreirense), Beja, Mirandela, Manteigas, Moura, Lagoa, Loulé, Nelas, Paio Pires, Parchal, Peniche, Pinhel, Pombal, Póvoa de Santa Iria, Póvoa de Varzim (Garret) Brandoa, Cacém, Caldas da Rainha, Cartaxo, Coimbra (Tivoli), Covilhã (Cine Centro), Ermeizinde, Figueira da Foz, Fundão, Grândola, Mangualde, Mem Martins, Reguengos, Sacavém, São Brás de Alportel, Salvaterra de Magos, Santarém, Santiago do Cacém, Sardoal, Santo Tirso, Torre de Moncorvo, Torres Vedras, Venda Nova, Vila da Feira, Vila Franca de Xira, Vila Real, Vila Real de Santo António, Vila Viçosa, Vizela. Na Madeira domina o Cinema Santa Maria, cinema João Jardim e Esplanada Jardim.

FILMES CASTELLO LOPES

Firma distribuidora de prestígio principalmente por ser uma das mais antigas, tem no cinema Condes — a sua casa de estreia em Lisboa — um dos principais suportes. Nunca desfrutou das facilidades financeiras da Lusomundo. Apesar de ter conseguido mais um cinema (o Londres) e de representar marcas americanas e beneficiar de posições privilegiadas na exploração dos cinemas Pathé, Roxy e Alvalade, juntamente com a Lusomundo, teve no entanto alguns desastres financeiros como seja o investimento conjunto da Mundáfrica em Angola, o projecto da construção de um cinema

no Funchal e os acordos de exploração de outros cinemas em Portugal como o Teatro Circo de Braga, etc. Foi numa situação difícil que o 25 de Abril encontrou a Filmes Castello Lopes, apresentando uma posição extremamente vulnerável em relação ao seu sócio directo, a Lusomundo. A Castello Lopes representa em Portugal a Fox Filmes e a Avco/Embassy (marcas americanas) além de dominarem uma parte do mercado produtor independente da Europa. Em Lisboa,



tem como cinemas de exibição o Condes e o Londres; no Porto, o Rivoli, na província os cinemas de Abrantes e Riachos.

O CINEMA NA GUERRA COLONIAL

O segundo grupo forte da distribuição e exibição de filmes em Portugal é o Grupo Angola Filmes/Doper Filmes e Angola Filmes, virada para África e que aumentou consideravelmente o seu poder com a guerra colonial. Tinha sede em Luanda e possuía daquela cidade os maiores e mais importantes cinemas. A partir do início da guerra colonial o mercado do cinema tornou-se fabuloso de tal forma que aquela firma instalada em Angola começou a ditar as suas leis, impondo-as às empresas instaladas em Portugal. Devido, em grande parte às exigências do mercado colonial, houve um brusco aumento para 400 do número de filmes importados por ano. É em resposta à tentativa que as marcas americanas fazem no início da década de 70 para irem explorar directamente Angola, a fim de obterem ainda maiores lucros com os seus filmes, que a Angola Filmes vem a Portugal penetrar no domínio da actividade cinematográfica, ao mesmo tempo que tenta obter o controle de diversas distribuidoras por forma a garantir o fornecimento do número de filmes que necessitava. A penetração em Portugal levou esta firma a fazer uma aliança tácita com a Doperfilme. Dominava na altura a distribuição dos Distribuidores Reunidos, Filmital, Internacional Filmes, Mundial Filmes. Não apresenta marcas americanas. Os principais fornecedores são os produtores do mercado europeu. Tem como cinemas de exibição em Lisboa o Mundial, Politeama, Star e Vox.

DOPERFILME

A Doperfilme é também firma com bom suporte financeiro, bem apoiada na banca e com boas colocações do produto no mercado. Possuía

distribuidoras, cinemas de estreia em Lisboa e Porto, cinemas na província, em Angola e Moçambique e até um laboratório de legendagem (Martra Filmes). Só que não tinha nenhuma marca americana. Era distribuidora da Doperfilmes, Talmafilmes e Filmes Ocidente. Como cinemas de exibição apresenta em Lisboa, o Avis, 444 e Roma; no Porto, o Júlio Dinis; na província, cinemas em Armação de Pera, Coimbra (Sousa Bastos), Elvas, Estremoz, Évora, Lagos, Montemor-o-Novo, Portimão, Sintra, Viseu.

BLOCOS DOMINANTES

São estes os blocos dominantes. Só do bloco Lusomundo/Castello Lopes, além dos exclusivos em exibição e distribuição pertença da Lusomundo, contam-se ainda, em Lisboa, para exibição os cinemas Alvalade, Pathé e Roxy; na província, Teatro Circo e Estúdio. Em Angola tinham a Mundáfrica (distribuição)

A Intercine ganha ainda a exploração dos cinemas da Cineação (Monumental, Império, etc), e cria secções próprias para explorar circuitos de cinemas no Continente e Ilhas.

FIRMAS INDEPENDENTES

Para além destes dois blocos que continuam a dominar o cinema a distribuição do cinema em Portugal e que poderão ser considerados as maiores barreiras para o desenvolvimento de um autêntico cinema português, existiam ainda outras pequenas firmas independentes como a Columbia Filmes de Portugal, Ranko Filmes de Portugal (United Artist), Imperial Filmes, Astória Filmes, Companhia Cinematográfica de Portugal (a mais antiga mas praticamente sem actividade), Deva Filmes, Ico Film, Spac (distribuindo só filmes portugueses antigos mas em vias de desaparecimento), Animatógrafo e Victoria Filmes.

A Columbia é firma distribuidora americana, a única que existe a funcionar directamente em Portugal. A Rank é uma firma inglesa com filmes americanos (United) que estreia os filmes no seu cinema (S. Jorge). Todas as restantes firmas são sem peso e, embora consideradas independentes, só teoricamente o eram já que no fundo dependiam totalmente dos blocos, pois estes é que tinham os cinemas para estreia. Apenas a Imperial Filmes tinha a possibilidade de estrear os seus filmes no cinema Odeon por ali ter uma pequena posição. O estado das pequenas empresas de distribuição, era em geral, de agonia. No campo da exibição, se possível, a situação ainda era mais grave. Havia apenas dois cinemas independentes para estrear em Lisboa: Odeon (só parcialmente) e o Olímpia (de Outubro a Maio).

Para onde escoar o cinema português? As vezes, sem apoio, aguentava-se uma semana, quando muito duas. Os boicotes eram de toda a ordem.

A exibição do «Benilde ou a Virgem Mãe», no Apolo 70, nesse aspecto, é exemplar. A promoção do filme português assim, não era e continua a não ser possível, hoje que após a data histórica da criação da Cooperativa do Centro Português de Cinema (1967), o cinema português, marcado já pela qualidade, procura mercados, não só nacionais como estrangeiros. E é de reflectir como após o 25 de Abril, obras da cinematografia portuguesa têm merecido o apreço da crítica internacional da especialidade e lugares de destaque em festivais.

Entretanto, o público vai-se «educando» no mau gosto, vai cegando com pornos, eróticos de discutível qualidade, e «marciais» de uma indigência que dói, com a violência à solta e gratuita.



Na próxima semana Lisboa entra finalmente em férias musicais. Depois de um mês de Agosto, em que houve praticamente concertos todos os dias, a música rarefaz-se em Lisboa e arredores. Para já, concertos, só na Ericeira.

ERICEIRA

Parque de St.ª Marta
Dia 28, às 21.30 h
CORAL VERTICE
Cancioneiro de Elvas / Música Sacra /
Canções Populares e Regionais Portuguesa
/ Canções Heróicas de Lopes-Graça
 direcção: João Crisóstomo

Parque de St.ª Marta
Dia 3, às 21.30 h
RECITAL DE GUITARRA
Frescobaldi/Weiss Sanz/Falla/Turina/
Villa-Lobos/Lopes-Graça/Ohana/Llobet
/Castelnovo-Tedesco
Guitarra: Piñeiro Nagy
Com estes dois concertos, que vivamente se recomendam, prossegue o III Festival da Costa do Sol.

e o cinema Tivoli (exibição), tinham a Grafilme como laboratórios.

Para melhor compreender a engrenagem da aliança que originou este poderoso bloco, recorde-se que a Lusomundo e Castello Lopes pressionados pelos americanos tentam penetrar directamente no mercado angolano e simultaneamente actuam no sentido de consolidar as suas posições perante os patrões americanos do cinema lutando por obter o controle de exploração de mais salas de estreia em Lisboa e Porto. Para atingirem o primeiro objectivo constituem ou adquirem uma sociedade com sede em Luanda designada por Mundáfrica. Em relação ao segundo objectivo fazem diligências junto da empresa Cineação que possuía a exploração dos cinemas Monumental, Satélite, Império, Europa, Eden (na altura), Cinearte, etc.

Por seu turno, a Angola Filmes e Doperfilmes quando se associam formam a Intercine, possuindo em Lisboa, para exibição, os cinemas Castil, Europa, Monumental, Satélite, Império, Estúdio; na província, casas de espectáculos em Aljustrel, Bombarral, Carcavelos, Cascais (Oxford), Entroncamento, Ferreira do Alentejo, Golegã, Marinhais, Monte Real, Nazaré, Odemira; na Madeira (Funchal) tem o Cine Parque e o Teatro Municipal; nos Açores, uma casa de espectáculos em Angra do Heroísmo. Distribui Espectáculos Rivus e Sofilmes.

A Angola Filmes e Doperfilme (Intercine) lançam-se, por seu turno, em investimentos conjuntos não só para se defenderem em relação ao escoamento (estreia) do grande número de filmes que necessitavam garantir aqui em Lisboa para depois fornecerem a Angola e Moçambique, mas, ao mesmo tempo, para criarem uma organização robusta que agradasse a olhos americanos. Com o aparecimento da Intercine intensifica-se a concentração do mercado. Ficam sob a alçada exclusiva daquela empresa a Doper, Talma, Mundial, Distribuidores, Filmital, Internacional, Espectáculos Rivus e Sofilmes.

O pacote é u



Museu do Peixe Fresco: os cidadãos podem admirar os belos exemplares expostos, também abrangidos pelas medidas do novo pacote

POLÍTICA DE PACOTILHA

- 1.º O pacote da vizinha é sempre melhor caminha
- 2.º Mostra-me o pacote, dir-te-ei quem és
- 3.º Quem vê pacotes, não vê corações
- 4.º Não é por muito empacotar que amanhece mais cedo
- 5.º Empacotadores de todo o mundo, uni-vos!
- 6.º Nunca digas neste pacote não comerei
- 7.º Quem tem pacotes de vidro, tenha cuidado ao sentar-se
- 8.º Mulher honrada não tem pacote
- 9.º Quem empacota, sempre alcança
- 10.º Pacote amigo, a Europa está contigo

Princípio fundamental: o pacote do cidadão é inviolável



Eis o novo modelo de garfo, cuja utilização deverá coincidir com a aplicação das medidas de austeridade consignadas no pacote 5



Logo que o Governo mandou apertar o cinto, os suspensórios tiveram uma saída danada

Enquanto o Governo de Mário Soares ainda vai no pacote-2, ontem à noite desenbrulhado perante as câmaras da TV, «Sete-Ponto-Sete» vai mais longe e oferece desde já ao leitor as novidades do pacote-3. De entre as surpresas de maior impacto contidas no novo pacote, parece-nos justo destacar o carapau e a faneca, que passam a ser considerados artigos de luxo e ficam por isso mesmo sujeitos ao imposto de transacção. Como dizia esta manhã o economista privativo do nosso suplemento, «o pacote-2 ao pé do pacote-3 não passa de um mero embrulho». Em última análise, cabe ao leitor ir ao novo pacote e fazer as devidas comparações.

Quanto a nós, o pacote-3 é uma belíssima encomenda e talvez por isso os governantes pensam enviá-la a cada português com «aviso de recepção». Desta maneira, não acontecerá como das outras vezes que apareceram milhares de sujeitos a manifestar-se porque não tinham recebido nada, mais isto e mais aquilo.

Para além do carapau e da faneca já referidos, podemos adiantar que o pacote-3 vem agravar os preços de muitos outros artigos de luxo que não couberam no pacote-2, nomeadamente: pentes, esferográficas, sapatos de ténis, peúgas, pirolitos e sabão macaco. Ainda assim, a ideia mais considerável contida no próximo pacote é sem dúvida a do agravamento dos bilhetes do «metro» só nas horas de ponta. Um dos empacotadores explicou à nossa reportagem: «Não é tanto por se tratar de um transporte de luxo, é mais para descongestionar o tráfego à saída dos empregos». Convém dizer que a medida acima mencionada teve a aprovação da maioria, sabendo-se de pelo menos um ministro que votou vencido. Queria ele que se mandasse tirar todos os assentos do «metro» o que permitiria, pelas suas contas, cerca de onze mil lugares de pé em cada carruagem. «Uma tal lotação seria perfeitamente possível — disse — com a ajuda da Polícia de Choque na compressão dos «últimos» passageiros, para que se pudessem fechar as portas». Mas antes de avançarmos com mais revelações sobre o pacote-3, queremos aqui fazer um parêntesis para lhe dizer que as nossas investigações não foram fáceis. Houve mesmo quem ameaçasse partir-nos a cabeça à pacotada, e foi aí que pensámos: «Alto! Eles têm mais...». De

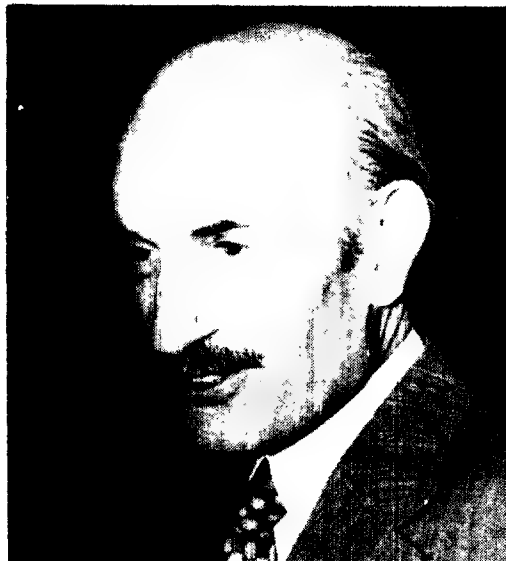
facto, aquela ameaça de agressão permitiu-nos ver, sobre uma mesinha de carvalho, mais nove pacotes em fila, o que perfaz um total de doze. Voltando ao pacote-3 que em boa hora actualiza os preços do supérfluo (refira-se o caso do papel higiénico



Com as medidas de austeridade do pacote 3 deverá abranger toda a vasta zona da Costa da Caparica. N «in loco» a viabilidade da nova lei Barreto

altamente sofisticado que se esbanja por aí) podemos revelar um aumento na portagem da ponte sobre o Tejo: «Vamos pagar a maldita de uma vez por todas!» — disse muito zangado um porta-voz da dívida.

Aliás, as novas medidas de austeridade assentam vigorosamente no património rodoviário, sabendo-se



Champalimaud (entrevistado via satélite): — Com o Governo a aviar pacotes desta maneira, penso ir aí abrir uma linha de montagem, para dar vazão às encomendas! (telefoto/«Sete-Ponto-Sete»)



Em declarações ao «Sete-Ponto-Sete» este sujeito disse não compreender por que motivo o pacote ignorou a sua salsicha

um descanso

por exemplo que está previsto o pagamento de portagem na Avenida da Liberdade, com vista à repavimentação das faixas laterais. Na Avenida ainda vá — comentou um popular — mas não admito portagem na minha rua!» (Desabafo precoce, este, já que o pagamento de portagem em ruas, travessas e becos só está previsto no pacote-4). Manda a verdade que se diga, o pacote-3 atinge duramente o próprio elenco governativo cujos ministros prontificam, a partir da sua entrada em vigor, a substituir o avião como meio de transporte, passando a utilizar diligências para vencer grandes distâncias. Além disso, as viagens a cavalo permitem um contacto mais chegado com as populações. Repare-se que numa deslocação a Espanha, as altas

sua pasta, vai respeitar a austeridade que impôs a si próprio por via do pacote:

Negócios Estrangeiros — Passa a contactar com os seus homólogos por meio de pombos-correio. Para os países nórdicos está prevista a utilização de frangos de aviário que aguentam, como todos sabemos, temperaturas baixíssimas nos congeladores sem perderem qualidade.

Educação — Compromete-se a fazer respeitar um programa de ensino onde só cabem as vogais (poupa-se a chatices das consoantes) e números só até 10 por causa dos Mandamentos e porque o Governo não quer problemas com a Igreja.

Finanças — Desaparece.

Justiça — As condenações passam a metade, com grande economia de tinta e papel de embrulho para os autos.

Transportes — Os seus meios de locomoção, às horas de ponta, passarão a ser o «metro», o autocarro, o eléctrico e o elevador da Bica. Além do cavalo para grandes distâncias, como já foi dito.

Agricultura e Pescas — Visitará as herdades alentejanas semana sim, semana não. No fundo, a ideia é confundir-se com os camponeses e aguentar ao seu lado uma carga da GNR para ver se é verdade que dói, como eles dizem.

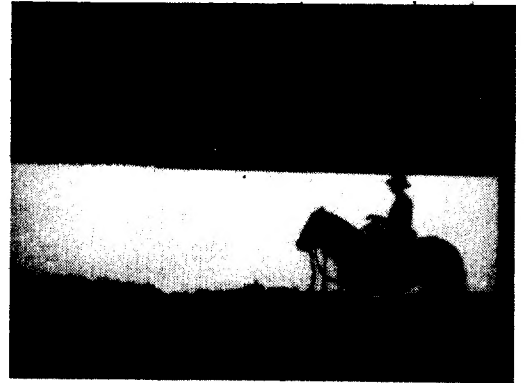
Comunicação Social — Tratará de fazer desaparecer todos os jornais existentes e mesmo os outros. O seu objectivo é tirar partido dos incêndios próprios da época estival e pôr as pessoas a comunicar entre si com mensagens tipo «Sioux».

É claro que os restantes ministros terão também as suas tarefas prioritárias, mas entretanto, desfiando o rosário de austeridade que importa ao público em geral, cabe-nos anunciar que o pacote-3 põe termo às horas extraordinárias na TV. A emissão diária será exclusivamente preenchida com a Gabriela, a vaca, e três minutos de Telejornal: dois minutos para o «Momento Político» e um para a «Carta Aberta», a pedido das massas populares. Não referimos aqui, por nos parecer um ataque pessoal, aquela alínea do pacote que retira o motorista ao funcionário Niza da RTP. Por outro lado, também os almoços

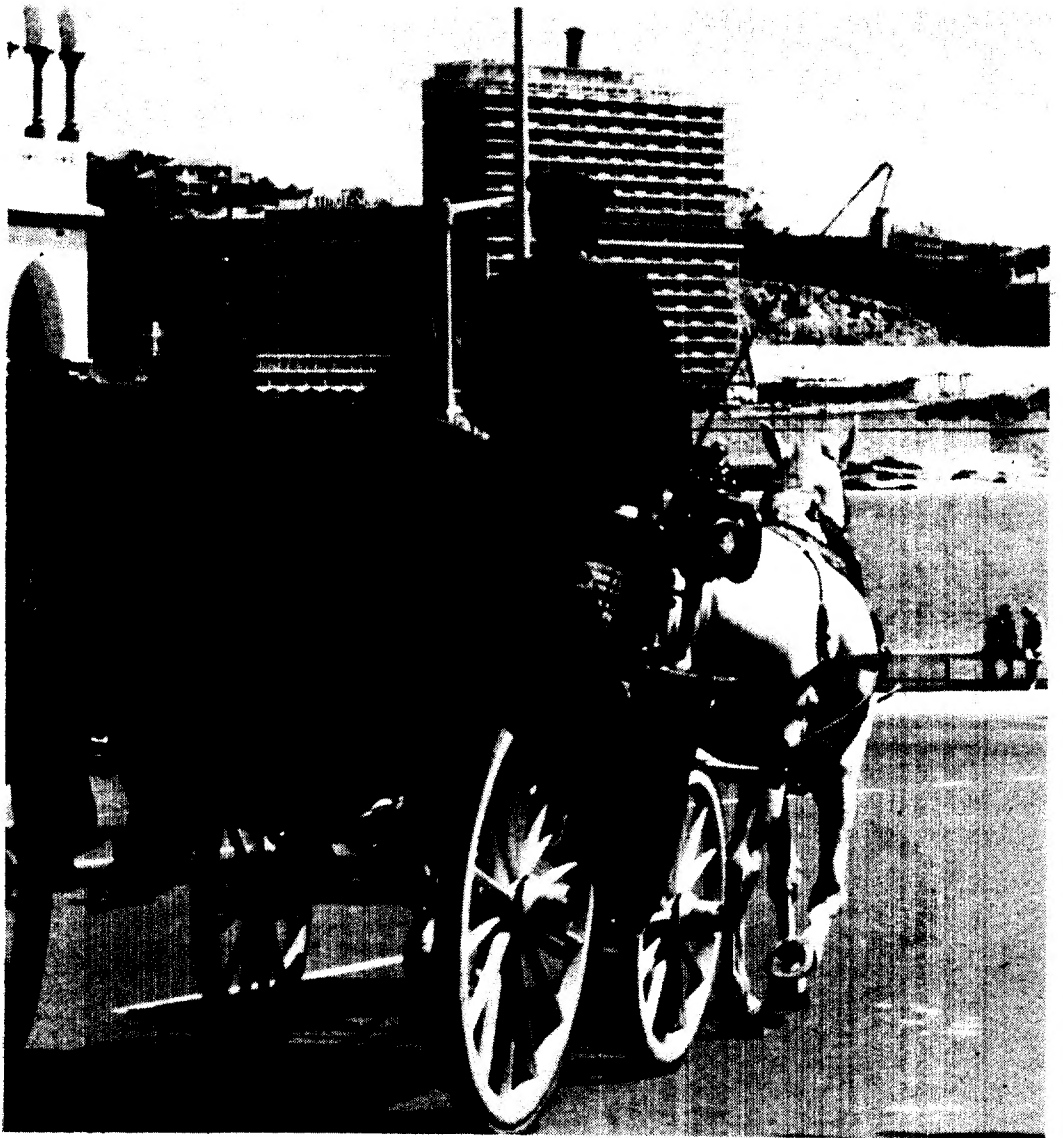
e jantares a governantes e diplomatas acreditados no Tavares Rico serão suprimidos com a entrada em vigor do novo pacote.

Finalmente, e a despeito das repercussões internacionais que a notícia possa ter, somos obrigados a divulgar, por razões de consciência e sentido profissional, que no pacote-3 já não se alude à flutuação do escudo, o que leva o nosso economista a supor que por essa altura ele já foi ao fundo, não se fala mais nisso.

Outras novidades e consequências do futuro pacote ficam patentes nas imagens que aqui publicamos, devidamente localizadas.



Uma das consequências do pacote 3: os enviados do Governo irão a cavalo. Mas lá mais para diante, aí por alturas do pacote 7, terão de ir a pé, devido ao imposto de consumo sobre a alfarroba.



O exemplo vem de cima: ministros vão de diligência a caminho de S. Bento, onde uma reunião decidirá da urgência de lançar ao público os próximos pacotes

ÚLTIMA HORA

Aprovada a lei do nudismo

(Do nosso enviado a S. Bento, pelo telefone interno) — O Conselho de Ministros, reunido em assembleia extraordinária, acaba de aprovar a lei do nudismo, que tanta polémica tem levantado ultimamente nos meios de comunicação. A aprovação foi decidida por unanimidade, minutos após os governantes terem meditado nas palavras do ministro das Finanças: «Se o pacote 2 pôs os portugueses de tanga, é justo que o pacote 3 os deixe em pelota».



Ao tomar conhecimento do conteúdo dos próximos pacotes, o repórter do «Sete-Ponto-Sete» ficou com esta expressão esquisita



Jorge de Melo esquivou-se à nossa reportagem. Ele exigia um pacote privado



«Mas por que é que no meu tempo não havia pacotes?»



Deverá surgir a terceira reforma agrária, que trará a reforma da agricultura. Na imagem, vêem-se alguns técnicos estudando

entidades saídas de Lisboa passarão pelo Carregado, Santarém, Entroncamento, Pêgo, Nisa, Castelo Branco, Fundão, Covilhã, Guarda e Vilar Formoso, até Cuidad Rodrigo. (Paragens obrigatórias para muda de cavalos em Carregado e no Pêgo. Mais há mais. Vejamos agora como é que cada ministro, no âmbito da



Angustiados com as medidas (30x20x18) estes cidadãos apressam-se a devolver o pacote ao remetente, em S. Bento

C. P. — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E. P.

GRUPO DE TRABALHO DE SUCATAS

Está aberto concurso, até dia 9/9/77, para venda das seguintes unidades de via estreita (bitola de 1 metro), estacionadas ao longo da linha de Guimarães:

- 37 carruagens
- 4 furgões
- 10 vagões

Todas as informações complementares bem como o caderno de concurso podem ser obtidas na Divisão de Abastecimentos, Rua de Santa Apolónia, 65 — Lisboa 2, Telefones 869760 a 68 extensões 228 e 229, ou na Chefia da Região Norte, edifício da estação de S. Bento, Porto, Telefone 21054.

DOAÇÃO

No dia 21 de Agosto, Dia Nacional dos Bombeiros Voluntários, foi feita a doação de uma ambulância aos Bombeiros de Parede, pelos Exmos. Senhores José Mário Simões Berto e esposa Maria da Conceição Mendes Berto, acto esse a que se dignou assistir o Senhor Presidente da Câmara de Cascais e outras individualidades. Aos dadores, foi feito o agradecimento devido, tendo estes ao usar da palavra manifestado simplesmente o seu contentamento por ter sido possível contribuir um pouco p/ o auxílio a todos aqueles que necessitam.



DE FÉRIAS COM O Diário de Lisboa

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 6\$00 por exemplar

NÃO SE ENVIAM RECIBOS A COBRANÇA

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA - Dep. Confeccções

Av. João XXI, 5-D — R. Infanteria 16, 55-C — Lisboa

CARTAS DE CONDUÇÃO

PARA BEM SERVIR PROCURE A

GRANCOOP

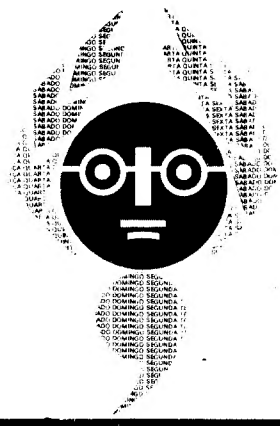


COOPERATIVA DE ENSINO DE
CONDUÇÃO AUTOMÓVEL DE LISBOA

PREÇOS INFERIORES À TABELA GERAL

Av. João Crisóstomo, 66, 1.º-D
Telef. 577209 — S. SEBASTIÃO

LISBOA 1
Telef. 535263



aPONTO e virgula

ALBERTO PIMENTA AUTORES
E EDITORES

Um dia destes o poeta (poeta, pois: que outro nome lhe dar?) Alberto Pimenta dava uma entrevista à página «Texto e Diálogo», de «Jornal da Costa do Sol», que se publica em Cascais. O mais da entrevista — que, tanto quanto julgamos saber, é a primeira que Alberto Pimenta dá em Portugal — refere-se à obra poética (que outra designação, além de obra poética?) do autor. Mas há uma questão que o entrevistador (Júlio Conrado) lhe põe e a que Alberto Pimenta dá uma resposta que interessa reter e ponderar. Pergunta o entrevistador: «Que é que o tem levado a optar pela «edição de autor»? Impossibilidade de os editores entenderem a sua obra, sabendo-se que no mercado aparece muito subproduto ostentando chancelas «responsáveis»? O não querer sujeitar-se às demoras e evasivas dos «conselheiros literários» das mesmas editoras? Ou o poder olhar directamente pelos seus livros, cuja complexidade gráfica reclama, decerto, atenções e cuidados extremos na fase de composição?». Alberto Pimenta não responde directamente, antes recorre à sua própria experiência pessoal: reporta-se a um livro que em tempos pretendeu publicar, diz que ele esteve nas mãos dum editor durante quatro ou cinco anos e que, ao fim desse tempo todo ele (o livro) estava («sobretudo para mim») desactualizado. A propósito: «Não sei se em Portugal os editores costumam tomar a iniciativa de entrar em contactos com os autores potenciais, ou se deixam que seja o acaso a trazer-lhes os manuscritos. Como o país é pequeno, não deve ser uma coisa nem outra». Comentário nosso: de facto, e decerto porque o país é pequeno sobretudo no sentido figurado ou metafórico da palavra, nem uma coisa nem outra. Antes talvez pelo contrário.

ALBERTO PIMENTA: «Ascensão de Dez Gostos à Boca» (Ed. do Autor-Dist. Parceria)

Já aqui falámos deste livro. Foi não há muito, quando ele saiu, e sobre a hora pelo se justifica certamente mais esta referência. Trata-se de um conjunto relativamente numeroso de textos integrados em dez séries sucessivas (tituladas em função do que logo no título se diz) e há logo aqui (o que, aliás, já se verificava pelo menos nos dois livros anteriormente publicados pelo autor) uma unidade, uma coerência, uma ordem (temática, e pelo menos formal) a assinalar. Uma das concepções que mais fortemente preside aos textos parece ser a de que um texto, sendo elaboração, organização, confecção, etc., pode também ser, ou deve sobre tudo ser, um trabalho inventivo, à procura de efeitos que podem, e sobretudo não devem, coincidir com os resultados habituais obtidos pelo bom-senso lógico-discursivo dos escritores, esses produtores textuais alienados às motivações rotineiras da mensagem e outras coisas assim. Assim, ou seja, doutro modo, o que Alberto Pimenta faz é um minucioso e paciente labor construtivista à caça (mas talvez não obstinadamente) dum impacto mais forte (se possível chocante) mediante a produção de estruturas (textuais, escriturais, discursivas — ou anti-isso) insolitamente novas, às vezes, outras vezes tão surpreendentemente iguais às da nossa experiência mais corriqueira que é precisamente aqui onde o efeito mais forte naturalmente (mas, não raro, penosamente, a custo) se produz. Daí a função imediatamente pedagógica, didáctica (sempre no sentido de poética, todavia) que estes poemas (chamemos-lhes, assim, que outro nome lhes dar?) exercem. Um objectivo, parece-nos — e decorre ainda da concepção que o autor deve ter destas coisas a que se dedica: oferecer ao leitor a possibilidade de ele fazer a sua leitura de (sobre) um texto aberto — até no sentido da configuração espacial do poema estampado na página, própria grafia ou da visualidade do poema. Nada aqui, no entanto, é gratuito — ao contrário do que poderá pensar o leitor inadvertido (ou principalmente mais alienado à concepção vamos convir que algo monolítica ou tendencialmente monolítica, da poesia como trabalho de linguagem). Pelo contrário — e esta conclusão também poderá assumir proporções desfavoráveis — tudo ou quase tudo é aqui dificilmente rebuscado — no sentido

de conseguido mediante uma grande vigilância exercida sobre os meios e os expedientes de recurso para a feitura do poema, a confecção dele enquanto objecto. Seremos daqueles leitores interessados menos afectos às concepções que informam e enformam, por exemplo, a poesia «concretista» ou assim chamada. O trabalho de Alberto Pimenta situa-se muitas vezes nesta área poética, remontando necessário à estética que lhes está subjacente. Torna-se (-nos) no entanto necessário reconhecer como por vezes uma prática como é o caso deste pode ser pretexto para uma séria reflexão sobre as inúmeras e monstruosas alienações que nós vivemos nas nossas relações com os outros e no mundo. De parte isto, certamente não é muito claro, registamos que «Ascensão de Dez Gostos à Boca» é o quarto livro que o autor publica. O primeiro foi em 70, «O Labirintodonte». O segundo, «Os Entes e os Contraentes», em 71. O terceiro data de 73: «Corpos Estranhos». Temos para nós que o livro (o conjunto de peças) mais conseguido (aquele onde as peças são, na generalidade, mais trabalhadas,

ascensão de
dez gostos
à
boca

alberto pimenta



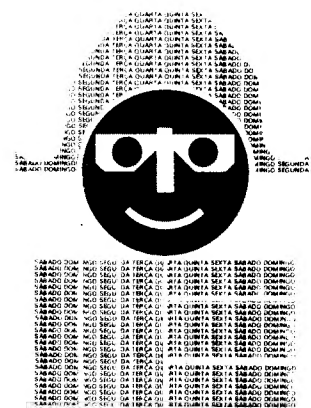
laboradas, elaboradas, coesas e coerentes na sua feitura, fecundas e consequentes nas suas implicações — com o exterior, por assim dizer) é «Os Entes e os Contraentes». Mas isso não deve querer qualquer menor interesse em relação aos restantes livros. De resto, a obra de Alberto Pimenta está aí toda, encontrável, mais livro menos livro, nas livrarias, e o curioso que não saiba ainda e queira saber entretanto pode ver como é). Além de mais só outro aspecto para que vale a pena prevenir: uma certa vocação satírica, que é talvez muito mais do que isso: uma terrível crueldade, quando se trata de pôr em questão a instituição, o instituído onde se prendem o nosso anquilosamento, a nossa necrose prematura. Ainda: se bem que não seja muito do domínio público, Alberto Pimenta é hoje e aqui neste mundo onde nos cruzamos em português o autor já duma obra como não haverá outra que se lhe possa comparar em pesquisas contraponticamente empenhadas e em resultados contrapontísticos (poéticos, ainda assim) obtidos. Não é dizer isto assim por assim dizer isto. É cá uma impressão — como se dirá batendo nas teclas da máquina de escrever com alguma pressa —, é cá uma impressão que nós temos.

FRANZ KAFKA: «América» (Europa-América) O leitor deve saber antes de mais que se trata de um projecto que o autor apenas começou a realizar e de que apenas escreveu os capítulos iniciais. «América» é um romance inacabado, como «O Castelo» e «O Processo» aliás, só postumamente publicados por Max Brod. E se referimos aqui mais estes dois títulos é porque eles se associam a «América» para formarem um conjunto, uma trilogia, que só contingências da vida do autor não permitiram realizar inteiramente. Max Brod, 71 anos, fala disto no posfácio a esta obra da vida inacabada, assinalando como a categoria solidão faz parte integrante já dos primeiros capítulos desta obra, como já fazia parte de «O Castelo» e «O Processo». Esclarece-se ainda que «América» é muito mais incompleto do que qualquer dos outros dois romances, que, aliás, se podem ler como obras acabadas. Na verdade, Kafka não fez mais do que os primeiros capítulos do que viria a ser um romance com as mesmas proporções de «O Castelo» e «O Processo». No entanto, basta-nos ler os oito capítulos que aqui figuram integrais (embora não revistos na sua escrita, naturalmente), e embora com uma articulação a que o autor faria — se viesse a fazer — as devidas correcções para notarmos que estamos perante as primeiras pedras duma

construção de dimensões calculáveis (a partir dos dois romances já citados, por exemplo). Supomos que «América» é pouco conhecido da maior parte do público que não conhece Kafka mais largamente. Talvez por isso valha a pena resumir aqui a história que os capítulos existentes desta obra nos contam. É a história (chamemos-lhe a história) de um adolescente que se vê obrigado a emigrar para uma região para ele desconhecida (a América) onde terá de viver, de sobreviver, através dos seus próprios meios e recursos. No primeiro capítulo trata-se da viagem de barco que o adolescente faz. O processamento duma relação de amizade entre Karl e um fogueiro do navio é o objecto da narrativa. O fogueiro é um tipo perseguido por iguais e superiores na hierarquia, e este facto constitui o agente dinamizador da simpatia de Karl. Há aqui uma relação que se pode resumir a isto: o fogueiro funciona como o oprimido, e é por isso que Karl para ele (conta o oprimido) se inclina. Por outro lado, o «Fogueiro» constitui uma espécie de «apoio» de que Karl carece. Um episódio estranho vem destruir esta relação do filho desprotegido com a protecção companheira e fraternal que, num plano ligeiramente superior (paternal, pois, embora substitutiva), o fogueiro representa. O episódio: é o caso que um parente de Karl rico, subtraído à aventura errante e colocou sob a sua protecção — passando o rapaz a viver rodeado de todo o conforto material de que precisa e nem precisa, mais a atenção ou solicitude constante desse parente inesperado. Outro acontecimento estranho tira o rapaz deste mundo a que fatalmente ele não estaria destinado (ou que estaria destinado a perder), e começa depois uma fase difícil da sua vida. Antes porém: o que se passa no casarão atinge desde logo o plano mais elevado da pesada, densa, sobrecarregada simbologia kafkiana. É a categoria do absurdo que se revela numa relação não se sabe se errada ou equivocada (e pode-se sustentar se não defeituosa) mas de que se sabe tão só que produziu uma situação intolável para a inocência que a sofre e não pode, nesse sofrimento impotente, fazer ouvir, com uma palavra de protesto, a sua voz. Mais tarde, noutra situação mais grave ainda, Karl não de reflectir sobre isto — a solidão, a falta de protecção numa relação possível com outro ser com quem trocar — e neste termos: «é impossível uma pessoa defender-se se não houver boa vontade».

Mas Karl é uma adolescente e Kafka não

quereria fazer da história de um adolescente a narrativa dum minucioso processo de destruição. Max Brod diz-nos que Kafka estava convencido que este livro seria o seu livro mais optimista. E é. Ou o menos pessimista, vamos lá. Este relativo optimismo sustenta-se de dois motivos fundamentais: primeiro, nem todos os seres que se cruzam ou estão próximos de Karl estão empenhados em segregá-lo, em expulsá-lo do seu convívio (ou sequestrá-lo), e há mesmo alguns de cuja primeira impressão nunca se sentirá traído: depois, já não estamos dentro dum mundo fechado — o que não quer dizer que não se trata uma vez mais, aqui, dum universo ainda concentracionário; mas há sempre uma possibilidade de escapar, de fugir, de ultrapassar uma situação difícil, iludir as suas guardas, passar por cima dos seus muros. Outra nota: Kafka nunca esteve na América, mais concretamente, nos Estados Unidos da América, onde localizaria a acção deste «América». A América seria pois, para ele, um mundo ao mesmo tempo real e irreai, de qualquer modo: imiar do desconhecido e espaço desse desconhecido, objecto de uma curiosidade incalculável. Daí, a surpresa, primeiro, e depois o entusiasmo de Karl diante do Novo Mundo — nas ruas, nos transportes, nas casas, nos corredores das casas. É o movimento trepidante da vida urbana que mais o atrai. E o que poderemos talvez considerar o último capítulo (tendo em conta que Kafka nunca chegou a escrever os outros que o deveriam preceder) revela-nos uma faceta não muito frequente na obra do autor: o gosto declarado pela vida ao ar livre e a convicção íntima de que esta vida é possível num espaço aberto à iniciativa de cada um sem ter de pôr de parte de antemão a possível solidariedade dos outros. A caminho de Oklaoma, para onde vai com um amigo para trabalhar num teatro ao ar livre, Karl tem a alegria dos olhos na paisagem que se passa pela janela do comboio em andamento. É uma vida nova que o espera. Este romance de Kafka (Max Brod ainda) teria talvez outro sentido que a generalidade da obra do autor não tem. É uma hipótese inútil, de qualquer modo: Kafka não chegou a escrevê-lo, todo. De qualquer modo, incompleto, inacabado, aí está Aqueles que gostam de Kafka e não conhecem isto, têm aqui esta oportunidade, nos livros de bolso da Europa-América — acrescenta-se que pela segunda vez em português e em Portugal: uma primeira edição já tinha saído aqui há uns sete-oito anos noutra editora de Lisboa.



caixa do PONTO

BAIRRO ALTO
(R. Tenente Raul Cascais, 1-A
T. 66 15 15)

CASIMIRO E CAROLINA
de Odon von Hóvarth
pelo Teatro da Cornucópia

No outro extremo, o espectáculo da Cornucópia pode talvez definir-se por uma frase de duplo sentido: «venha dar um tirinho!». Ou de como



uma feira popular se transforma no lugar da História, e uma voz amável e anónima dá a vez à voz sinistra que agora alguns querem resuscitar. Aviso à navegação, este espectáculo sobre a pequena burguesia alemã pré-nazi diz respeito a todos nós. É que grande espectáculo!

COMUNA
(Pr. de Espanha
T. 76 26 24)

BARRACA CONTA TIRADENTES
de Augusto Boal e Gianfranco Guarnieri
pelo grupo A Barraca.

Agora na casa da Comuna, ali à Praça de Espanha, a Barraca volta a contar, a cantar a história de um jovem que quis fazer uma Revolução. Não a fez mas lançou os grãos de uma revolução que há-de ser no Brasil libertando os colonizadores mas ainda não dos exploradores imperialistas. Veja ou reveja: é um prazer que não cessa.

QUARTETO
(R. Flores de Lima, 16
T. 77 13 78)

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE JACK O
ESTRIPADOR
de Isabelle Huppert

Duas prostitutas que se amam — eis neste Verão lisboeta o inesperado filho. Quem quer ver o quê? E o que vê? Este espectáculo começa mais a ter com a sociologia do que com o teatro. A estudar.

MONUMENTAL
(Saldanha
T. 55 51 33)

AQUI QUEM MANDA SOU EU!
de Barillet e Grédy

Quem manda?

LAURA ALVES
(R. da Palma
T. 86 47 56)

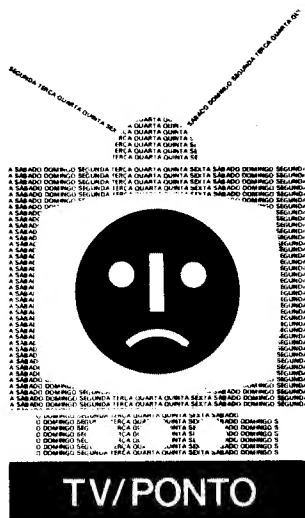
CALCINHAS AMARELAS
de José Vilhena

Aqui mandam as calcinhas amarelas.

ADÓQUE
(Martim Moniz
T. 87 44 76)

Ó CALINHAS CALA A BOCA!
de Ary, Nicholson, Preto e Viana

Um copo de água fresca num dia de calor. Ou uma bela revista a não perder.



SÁBADO, 27

I PROGRAMA

- 14.02 Telejornal
14.15 Ida e Volta
14.45 O Povo e a Música
15.10 Os Melhores
15.35 Animação
16.00 Os Waltons



- 16.55 Telejornal
17.00 Entre barreiras
17.30 Jogos sem barreiras
18.30 Magazine
19.30 Espaço 1999
20.30 Telejornal
21.05 Boletim Meteorológico
21.10 A Feira
22.30 Volta a Portugal em Bicicleta
22.50 Telejornal
23.05 Sábado especial

II PROGRAMA

- 21.02 Gabriela
21.40 Telejornal
22.10 O Moínho Eterno

DOMINGO, 28

I PROGRAMA

- 12.32 Missa de domingo
13.10 Os rapazes do 47-A



- 13.40 Desenhos animados
13.55 Automobilismo
14.15 Telejornal
14.30 Automobilismo
16.00 O treino de um golfinho
17.30 Telejornal
17.35 Bota das 7 léguas
18.00 Marco
18.30 Grande encontro
19.30 Concerto Promenade
20.30 Telejornal
21.05 Os Marretas



- 21.35 A Família Adams
22.50 Volta a Portugal em Bicicleta
23.05 Telejornal

II PROGRAMA

- 21.02 Gabriela
21.35 Telejornal
22.10 A Feira

SEGUNDA, 29

I PROGRAMA

- 18.32 Telejornal
18.35 Bonecos
18.55 Abre-te Sésamo
19.25 Inventário Musical
20.00 Telejornal
20.35 Gabriela
21.05 Boletim Meteorológico
21.10 A visita da Cornélia
23.15 Telejornal

II PROGRAMA

- 21.02 Telejornal
21.35 Choro porque sou imbecil

TERÇA, 30

I PROGRAMA

- 18.32 Telejornal
18.40 Histórias do Bubu
19.00 1, 2, 3... É a tua vez
19.30 Telecinema
20.00 Telejornal
20.35 Gabriela
21.10 Boletim Meteorológico
21.15 Elisio de Moura
21.55 Mosaico
23.25 Telejornal

II PROGRAMA

- 21.02 Telejornal
21.35 A visita da Cornélia

QUARTA, 31

I PROGRAMA

- 18.32 Telejornal
18.35 Bonecos
18.55 Abre-te Sésamo
19.30 Cientificamente
20.00 Telejornal
20.35 Gabriela
21.10 Boletim Meteorológico
21.15 A ponte de Waterloo
23.10 Telejornal

II PROGRAMA

- 21.02 Telejornal
21.35 Gabriela
22.20 Histórias de Munique



QUINTA, 1

I PROGRAMA

- 18.32 Telejornal
18.35 Espaço Arte
18.55 As aventuras de Robinson Crusó



- 19.30 Tempo de desporto
20.00 Telejornal
20.35 Gabriela
21.00 Boletim Meteorológico
21.05 Vamos jogar no Totobola
21.15 O Homem e a Terra
21.40 Colditz



22.50 Telejornal

II PROGRAMA

- 21.02 Telejornal
21.35 Gabriela
22.10 Askellasy tod...

SEXTA, 2

I PROGRAMA

- 18.32 Telejornal
Jardins zoológicos de todo o mundo
19.00 Abre-te Sésamo
19.30 A Ideia e a Imagem
20.00 Telejornal
20.35 Gabriela



- 21.05 Taça do Mundo de Atletismo
23.10 Telejornal

II PROGRAMA

- 21.02 Telejornal
21.35 Gabriela
22.10 Histórias da Música
22.40 Histórias Insólitas



SOLUÇÕES

HORIZONTAIS

1/4/17, PIERRE ELIOT TRUDEAU. 7 Cs. 9 Espiar. 11 Ao. 12 AS. 13 Mi. 14 Arc. 16 Aa. 21/47 SANJAY GANDHI, 25 Laivos, 26 Se. 28 Asa. 29 Empar. 30/61 MARILYN MONROE. 33 Opa. 35 Mãos. 36 Páscoa. 39 Srs. 40 Os. 41 As. 43 Iena. 46 An. 52 Nus. 53 Dors. 54 Atacais. 56 Aas. 58 Ocas. 63/76/83 ADOLPH VON THADEN. 66 Limão. 68 Ião. 69 Tré. 70 Te. 72 Pg. 73 Aaai. 74 És. 75 Ahi. 79 Dai. 81 Sô. 82 Pileca.

VERTICAIS

1 Papa. 2 Remodor. 3 És. 4 Eis. 5 La. 6 Irmãs. 7 Campas. 8 Sol. 10 Paça. 15 Res. 17 Tampas. 18 Ripas. 19 Uva. 20 Usa. 22 Aulas. 23 Janssen. 24 Yang. 25/60 LEOPOLD SENGHOR. 27 Er. 31 Im. 32 Yori. 34 Ca. 37 Cansar. 38 Os. 42 Chavo. 44 Nuca. 45 AS. 46 Aran. 47 Ga. 48 Até. 49 Na. O. 50 DC. 51 Il. 55 Sopa. 57 Solta. 59 Chô. 61 Mimo. 62 Elrada. 63 Aa. 64 Dote. 65 Li. 67 Mela. 71 Esta. 72 P.A. S. 76 Vi. 77 Lo. 78 Ne. 80 It.